

A revista que pensa a Educação.

 **SANTILLANA**

ANO 10 • Nº 20 • 2021

EDUCATRIX

CIDADANIA

A ESCOLA COMO BERÇÁRIO
PARA A EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA

por Djamila Ribeiro

POR DENTRO

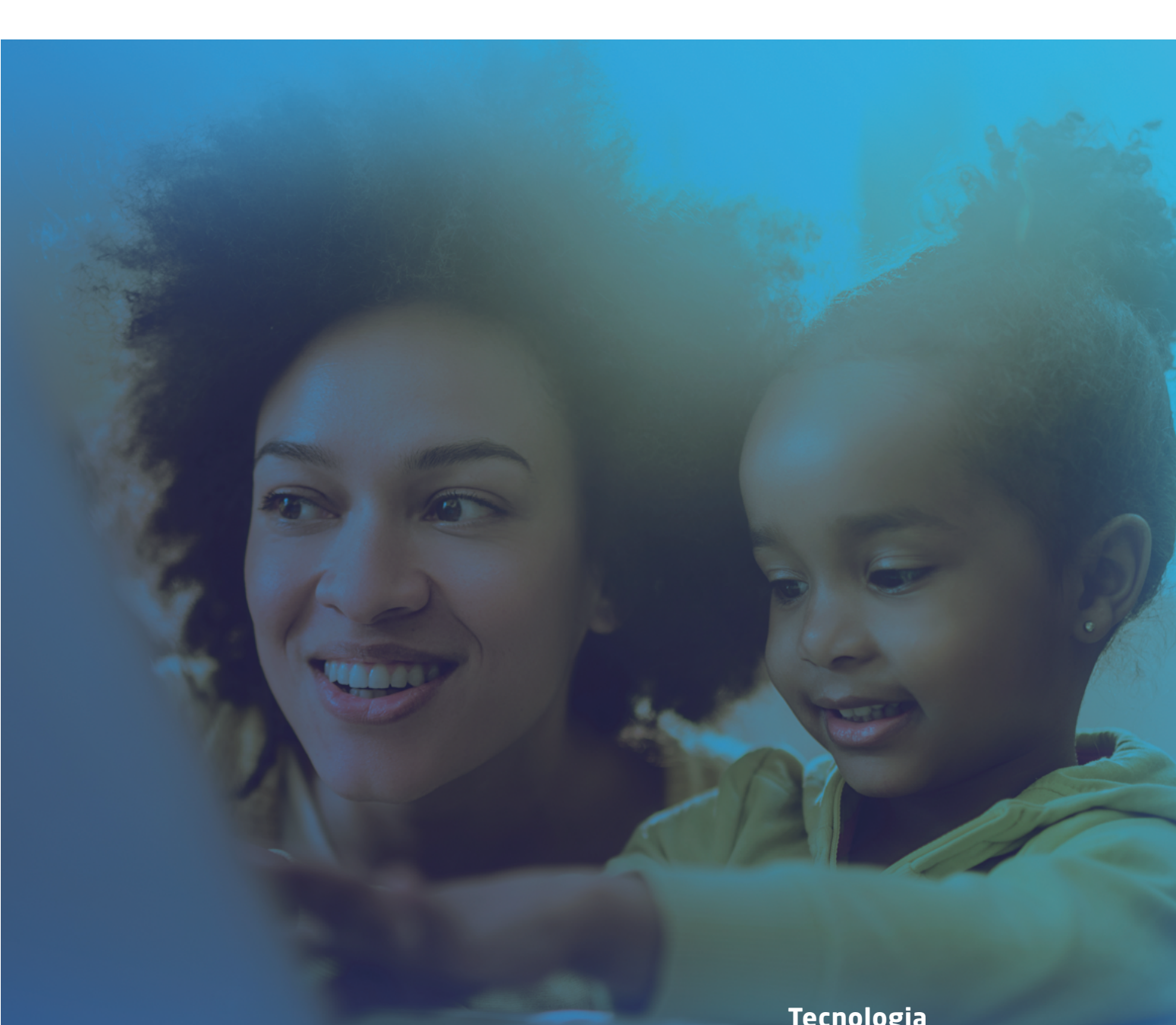
A NOVA RELAÇÃO
ENTRE FAMÍLIAS
E ESCOLAS



{Especial de 10 Anos}

APRENDIZADOS PARA A NOVA DÉCADA

PRÓXIMOS PASSOS PARA A EDUCAÇÃO



Tecnologia

Negócios

Educação



EDUCAÇÃO E CONEXÕES A FAVOR DO CONHECIMENTO



Richmond



WWW.GRUPOSANTILLANA.COM.BR

FORMAÇÕES

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA

A FORMAÇÃO DO ALUNO COMEÇA SEMPRE COM O DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR. PENSANDO NISSO, CRIAMOS AS **FORMAÇÕES EDUCATRIX**, UMA FORMA INOVADORA DE TRANSFORMAR SUA REVISTA FAVORITA EM UMA FERRAMENTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES.





PLENOS SABERES

Acesse gratuitamente no portal da Educatrix e aproveite todos os conteúdos.



WWW.MODERNA.COM.BR/EDUCATRIX



Você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores.

Acesse gratuitamente no portal da **Educatrix** e aproveite todos os conteúdos.

www.moderna.com.br/educatrix



MODERNA

O que sua escola aprendeu nos últimos 10 anos?

FALAR SOBRE a velocidade das mudanças no mundo atual é chover no molhado. Ao refletir sobre 2020, como em um estalo, nós nos lembramos dos planos que tivemos que adiar, mas, em uma reflexão mais profunda, percebemos que tiramos da gaveta projeções e planos para encontrar caminhos que fossem viáveis para a situação da pandemia da Covid-19.

Nas reuniões virtuais de pauta da *Educatrix*, além das saudades dos nossos colegas e de você, educador, temos nos deparado com um novo olhar sobre o tempo. Dias que se repetem, semanas que passam em um piscar de olhos e meses que nem sempre parecem produtivos. Nesse vislumbre sobre o tempo, nos demos conta de que esta edição, número 20, marca a primeira década da nossa *Educatrix*. Em um momento tão atípico, esse marco celebra e nos faz relembra nossa decisão de criar este espaço com tanto cuidado para você, desde a concepção do nome até a proposta de valor da *Educatrix*, que chega até você gratuitamente como um compromisso que temos há tanto tempo com a educação pública e privada do país.

Quisemos que essas próximas páginas fossem também rasculhos das suas próximas páginas na nova década, transformadas pela pandemia, com reflexões sobre o presente ainda incerto e o legado que vamos levar para o capítulo seguinte. Vamos mergulhar juntos em lições aprendidas e ouvir experiências de escolas, educadores e famílias de diversas regiões brasileiras. Conversamos com mães e alunos para entender como foi ter a escola invadindo a sala de estar de casa e como conciliar o *home office* e as necessidades do ensino remoto emergencial proposto por muitas escolas.

Ainda sobre a relação escola e família, Gustavo Wigman traz uma rica contribuição sobre a importância dos valores compartilhados entre as instituições de ensino e as famílias nesse momento e o papel que cada agente da educação precisou assumir durante o ensino remoto emergencial.

Lucí Ferraz nos dá uma aula sobre aprendizagem visível, um tema que está adentrando as pautas pedagógicas pelo mundo. Lilian Bacich e Leandro Holanda trazem um material completo sobre o ensino híbrido, uma realidade que, enfim, veio para ficar.



Para deixar a edição ainda mais completa, convidamos quem mais nos inspira para uma participação especial: você! Para compreender a sua realidade a partir do contexto da pandemia, elaboramos uma pesquisa nas nossas redes sociais sobre o comportamento digital dos educadores. Um breve balanço sobre como o trabalho remoto, o distanciamento social e os desafios impostos à educação impactaram a vida e as práticas de gestores, coordenadores e professores. O resultado desse estudo você encontra na seção “Panorama”.

E para abrir a nova década efetivamente, convidamos a equipe do Porvir para adentrarmos numa retrospectiva sobre as conquistas educacionais da última década e projetarmos os próximos passos que veremos nos grandes temas da Educação, como políticas públicas, ensino híbrido, avaliação, inclusão digital e muitos outros.

Com exclusividade para a *Educatrix*, a filósofa Djamila Ribeiro assina a seção Cidadania com um artigo inspirador e biográfico sobre o papel da escola como berço da educação antirracista. Além disso, Januária Alves desbrava a questão de gênero com uma reportagem recheada de práticas e conceitos.

Esperamos que as próximas páginas venham em boa hora para você e para a sua equipe. Em nome de toda a Santillana Brasil e da equipe dedicada a pensar, a planejar e a tornar a *Educatrix* uma revista viva e atual, agradeço a companhia e a inspiração durante toda a última década. Desejo que, juntos, a gente aprenda, desbrave e conquiste muito mais nos próximos 10 anos.

Boa leitura! □

Ivan Aguirra Izar

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

EDUCATRIX

A revista que pensa a Educação

▶ **SAIBA +** | UBUNTU, ALDEIA EDUCATIVA E COMPROMISSOS COM A EDUCAÇÃO BRASILEIRA PÁG. 8

▶ **FIO DA MEADA** | A PANDEMIA DA MUDANÇA PÁG. 10

▶ **ENTREVISTA AILTON KRENAK** | UMA EDUCAÇÃO PARA DESMONTAR OS MUROS PÁG. 12

▶ **TENDÊNCIAS** | A HORA E A VEZ DA APRENDIZAGEM VISÍVEL PÁG. 20

▶ **CONEXÃO** | INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: COMPROMISSO COM VOCÊ PÁG. 26

▶ **FOCO** | 2021: UMA ODISSEIA AOS NOVOS VELHOS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PÁG. 34

▶ **GESTÃO ESCOLAR** | OLHARES PARA A ESCOLA: PERDAS E GANHOS PÁG. 42

▶ **POR DENTRO** | O NOVO NORMAL: FAMÍLIAS E A ESCOLA PÁG. 48

▶ **PANORAMA** | NOVOS COMPORTAMENTOS: O EDUCADOR NA ERA DIGITAL PÁG. 56

▶ **PLENOS SABERES** | CULTURA DIGITAL? E AGORA? PÁG. 62

▶ **CIDADANIA** | A ESCOLA COMO BERÇÁRIO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PÁG. 70

▶ **ESPECIAL 10 ANOS**

*Aprendizados para uma
nova década: próximos
passos para a educação* PÁG. 78



▶ **NA TELA** | COMO AVALIAR NO ENSINO HÍBRIDO? PÁG. 94

▶ **LINHA DE RACIOCÍNIO** | O QUE É PRECISO PARA QUE ESSA SEJA A DÉCADA DA EDUCAÇÃO INFANTIL? PÁG. 98

▶ **PERSPECTIVAS** | PARA FALAR SOBRE GÊNERO NA ESCOLA PÁG. 102

▶ **PENSAMENTO ACADÊMICO** | COVID-19: DESINFORMAÇÃO E O ANALFABETISMO CIENTÍFICO BRASILEIRO PÁG. 108

▶ **FAVORITOS** | CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR PÁG. 112

▶ **ARMANDINHO** | ALEXANDRE BECK PÁG. 114



UBUNTU, ALDEIA EDUCATIVA

E COMPROMISSOS COM A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Lições que vêm de longe: como ser e fazer escola de forma coletiva?

TEXTO *Ivan Aguirra*

“**PARA EDUCAR** uma criança é preciso uma aldeia inteira.” Você, com certeza, já leu e ouviu muitas vezes esse provérbio africano. E, lá no fundo, pode ter pensado: que utopia das maiores, ainda mais desembarcando nestes territórios tupiniquins, onde a polarização e os interesses individuais e econômicos sempre falaram mais alto. Utopia pura!

Realmente, o Brasil não é um país para amadores (nem para quem tem pretensão de educar e/ou propensão à gastrite). Mas nunca podemos perder de vista a educação em seu sentido mais amplo, que vai além da escola como espaço físico. A escola e seus professores têm um papel transformador, mas, sozinhos, não transformam uma socieda-

de. Isso parece não ter sido muito bem assimilado ainda por aqui, um lugar que tem como bandeira a descontinuidade nas políticas educacionais ao calor de uma mudança de governo.

É consenso dizer que educamos nossos olhos à tradição e à cultura europeias. De fato, são referências enraizadas, mas não deveriam ser as únicas, até mesmo pela falta de similaridade com um país continental como o nosso.

Quando pensamos em sociedades polarizadas, é nítido resgatar a África do Sul de Mandela e tudo que pudemos aprender com ele. É Mandela um dos disseminadores de um ideal chamado *Ubuntu*. “Respeito. Cortesia. Compartilhamento. Comunidade. Generosidade. Confiança. Desprendimento. Uma palavra pode ter muitos significados. Tudo isso é o espírito de Ubuntu. *Ubuntu* significa que as



Que ninguém
solte a mão de
ninguém.

“pessoas não devem cuidar de si próprias. A questão é: você vai fazer isso de maneira a desenvolver a sua comunidade, permitindo que ela melhore?”

Ubuntu é um conceito proveniente das línguas zulu e xhosa, línguas bantu faladas por povos da África Subsaariana. Não tem uma tradução direta, mas seria algo como “humanidade para com os outros”. O arcebispo Desmond Tutu, autor de uma teologia *Ubuntu* e prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o Apartheid, assegura que “uma pessoa com Ubuntu está aberta e disponível para as outras, apoia as outras, não se sente ameaçada quando outras pessoas são capazes e boas, com base em uma autoconfiança que vem do conhecimento de que ele ou ela pertence a algo maior que é diminuído quando outras pessoas são humilhadas ou diminuídas,

quando são torturadas ou oprimidas”.

De volta ao Brasil, se temos uma aldeia doente nos mais variados espectros e dependemos dela para reerguer uma escola pungente e relevante para os dias atuais, que tal reverberarmos o Ubuntu? Mesmo que incipiente, o conceito parece já estar presente nos arranjos de desenvolvimento educacional Brasil afora, nas comunidades ribeirinhas, nas escolas agrícolas e do sertão, nas favelas, enfim, persiste uma mobilização comunitária como força de resistência. É o Ubuntu brasileiro como chama de uma sociedade viva.

A escola, sozinha, não pode levar o ônus do fracasso de toda uma sociedade. Mas ela pode plantar uma semente vinda da África e que pode ser multiplicada por todos. Afinal, cada um é o que é graças ao que somos todos nós. ■

EDUCATRIX

ANO 10 • Nº 20 • 2021

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Luciano Monteiro
Lulcey Vitor Ribeiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Lara Silbiger
Paulo de Camargo

ARTICULISTAS

Carla Arena
Djamila Ribeiro
Eny Muniz
Fernanda Nogueira (Porvir)
Giselle Santos
Gustavo Wigman
Januária Alves
Laura Celotto Canto
Leandro Holanda
Lilian Bacich
Lucí Ferraz de Mello
Renata Condi
Samara Brito

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

REVISÃO FINAL

Ana Cristina Garcia

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN

Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ricardo Davino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Leo Martinelli

COLABORADORES

Tássia Cobo
Tathiana Anselmo

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:

moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação nas escolas parceiras de todos os negócios da Santillana no Brasil.

ISSN: 2447-4991

✉ educatrix@moderna.com.br

© Direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

a PANDEMIA DA MUDANÇA

Será que fomos escolhidos pioneiros de um novo momento do mundo?

TEXTO Ivan Aguirra e Kátia Dutra

ESTAMOS mudando de era. Tudo aquilo que aprendemos nas aulas de História está acontecendo em tempo real e estamos experimentando as instabilidades de uma situação que nossos antepassados não viveram e com a qual não nos ensinaram a lidar. A Idade Contemporânea, que começou lá no início da Revolução Francesa, não seria mais suficiente para nos definir como sociedades complexas que somos.

Ninguém esperava que 2020 fosse o ano em que a escola teria que se multiplicar à força para continuar existindo na casa de cada um de nós. À primeira vista, o isolamento trouxe curiosidade sobre como seriam a organização de tarefas, a gestão das equipes e as formas como improvisaríamos as nossas atividades profissionais. Deu até uma sensação de liberdade de não ter que acordar tão cedo para pegar o rumo do que conhecíamos como escola.

Com o passar dos meses e o aumento exponencial do número de mortes pela Covid-19, a curiosidade deu lugar às incertezas e à angústia de não poder sair de casa e dar conta de rotinas, sistemas e metodologias com os quais não tínhamos quase nenhuma familiaridade prática. Foi preciso exercitar a calma, desaprender e reaprender tudo que tínhamos como certezas. Mas não estávamos sozinhos.

Talvez você ainda não tenha se dado conta, mas a pandemia afetou todas as pessoas no mundo. É isso mesmo: mais de 7 bilhões de indivíduos foram impactados por um vírus que desembarcou de um lugar que parecia tão distante, fazendo conexão direta com o nosso dia a dia. Essa situação coletiva é um *spoiler* da palavra *pandemia*, cuja origem está no grego *pandemias*, marcada pela junção dos elementos gregos *pan*, que significa todo/tudo, e *demos*, que remete a povo.

Em termos históricos, a palavra foi usada pela primeira vez por Platão ao se referir a qualquer aconte-





cimento que atingisse a todos os indivíduos de uma sociedade. Biologicamente falando, uma pandemia é marcada por uma epidemia de grandes proporções que se espalha geograficamente, atingindo mais de dois continentes simultaneamente.

Todo esse impacto virou uma chave na sociedade. Ao mesmo tempo que a mídia segue conscientizando as pessoas sobre dados e números da doença, estamos questionando a nossa existência como parte social, enquanto damos conta de uma rotina completamente diferente e aprendemos a lidar com novas tarefas diárias.

Essa, com certeza, é uma reflexão recorrente nas rodas de conversa por canais de mensagem ou plataformas de videoconferência. Estamos nos sentindo presos em uma rede de incertezas. O exemplo de resiliência e persistência dos professores e gestores merece ser exaltado e aplaudido. São relatos e mais relatos do sacrifício dos docentes para entregar materiais na casa de alunos e garantir o mínimo de aprendizagem para as suas turmas. E merece também ser cuidado. Mas, num cenário tão novo, quem vai cuidar da saúde mental dos professores?

Apesar da dedicação tão louvável, é preciso dar um passo para trás, observar as dificuldades que enfrentamos e perceber que quase nunca a pandemia foi, de fato, igual para todos. Muitos estudantes não conseguiram acompanhar as aulas *on-line* e tiveram prejuízos sérios de aprendizagem que talvez nunca possam ser ajustados. Mesmo as escolas mais maduras na cultura digital relatam problemas com a adequação emocional dos alunos, a falta de socialização e de preparo das famílias para lidar com o ensino remoto emergencial.

Decisões rápidas foram colocadas em prática bruscamente, e papéis e responsabilidades foram redistribuídos em pouco tempo. A tal situação pandêmica que afeta a todos exigiu a junção de esforços, o redesenho de ações e atividades, em que as famílias e os educadores precisaram se enxergar como parceiros em prol do desenvolvimento dos alunos. Só onde houve união e compreensão foi possível manter algum tipo de desenvolvimento.

Mesmo com todas as dificuldades, encontramos saídas importantes como sociedade e como agentes de transformação. Não somos mais a mesma humanidade de dezembro de 2019, quando começamos a ouvir falar da Covid-19. Estamos aprendendo a conviver com as nossas diferenças, incertezas e perdas. Não tem sido um processo igual para todos. Não será um futuro igual para todos. Mas, sem dúvida, precisou surgir uma pandemia jamais vista para mobilizar todos os povos sobre a necessidade de mudanças.

Estariamos nós sendo os pioneiros da Idade Pós-contemporânea? Seja o que for, com as lanternas dos celulares em mãos, sejamos todos desbravadores do novo que está por vir. □



UMA EDUCAÇÃO PARA DESMONTAR OS MUROS

O líder indígena Ailton Krenak fala sobre a educação como trilha para vencer os muros da desigualdade e sobre a necessidade de pensar seres vivos e meio ambiente como partes indissociáveis.

TEXTO Paulo de Camargo

UMA DAS MAIS IMPORTANTES lideranças dos povos indígenas da atualidade, Ailton Krenak é conhecido por sua produção múltipla como escritor, ativista e pensador. Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ganhador do Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, da União Brasileira de Escritores, Krenak passou os últimos meses isolado em sua aldeia, no município de Resplendor (MG), na margem esquerda do Rio Doce – área diretamente afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, em 2015.

A pandemia interrompeu suas diversas atividades, como a Mostra Internacional de Cinema, em Lisboa, mas não o impediu de lançar novos livros. Escreveu *O amanhã não está à venda* e *A vida não é útil* (Companhia das Letras), bem como um texto gratuito voltado para professores, “Caminhos do bem-viver”. Seguiu também realizando *lives* e concedendo entrevistas.

Com seu jeito sereno, Ailton Krenak segue atento ao regime de chuvas, cuja escassez prejudicou sua horta e as roças de milho, de batata e de banana das quais cuida, pessoalmente, em sua aldeia. A *Educatrix* aproveitou a oportunidade para trazer algumas de suas reflexões e aprendizados para a próxima década.

EDUCATRIX Como está sendo a sua rotina durante a pandemia?

AILTON KRENAK Ninguém está vivendo uma situação normal, não é? Até 2019, eu tinha circulação bem ativa, participando de eventos em várias regiões do Brasil e fora do país. No início do ano, estava coordenando uma mostra internacional de cinema, em Lisboa, chamada Ameríndia, retratando o cinema indígena no Brasil. Era a primeira mostra em que os realizadores eram indígenas, e não alguém que manda os vídeos sobre

os povos. Foi uma experiência muito boa. A partir de fevereiro de 2020, tudo congelou. No dia 14 de fevereiro, voltei de uma viagem a Brasília e não saí mais. Há um ano estou em um cotidiano da minha casa, da minha família, do meu quintal. Publiquei dois livros no ano passado sem sair de casa. Foram produtos de conversas como estas que estamos tendo, mediadas pela internet. Esses títulos têm desdobramento da minha rotina aqui no quintal, plantando batata, banana, milho. No ano passado, choveu, foi bom. Neste ano, a chuva está rara, o chão está seco, e o milho que eu plantei nem saiu da terra, vou ter que plantar de novo. Cuido de uma pequena horta no quintal, tenho minha convivência com as pessoas, mas tomamos a decisão de evitar aglomeração. Não estamos folgados, não.

EDUCATRIX A pandemia provoca reflexões sobre o destino das pessoas e da Terra de uma forma integrada. Não é mais possível, por exemplo, pensar separadamente temas como questões ambientais, povos indígenas, rumos do planeta, não é?

AILTON KRENAK Como diz a molecada, está tudo junto e misturado. Está tudo em contágio. É uma pena que só assim tenhamos alcançado o sentido de transversalidade, com diferentes temas, atravessando questões ambientais, políticas, étnicas e raciais. Tudo isso implodiu na nossa cara. Mas não é uma marca exclusiva da pandemia. Já temos visto revolta em vários lugares do mundo, denunciando essa espécie de metástase da lógica, que organizava tudo em caixinha, separando a história dos povos indígenas, do meio ambiente e da ciência. Essas caixinhas insustentáveis foram configuradas no século 19, e as pessoas, por preguiça ou oportunismo, trouxeram isso até o início do século 21. ➤



PARA SABER MAIS

📍 KRENAK, A. *Caminhos para a cultura do bem-viver*. Disponível em: culturadobemviver.org. Acesso em: 10 fev. 2021.



► **EDUCATRIX** **Como essas caixinhas afetam a compreensão sobre os desafios do meio ambiente?**

AILTON KRENAK De muitas formas. Todas as conferências sobre clima já reclamavam a necessidade de vazarem as caixinhas e, principalmente, de banir o debate sobre o meio ambiente ideias como a da externalidade, que empresas, corporações e escritórios de consultoria ambiental aplicam. Quando se vai fazer um Relatório de Impacto Ambiental, tudo o que é impacto externo fica de fora. Isso é uma manipulação cínica dos tecnocratas travestidos de ambientalistas e cientistas. É o que permite que uma barragem como a de Mariana, arrebatando e matando gente, acabando com a paisagem, seja vista como uma “externalidade”, e não dá nem para calcular o prejuízo. Só descobrimos que estamos ameaçados como espécie após termos destruído metade das espécies de vida selvagem com quem compartilhamos o mundo até ontem.

EDUCATRIX **Diante de tantos desafios, muitas vezes se deposita na educação todas as esperanças. Mudar o futuro da humanidade depende unicamente da escola?**

AILTON KRENAK Nós podemos fazer uma analogia com o mundo industrial. Depois de constatar e consumir a riqueza material de uma civilização baseada no petróleo, de repente, acenaram com uma ideia que parecia novidade: a reciclagem. A educação virou a reciclagem dos medíocres. Todo político canalha pega uma criança no colo e fala que os jovens são nosso futuro e a educação é nossa Lava Jato. Como muitas outras áreas das relações humanas, da socialização e da produção da pessoa, a educação é apenas uma parte, especialmente quando se assume uma ideia de que educação é uma atividade privada, que acontece longe da família e do lugar de origem.

EDUCATRIX **E como deveria ser?**

AILTON KRENAK O lugar privilegiado para uma pessoa se constituir é o laço doméstico, o lugar onde nasceu, foi acolhida, onde constitui parte de uma família, de uma comunidade. O núcleo mais simples disso que chamamos de comunidade é uma casa, um lar. Não estou falando de lar como uma ideia burguesa, urbana, mas como um lugar de afeto, em que se constituem relações familiares. Esse é o primeiro estágio de formação da pessoa. O problema é que a ideia de educação foi capturada de uma maneira populista pela sociedade industrial e foi divorciando a pessoa das relações de afeto e transformando-a em um sujeito demandado pela sociedade, já previsível, configurado para atuar em uma sociedade de produção. Alguns países têm legislações que proíbem a família de tomar a iniciativa de conduzir a formação da criança sem a colaboração de especialistas. A educação virou uma especialidade, e isso

leva à renúncia a todos os outros campos do conhecimento. O despertar de outros saberes foi obliterado. É um reducionismo das possibilidades de afeto e de desenvolvimento interior de uma pessoa.

EDUCATRIX **Durante a pandemia, acompanhamos episódios com pessoas em aglomerações ou mesmo furando filas de vacinação. Estamos perdendo o sentido de humanidade?**

AILTON KRENAK Talvez seja uma revelação, que chega como se fosse um susto. Nunca fomos uma humanidade. No meu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, faço uma crítica à razão ocidental, dizendo que a humanidade é uma projeção, um desejo, que talvez a gente tenha cultivado da melhor maneira possível, com o melhor propósito. Ao longo de uma grande parte da nossa história, na solidão, no deserto, na dificuldade, nós ansiamos por uma unidade, por integrarmos alguma coisa boa, mas a humanidade nunca existiu como experiência objetiva real. Depois do Cristianismo, a ideia de humanidade passou a ser uma religião, um dogma, não um projeto. Ou seja, quem não faz parte dessa humanidade é ruim da cabeça ou doente do pé. Criticar esse consenso é ficar de fora. O historiador Yuval Harari diz, em sua obra: “o *Homo sapiens* é um assassino, que matou outras espécies que podiam andar como ele”. Muitos cientistas já concluíram que existe uma tendência no ser humano de competir com outras espécies a ponto de subjugar a vida dos outros a favor de si mesmo. Esse gene egoísta foi vencedor até outro dia, mas agora começou a entrar em colapso. Esse vírus que está por aí deixa as borboletas voarem, as trepadeiras subirem nas plantas, que continuam a dar flores. Ele só tem um alvo: o tal do *Homo sapiens*.

EDUCATRIX **Vivemos uma encruzilhada da espécie humana?**

AILTON KRENAK Como se a cobra desse a volta e agora mordesse o próprio rabo, como a serpente ouroboros... há muitas metáforas sobre isso, é claro, a maioria delas tristes. Apontam para uma desilusão com a nossa espécie. Fiquei surpreso outro dia lendo o trabalho de uma pesquisadora, nos Estados Unidos, que também se dedicou a esse estudo, e descobriu que não é uma verdade absoluta que o gene desta espécie sobrevivente seja ruim. O ser humano tem a capacidade de desenvolver empatia, de ser solidário, ser social, e desejar de alguma maneira a cooperação para a vida. Só que não é isso o que estimulamos. Há muito tempo, educação é competição.

EDUCATRIX **Nossa educação estimula a competição entre os seres humanos?**

AILTON KRENAK Sim, a educação mais “bacana” do mundo forma as pessoas mais competitivas, os executivos, os ven-



SÓ DESCOBRIMOS QUE ESTAMOS AMEAÇADOS COMO ESPÉCIE APÓS TERMOS **DESTRUÍDO METADE DAS ESPÉCIES DE VIDA SELVAGEM** COM QUEM COMPARTILHAMOS O MUNDO ATÉ ONTEM”



cedores. Eles saem dos melhores colégios, das melhores universidades. São fábricas de monstros. Continuamos a fazer o elogio do gene assassino, em vez de cultivar o lado bom das personalidades. Ao invés de animar tais personalidades pela horizontalidade nas relações, as escolas projetam sujeitos como mísseis, com mentalidade bélica. Aqueles que se tornam executivos jovens de grandes empresas podem ser excepcionais. Mas foram acelerados por uma experiência educativa que dá prêmio ao DNA assassino que o *Homo sapiens* carregou até aqui e alguns decidiram bombar. Produzimos monstros, elegemos monstros e perguntamos depois o que fazer. O período da pandemia deveria ser um período de desconstruir o que chamamos de educação até agora, inclusive as grandes linhas da pedagogia que estruturam o edifício da educação moderna. Deveríamos dar baixa, sem exceção.

EDUCATRIX Há uma grande diversidade de etnias e culturas entre os povos indígenas. É possível elencar as características da educação desses povos com as quais deveríamos aprender?

AILTON KRENAK Não existe uma educação indígena. Somos 150 etnias, 273 línguas, seria um exagero dizer que existe uma educação indígena. Mas se abrissemos uma licença-poética, nenhum desses povos instituiu um lugar chamado de escola. Todos entendem que a formação da pessoa antecede a formação do sujeito reivindicado pela sociedade. A formação é na comunidade, na família, no núcleo mais afetivo que ele vive. Os valores que a pessoa recebe são aqueles da sociedade em que nasce, dentro de casa. Não existe uma disputa, de quem vai vencer ou convencer quem, como se fosse um Flamengo x Botafogo. Então, essa gente que vive nua, sem camisa do Flamengo, nem do Botafogo, não ensina uma criança a torcer para nada, não forma pessoas esquizofrênicas. Nas escolas formamos pessoas esquizofrênicas e sujeitos sociais adaptados. Se alguém apresentar um manual de educação indígena, joga no lixo, é mentira. Não é possível generalizar. Cada *corpus* de conhecimento de um povo remete a uma cosmovisão. Nenhuma ontologia indígena supõe a certeza. A gente não tem certeza de nada. A escola quer ter certeza. O professor está cheio de certezas. O orientador pedagógico é o rei das certezas. As escolas podem estragar uma geração inteira achando que estão fazendo o certo.

EDUCATRIX Você tem falado sobre o conceito de bem-viver. Estamos nos afastando dessa ideia em vez de nos aproximar?

AILTON KRENAK É importante lembrar que o conceito de bem-viver é diferente de bem-estar social. O bem-viver nasce de uma prática ancestral dos povos que viviam na Cordilheira dos Andes. Os Quechua e Aymara têm, em suas línguas, a expressão *Sumak Kawsai*, que nomeia um modo de estar na Terra, de estar

no mundo. Esse modo tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar, que bebem água e que pisam nessa terra com a gente. Temos de buscar outro paradigma. Não temos um ambiente para uma experiência de bem-viver; hoje, ele seria possível apenas em alguns lugares do mundo. Ia acontecer em condomínios. Se o bem-viver está limitado pelo tipo de troca e economia que existe ao redor, não existem condições para que seja implantado no mundo global, tomado por violência e disputa.

EDUCATRIX Como educar para o bem-viver?

AILTON KRENAK Se olhamos as grandes cidades, como se vai imaginar o bem-viver? Todos estão armados até os dentes. Quando temos a invasão do Capitólio, uma reação ao movimento Vidas Negras Importam, estamos vendo a metástase desse tipo de sociedade global. Queremos introduzir nesse mundo a educação para o bem-viver é questionável. Em uma escola em que trabalhei, eu perguntava: vocês estão preparando crianças para serem comidas por quem? Estamos vivendo um dilema do que se chama educação: estamos preparando crianças agora para qual mundo? Para um mundo que já envenenamos, predamos, botamos em rota de colisão, em que a temperatura está indo para as cucuias, e muitas das fontes e recursos, como água e energia, estão sendo esgotadas? Nós preparamos as crianças dizendo: vamos viver bem, em paz, quando na prática estamos predando o planeta.

EDUCATRIX Você associa essas questões ao capitalismo e ao consumo. A desigualdade é o nosso maior desafio?

AILTON KRENAK É mais fácil pensar no fim do mundo do que no fim do capitalismo. As pessoas mais simples estão agarradas à ideia do consumo, da mercadoria. É uma tristeza constatar isso. A própria ideia social do dinheiro foi transformada em algo tão miserável que, se não temos dinheiro, não somos nada. O que mais apavora as pessoas na Europa não é o trânsito dos migrantes: o problema é que quem está migrando é pobre. É uma fobia da pobreza. O mundo não tem problemas com gente rica circulando, atravessando fronteiras. As fronteiras são para cercar a pobreza. Como vamos discutir qualquer outra questão se não conseguimos dar conta de uma divisão primordial em que se tem muitos pobres e pouquíssimos ricos, com o poder de construir os muros? A educação não deveria ser mais um tijolo nessa construção, deveria ajudar a desmontá-los, inclusive aqueles que separam as crianças dos seus pais. Deveria haver uma política de renda mínima universal que permitisse que, nos seus sete primeiros anos, os pais tivessem como única obrigação cuidar das suas crianças, e só depois entregá-las para a sociedade. □



COMPARTILHA

O futuro
da educação,
hoje

UM PROJETO GLOBAL VIVO

+ de **740**
ESCOLAS
no Brasil

+ de **300 mil**
ALUNOS
no Brasil

presente em
16 PAÍSES

+ de **1,1 MILHÃO**
de alunos



Desenvolvemos e implementamos propostas **360°**, a partir de uma experiência educativa que se adapta a sua escola, baseada no **DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO** de seus profissionais, suas metodologias, seus processos, sua tecnologia, seus espaços de aprendizagem, sua comunicação, sua projeção na comunidade escolar.



SEJA UMA **ESCOLA COMPARTILHA**

 modernacompartilha.com.br

 /Moderna.Compartilha

 @modernacompartilha

Materiais exclusivos para quem é Compartilha

Valorizamos experiências educativas completas.

Por isso, quem é Compartilha pode contar com mais uma novidade: o **Material Didático Compartilha**. Uma proposta completa que garante a aprendizagem contínua e interconectada para potencializar resultados na sua escola.



SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

Contéudos didáticos, impressos e/ou digitais, para todas as disciplinas desde a Educação Infantil até o Fundamental Anos Finais.



TECNOLOGIA E FERRAMENTAS DIGITAIS

Plataformas e ambientes virtuais para o aluno desenvolver habilidades com recursos tecnológicos e criativos.



FORMAÇÃO INTEGRAL

Desenvolvimento de competências socioemocionais e foco no protagonismo do aluno.



IMPLEMENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO

Formações com a equipe de Coach Educacional do Compartilha.



VENDA EXCLUSIVA NA PLATAFORMA

Canal único de vendas para as famílias: faturamento sustentável para a escola.



EXPERIÊNCIA COMPLETA COMPARTILHA

Potencializa os pilares do projeto e oferece experiências educativas para alunos, famílias e escolas.

Disponível também
em formato
100% digital



#CompartilheONovo

 modernacompartilha.com.br

 [/Moderna.Compartilha](https://www.facebook.com/Moderna.Compartilha)

 [@modernacompartilha](https://www.instagram.com/modernacompartilha)

 **COMPARTILHA**



A HORA É A VEZ DA APRENDIZAGEM VISÍVEL

A partir de ajustes às claras, estratégias e ações para aprimorar a prática docente e maximizar resultados de aprendizagem dos alunos.

TEXTO *Luci Ferraz de Mello*

VOCÊ JÁ SE PERGUNTOU o que é a aprendizagem visível? Por que os princípios da aprendizagem visível estão ganhando espaço nas recentes falas e práticas educacionais?

Aprendizagem visível é o termo adotado por John Hattie (1950-), pesquisador da Universidade de Auckland (Nova Zelândia), para nomear um conjunto de referências para professores utilizarem na criação de debates, busca de evidências e autorrevisões de práticas, com objetivo de transformá-las, aprimorá-las e maximizar os resultados de aprendizagem nas escolas. Para tanto, Hattie e os membros de seu grupo desenvolveram critérios específicos de pesquisa e tabulação dos resultados, cuja compilação permitiu a identificação clara dessas consequências.

A motivação para a adoção desse conjunto de referências tem como ponto de partida a forma como cada professor pensa e compreende o seu papel como educador, em relação à qualidade do processo de aprendizagem dos seus alunos. Essa proposta vai além de propor caminhos, pois apresenta questionamentos e verificações relevantes que devem ser

feitos constantemente sobre as práticas docentes.

Esses princípios apontam caminhos para promover o ensino visível também junto aos estudantes, de maneira que eles desenvolvam suas capacidades de autorregulação, seus processos de aprendizagem e se tornem seus próprios professores.

PESQUISA ESTRUTURANTE DA APRENDIZAGEM VISÍVEL

A proposta de Hattie foi estruturada a partir de pesquisas desenvolvidas durante mais de 15 anos, envolvendo o acompanhamento de evidências que mostram como as práticas adotadas por professores impactam nos resultados de aprendizagem.

Para se ter uma ideia da consistência dessa proposta, foram “mais de 800 metanálises de 50 mil artigos de pesquisa, cerca de 150 mil análises de tamanho de efeito e cerca de 240 milhões de estudantes [...]”. Um número adicional de mais de 100 metanálises foi concluído desde a publicação do *Visible Learning*” (HATTIE, 2017, p. 2), em 2009. Vale destacar que foram identificados 146.142 *tamanhos de efeito* sobre a influência de algum programa. »

» Para a realização do referido estudo, foi adotado o método *Tamanho de efeito*, utilizado para comparar dados de diferentes medidas, como explica Hattie: “(testes padronizados feitos por professores, trabalhos de alunos), ao longo do tempo ou entre grupos, em uma escala que permite comparações múltiplas independentes dos valores do teste original [...], ao longo da matéria do tempo. Essa escala independente é um dos principais atrativos para utilizar tamanhos de efeitos, pois ela permite realizar comparações relativas entre várias influências que atuam sobre os resultados dos alunos” (HATTIE, 2017, p. 3).

Um dos importantes questionamentos que a pesquisa responde refere-se à relevância dos objetivos de escolarização a partir dos resultados de aprendizagem, debate travado “desde Platão e seus predecessores, passando por Rousseau e aos pensadores modernos” (HATTIE, 2017, p. 4). Dentre os objetivos mais relevantes, “encontra-se o desenvolvimento de habilidades de avaliação crítica, de modo que

desenvolvamos cidadãos com mentes e disposições desafiadoras, que se tornam ativos, competentes e pensadores críticos em nosso mundo complexo. Tal tarefa inclui: a avaliação crítica de temas políticos que podem afetar a comunidade, uma pessoa, seu país e o mundo; a capacidade de examinar, refletir e argumentar, com referência à história e à tradição, enquanto respeitam a si mesmos e aos outros; ter preocupação com a própria vida e bem-estar, bem como das outras pessoas; e capacidade de imaginar e pensar sobre o que é ‘bom para si mesmo e para os outros. A escolarização deve ter impactos importantes não apenas na melhora da compreensão e da aprendizagem, mas também na melhora do caráter: caráter intelectual, moral, cívico e de desempenho (SHIELDS, 2011; HATTIE, 2017, p. 4)”.

Sobre os resultados do estudo, vale destacar dimensões cujas ações apresentam maior impacto sobre o processo de aprendizagem, para na sequência apresentar como estas devem ser trabalhadas para que esses dados se tornem realidade.

[QUADRO 1] EFEITO MÉDIO PARA CADA UM DOS PRINCIPAIS CONTRIBUINTE DA APRENDIZAGEM

ATRAVÉS DAS DIMENSÕES	METANÁLISES	ESTUDOS	PESSOAS	EFEITOS	TAMANHO DE EFEITO (TE)	EP
ALUNOS	152	11.909	9.397.859	40.197	0,39	0,044
CASA	40	2.347	12.066.705	6.031	0,31	0,053
ESCOLA	115	4.688	4.613.129	15.536	0,23	0,072
PROFESSORES	41	2.452	2.407.527	6.014	0,47	0,054
CURRÍCULOS	153	10.129	7.555.134	32.367	0,45	0,075
ENSINO	412	28.642	52.611.720	59.909	0,43	0,070
MÉDIA	913	60.167	88.652.074	160.054	0,40	0,061

Fonte: Hattie (2017, p. 10).



O quadro anterior mostra que, apesar de o número de metanálises de estudos feitos a partir dos professores ser um dos menores (41), os dados relativos a tal dimensão indicaram que as práticas docentes são as que têm maior impacto sobre os resultados de aprendizagem dos alunos (0,47), o que sinaliza a relevância das ações no processo. Foi a partir dessa constatação sobre os efeitos dos professores na aprendizagem dos alunos que os princípios da *Aprendizagem visível* foram elaborados.

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM VISÍVEL

Cada professor, conforme a cidade, o estado ou o país onde está, ou mesmo a área em que atua, adota metodologias e situações de aprendizagem diferentes. Ter a pretensão de desenvolver um único método que atenda a tantas variáveis da aprendizagem em diferentes contextos é inviável, até mesmo pretensioso.

A *Aprendizagem visível* não é um método definido a partir da sistematização de algumas ações sequenciadas específicas para aprimorar práticas de ensino e aprendizagem. Trata-se de um conjunto de princípios sinalizadores que orientam sobre como aprimorar ações baseadas em vários métodos, indicando aspectos específicos que auxiliem em decisões sobre “como”, “onde”, em “qual” momento ou por “quais razões” realizar modificações, a fim de maximizar os resultados de aprendizagem dos estudantes.

De acordo com Hattie, “quando o ensino e a aprendizagem são visíveis, há uma grande probabilidade de os alunos atingirem níveis mais altos de resultados. Tornar o ensino e a aprendizagem visíveis requer um excelente ‘professor como avaliador e ativador’, que conhece uma variedade de estratégias de aprendizagem para construir o conhecimento superficial, o conhecimento e a compreensão profundos e a compreensão conceitual dos alunos” (HATTIE, 2017, p. 17).

Segundo as premissas da *Aprendizagem visível* para a dimensão docente, as práticas devem ser estruturadas com base nos princípios essenciais, apresentados a seguir.

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM VISÍVEL PARA OS PROFESSORES

1 Professor autoavaliador: realiza **avaliações constantes de suas práticas**, para identificar aspectos relevantes e promover ajustes que melhorem a aprendizagem dos alunos, como a adoção de estratégias de avaliação formativa (rubricas, questionamentos desafiadores, *feedbacks* construtivos e orientadores, aluno como fonte de conhecimento, avaliação entre pares, autoavaliação e autorregulação/autogestão da aprendizagem).

2 Professor como agente de transformação: assume **papel de transformador do conhecimento** com os tipos de práticas que adota em suas aulas. Seu **planejamento deve ser detalhado e executável**, com informações sobre: evidências de aprendizagem; escolhas que valem a pena; nível crescente de desafios; atitudes, comportamentos e respostas esperadas dos alunos.

Além disso, deve **detalhar com clareza**: estratégias de avaliação formativa e somativa (inclui estratégias de autorregulação dos estudantes, organização e transformação; autoconsequência; autoavaliação, busca de ajuda; registros pessoais; reforço; definição de metas); etapas de ensino; etapas do método escolhido (adaptado para o desenvolvimento de competências) e eventuais oficinas significativas (início, meio e fim, com os objetivos de aprendizagem a desenvolver e com ligação com o currículo adotado); avaliações finais; tecnologias digitais.

3 Professor foca na aprendizagem do aluno: planeja, implementa, acompanha e avalia práticas que integram **ações de aprendizagem** que desenvolvam as **três dimensões das competências**.

4 Professor se preocupa em estruturar e analisar *feedbacks* (devolutivas) consistentes: [para os alunos] acompanhamento constante dos alunos, para intervenções rápidas e devolutivas ágeis, elaboradas com base nos critérios e saberes em desenvolvimento e não em elogios vazios. Os ***feedbacks*** consistem nas ações com maior potencial para promover impactos relevantes na aprendizagem, sempre positivos, com base em critérios e indicadores previstos ao longo do processo. »

» Define que não se deve elogiar simplesmente, mas principalmente orientar claramente os estudantes sobre aspectos alinhados e/ou que precisam ser alinhados/revistos.

[Para os professores] Os **feedbacks** oriundos das avaliações do processo de aprendizagem permitem que os professores compreendam claramente **como e onde suas ações impactam na aprendizagem, de que forma e por qual motivo** precisam ajustar as atividades adotadas em um processo.

5 **Professor dialoga com os estudantes:** em substituição aos monólogos expositivos, adota-se a **comunicação dialógica** nos espaços de aprendizagem, para que todos os envolvidos no processo de aprendizagem **escutem, reflitam e apresentem** pontos de vista e novas ideias **de forma ativa e reflexiva**. Foco na **qualidade das contribuições/attitudes dos alunos** e menos na pontuação.

6 **Professor fomenta desafios:** as atividades planejadas devem trazer **questionamentos desafiadores** para o estudante, para instigá-lo a refletir. O **erro** deve ser tratado como uma maneira positiva de aprendizagem, para que se **aprofundem as reflexões e se compreenda o que funciona ou não**.

Para ampliar o desempenho dos alunos, o professor deve refletir e atuar com o objetivo de **formar cidadãos**, que é mais do que pontuar.

7 **Professor se envolva e promova relações positivas nos ambientes de aprendizagem:** todas as relações (professor-aluno; aluno-aluno; aluno-professor) instauradas e mantidas dentro dos espaços de aprendizagem devem ser trabalhadas de forma positiva e construtiva. Trata-se de cuidar do clima da sala de aula.

8 **Professor utiliza linguagem de aprendizagem:** deve ser capaz de promover **diferentes tipos de participações** com suas atividades, de maneira que os estudantes compreendam, vivenciem e se apropriem de suas capacidades por meio de ações protagonistas.

9 **Professor compreende a aprendizagem como um trabalho de grande e relevante dedicação:** todos os princípios destacam a **relevância do papel do professor**, que demanda uma atuação de **constante dedicação e vigília**, para be-

nefício da aprendizagem da turma, o que implica um **trabalho árduo**, que deve ser reconhecido por ele, por seus pares e por seus gestores.

O **trabalho docente** deve ser realizado com base na **crença** de que todos são capazes de atingir critérios de sucesso. Paixão, dedicação, **empenho do professor em conseguir o máximo** dos alunos.

10 **Professor colabora com os estudantes:** mais do que implementar práticas colaborativas entre os alunos, os professores precisam **se assumir como exemplos** e adotar a **colaboração com seus próprios pares e estudantes**, para que isso se torne um **comportamento incorporado e fortalecido**, e não uma obrigação quase mecânica.

ASPECTOS COMPLEMENTARES

Sobre as competências, trata-se de aptidões ou capacidades de resolver situações problemáticas e/ou desafiadoras considerando conceitos teóricos (conhecimento), habilidades de aplicar na prática e ainda fazer uso desses saberes em diferentes contextos da vida real (atitude).

Para tanto, é preciso promover a transformação das práticas com o acompanhamento e a autoavaliação constantes para identificar eventuais necessidades de ajustes, seja para eliminar, seja para aprimorar uma ou mais ações que compõem os processos adotados. Somente com a transformação de estruturas de ensino pode-se, de fato, maximizar os resultados de aprendizagem dos estudantes.

Segundo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada no final de 2017, o ensino deve estar estruturado considerando competências gerais e específicas. Isso implica que se saiba trabalhar com os alunos diferentes tipos de participação, de maneira a promover atitudes protagonistas voltadas ao desenvolvimento da capacidade de agência dessas crianças e desses jovens.

Outro aspecto transformador refere-se à forma como nos relacionamos com nossos alunos, passando de um modelo de comunicação um-todos para um modelo mais dialógico, todos-todos, que promova a colaboração e trocas reflexivas entre seus participantes (incluindo a própria escuta ativa de todas as partes).



PARTICIPAÇÃO

▶ SIMBÓLICA

A presença dos estudantes em uma atividade ou evento serve para mostrar e lembrar aos professores que eles existem e são considerados importantes. A participação é uma mensagem.

▶ DECORATIVA

Os estudantes marcam presença em uma ação sem influir no seu curso e sem transmitir qualquer mensagem especial aos professores.

▶ MANIPULADA

Os professores controlam o que os estudantes farão em determinada situação.

▶ OPERACIONAL

Os estudantes participam apenas executando uma ação ou atividade.

▶ PLANEJADORA E OPERACIONAL

Os estudantes fazem parte do planejamento e da execução de uma atividade.

▶ DECISÓRIA, PLANEJADORA E OPERACIONAL

Os estudantes participam da decisão de fazer algo, do planejamento e da execução.

▶ DECISÓRIA, PLANEJADORA, OPERACIONAL E AVALIADORA

Os estudantes participam da decisão, do planejamento, da execução e da avaliação de uma atividade.

▶ COLABORATIVA PLENA

Os estudantes participam da decisão, do planejamento, da execução, da avaliação e da apropriação de uma atividade.

▶ PLENAMENTE AUTÔNOMA

Os alunos realizam todas as etapas.

▶ CONDUTORA

Os estudantes realizam todas as etapas e orientam a participação dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *Princípios da aprendizagem visível* reforçam o quão relevantes são os papéis da escola e principalmente dos professores para a construção do conhecimento, com o objetivo de formar cidadãos conscientes e atuantes junto à sociedade. Indica que depende de uma mudança essencial da postura docente, de apenas implementar as mesmas práticas e verificar os resultados para um veredito final, para um comportamento mais consciente quanto a escolhas e ajustes em práticas, para que se promovam impactos maximizados sobre a aprendizagem dos alunos.

Na sua instituição, vocês já mapearam os princípios praticados e quais ainda precisam ser trabalhados? Já pensaram nas eventuais formações necessárias? Vale essa verificação, até para providenciarem formações e começarem a transformar seus processos de aprendizagem. Essas orientações devem estimular e auxiliar todo o corpo docente a compreender melhor seus papéis, resultando em modificações e aprimoramentos de suas práticas em benefício dos estudantes e da sociedade. ■

LUCÍ FERRAZ DE MELO

é Doutora e Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Graduada em Administração de Empresas com Ênfase em Marketing e Recursos Humanos (EAESP-FGV). Especialista em Educação a Distância, com docência em EAD: Metodologia de Ensino e Metodologia de Pesquisa em EAD (FGV Online); Tutoria e Mentoria em EAD (FGV Online); Moodle (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Tutoria em EAD e Blackboard (Senac/SP); Sala de Aula Interativa (Senac/SP).

PARA SABER MAIS

- BOHM, D. *Diálogo: Comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Atena, 2006.
- COSTA, A. C. G.; VIEIRA, M. A. *Protagonismo juvenil*. São Paulo: FTD, 2006.
- HATTIE, J. *10 princípios para aprendizagem visível: educar para o sucesso*. Porto Alegre: Penso, 2019.
- HATTIE, J. *Aprendizagem para professores – Como maximizar o impacto de aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2017.
- MARIOTTI, H. *O automatismo concordo-discordo e as armadilhas do reducionismo*. Disponível em: mod.lk/edzo_ten. Acesso em: 30 jan. 2021.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: COMPROMISSO COM VOCÊ

Um convite a refletir sobre inteligência emocional, o propósito e a confiança entre equipes: como o olhar para si desenvolve a atitude coletiva.

TEXTO Eny Muniz

ESTE TEXTO pode não ser para você. Mas, com certeza, será para alguém que você conhece. Ou quem sabe para me chamar para um bate-papo com seus professores. Por isso, convido você, neste momento, a despir-se de qualquer pré-conceito que já tenha concebido acerca do que saiba sobre inteligência emocional. Este texto não vai trazer novidades, mas vai fazer você refletir sobre consciência, domínio e controle emocionais. Convido você a ler este texto pensando em todas as pessoas e situações vividas no último ano.

Para Daniel Goleman, em seu livro *O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas*, a inteligência emocional (IE) é comprovadamente um poderoso modelo para a educação na forma de aprendizado social e emocional e ainda é reconhecida como um ingrediente fundamental de liderança.

É mais ou menos assim: pessoas com inteligência emocional tendem a ser um agente ativo numa vida plena. Parece simples, não? Mas apenas parece. Para ser emocionalmente inteligente, há um apren-

dizado constante, nunca estanque, sobre quais habilidades e/ou capacidades são essenciais para viver no dia a dia. Sobretudo nos tempos atuais.

Muito se engana quem pensa que apenas ler os livros e os artigos faz você ter inteligência emocional. Trata-se de ter, ser e viver em estado mental consciente e racional sobre os sentimentos e as emoções. Conhecer sobre IE ajuda muito no processo de reconhecimentos das emoções, mas saber viver e incorporá-la ainda é um desafio constante.

Na busca pelo conhecimento de suas próprias emoções, há de se considerar dois caminhos de aprendizado humano: do amor e da dor. Você se perguntará muito e se questionará profundamente sobre propósito. A busca pela essência fará parte desta jornada e você poderá reconhecer, não sem dor, que a sua caminhada está apenas começando. Pouco importa a idade que você tenha ou quantas experiências já viveu.

Ao atingir um estado de autoconsciência, suas dúvidas pairarão sobre ética e tomada de decisão. Esse estado exige de você análise e reflexão sobre cada situação, na vida pessoal ou profissional, e o conflito existencial surge por se tratar de uma questão ética: o que estou prestes a fazer serve a quem, a quem? Isso me serve ou serve ao outro? Tenho certeza de que você já se viu diante desse conflito em situações cotidianas em sua instituição de ensino. »



» A partir dessa autoconsciência, você pode tomar a seguinte decisão: as minhas atitudes devem contribuir para transformar o mundo. O meu mundo. O meu universo. Só transformando a mim mesmo serei capaz de mudar as coisas ao meu redor.

É preciso, porém, estar minimamente bem emocionalmente para verificar qual é a melhor ação a ser realizada, para que se consiga efetuar mudanças, se elas forem necessárias. No mundo fluido em que vivemos, temos pressa. Para efetuar mudanças, é necessário começar devagar, pequeno. Qualquer mudança repentina de comportamento pode fazer você voltar atrás. Não que voltar atrás seja um problema. Às vezes, voltar atrás significa tomar impulso. Mas fique atento a quantas vezes você teve que voltar atrás. Quantas vezes você desistiu no meio do caminho e quais razões e emoções fizeram você desistir. Possuir autoconsciência faz você ampliar o seu olhar sobre as suas atitudes e sobre as bases e os fundamentos em que elas estão amparadas. Fácil não é, mas é possível se você praticar diariamente.

QUANTAS VEZES VOCÊ TENTOU CONTROLAR ALGUMA SITUAÇÃO?

Em alguma situação da sua vida, você teve a sensação de que estava no controle, que sabia exatamente o que fazer ou que palavras dizer. Logo em seguida, começou a se questionar se havia tomado a melhor decisão. Esse questionamento surge quando deixamos as emoções dirigirem as nossas decisões. No final das contas, não era sobre controlar a situação, mas controlar a sua reação diante dela. Podemos imaginar quantas situações fugiram do controle no último ano simplesmente por vivermos um novo momento e termos de tomar decisões em cenários nunca vividos.

Demoramos a descobrir que tomar decisões importantes em estado de muita emoção, sem identificar qual emoção está presente ali, só nos coloca em situações mais complicadas. É preciso respirar, inspirar, pensar, sentir. Que sentimento é esse e o que você faz a partir do que está sentindo é sua responsabilidade exclusiva. De mais ninguém. Não é possível responsabilizar o outro pelo que estou sentindo, principalmente quando dou permissão para que o outro me faça sentir assim.

Tentar controlar toda e qualquer situação é desgastante e você precisa estar preparado. Por isso, leia, estude, investigue. Quanto mais conhecimento você possuir sobre determinado assunto, melhor será o seu posicionamento. Pense que, dependendo da sua posição ou função, há uma expectativa em relação à sua entrega.



As transformações no modo de trabalho, o mundo digital, as relações pessoais têm contribuído para que você se torne quem deseja ser? E que pessoa é essa? Qual emoção rege suas escolhas e renúncias? O ano de 2020 foi das perguntas mais profundas. E 2021 se apresenta ainda como um grande desafio. Mas que pode ser superado se entendermos de pessoas e suas escolhas baseadas em emoções. Do seu lugar de fala, de onde você lê este texto, reflita: quantas pessoas dependem de você?

Todos nós estamos passando por adaptações, autorregulação e autoajuste emocional. Observamos nossos professores, estudantes e famílias e os questionamentos são: Como fazer isso? Como tomar as melhores decisões? Como controlar as situações? Como manter o foco e a concentração com tantas distrações?

É unânime entre os especialistas: crie uma rotina. Até parece um mantra, eu sei. Mas estudos revelam que acordar uma hora mais cedo, criar uma rotina saudável, escrever

seu lista de afazeres pode ajudar a manter o foco e a concentração.

No livro *Quem quer mais, CRIAFOCO!*, o autor Isaias Eufrosino Rodrigues faz uma observação muito importante: precisamos de foco porque somos seres com infinitas possibilidades de escolha e finita capacidade de realização. Faz sentido, não é mesmo?

Eu li recentemente sobre “o meu eu do amanhã” e o quanto posso deixá-lo mais feliz. Significa basicamente o que já sabemos: não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje.

E você, já pensou em fazer ajustes na sua rotina? O quanto se orgulha de si mesmo pode ser o medidor ideal da sua conduta. Se está sendo mais fácil ser responsável com os outros do que consigo, é necessário rever suas ações. A autorresponsabilidade e o autocontrole exigem esforço, dedicação, escolhas e renúncias.

Se há dificuldade em identificar quais emoções estão regendo suas ações, é hora de pedir ajuda para construir esse alicerce. Por isso, o desenvolvimento pessoal e profissional é tão importante. Compreenda que algumas situações não dependem diretamente de você, mas estão lá esperando uma atitude. E que você, na maioria das vezes, precisa tomar uma decisão.

Sim, é preciso saber frustrar-se. A frustração faz parte da experiência humana e pode ser um fator importante para desenvolver resiliência e persistência. Se algo não aconteceu como o previsto, reveja as rotas, alinhe as velas. O que estou querendo dizer é que você não precisa desistir, mas seguir por outro caminho. Por isso, não desista dos seus sonhos, dos seus professores, dos seus estudantes, nem daquela família mais difícil. Seja resiliente e persistente. Vai valer cada minuto que você refletiu para reverter a situação.

POR ONDE COMEÇAR?

Para cada situação, analise o contexto, busque referenciais que possam esclarecer o momento e tenha consistência das suas reações. De preferência sem mudanças bruscas de humor.

Mantenha interesse genuíno pelo mundo externo ao seu. Busque aprendizado em lugares, pessoas e coisas que normalmente fazem você refletir sobre elas, por serem diferentes daquilo que vive cotidianamente. Sempre há outro ponto de vista a ser considerado, esteja aberto ao novo. O novo pode estar bem ao seu lado. Uma pergunta importante: você conhece as pessoas com quem mantém contato diário?

Monte a famosa lista de afazeres, mas com dois ingredientes importantes: prazos e metas. Mensure bem o resultado que você deseja alcançar com as suas ações. A busca de resultados faz você refletir melhor sobre a jornada a ser cumprida. Lembre-se sempre: não existe receita pronta, não há modelos replicáveis. Há modelos que podem inspirar você. Você cria o mundo ao seu redor. Mas que mundo é esse?

Tenha consciência do seu próprio processo de aprendizagem. Esse processo dura a vida toda. Seja generoso com você. Todo ser humano pode se sentir cansado em algum momento, e mudanças significativas levam tempo. Mas não fique rodando em círculos, vá atrás do seu propósito, da sua essência, da sua missão.

Porque no final das contas, seu melhor amigo é você mesmo. Achou que você era o seu pior inimigo? Engano seu, você é o seu melhor amigo.

Finalizo aqui com Fabricio Carpinejar: “Ninguém muda sendo pressionado. Ninguém melhora sofrendo cobranças. A pessoa deve ter paz para entender o conflito, tempo para refazer a confiança e espaço para o trabalho de parto da personalidade”.

Viu? Este texto pode não ser para você, mas, com certeza, será para alguém que você conhece. Ou até mesmo para rever a formação dos seus professores sobre inteligência emocional. Então, vamos bater um papo? □

“
PARA CADA
ESFORÇO
DISCIPLINADO
HÁ UMA
RETRIBUIÇÃO
MÚLTIPLA.”

JIM ROHN

ENY MUNIZ

é professora, especialista em linguagens, marketing e comunicação, sua grande paixão. Atualmente é Diretora Pedagógica do Projeto UNO Educação.

PARA SABER MAIS

- GOLEMAN, D. *O cérebro e a inteligência emocional*. São Paulo: Objetiva, 2012.
- RODRIGUES, I. E. *Quem quer mais, CRIAFOCO!* Belo Horizonte: Open Place, 2017.



Um projeto educacional completo

O **UNO educação** é um **projeto educacional completo** que contempla **soluções integradas e tecnológicas** que promovem o desenvolvimento de competências e habilidades.

Diferente das propostas focadas apenas em conteúdo e resultado, nosso projeto **transforma a realidade escolar por meio da educação com propósito**. No Brasil, somos uma rede de mais de **430 escolas** parceiras, com mais de **130 mil alunos**.



O projeto UNO oferece:



Recursos de aprendizagem impressos e digitais, da Educação Infantil ao Ensino Médio, alinhados com a BNCC.

Educação bilíngue integrada por meio da metodologia CLIL (Content and Language Integrated Learning).

Projeto e **Trajetoi:** materiais exclusivos do projeto que concretizam o trabalho com competências e habilidades por meio de metodologias ativas e cultura *maker*.



Programas de desenvolvimento de **habilidades socioemocionais, cognitivas e de lógica de programação.**

Ambientes Maker e Media Lab-Transmídia com atividades integradas aos componentes curriculares.

Plataforma de gestão da aprendizagem e Apps educacionais exclusivos do projeto.

Cultura avaliativa e devolutiva de resultados para a evolução acadêmica dos alunos.




Serviços educacionais de apoio à escola.



Formação continuada de professores e equipe de gestão.

Fale com o UNO

 0800 772 8866

 contato@uno.com

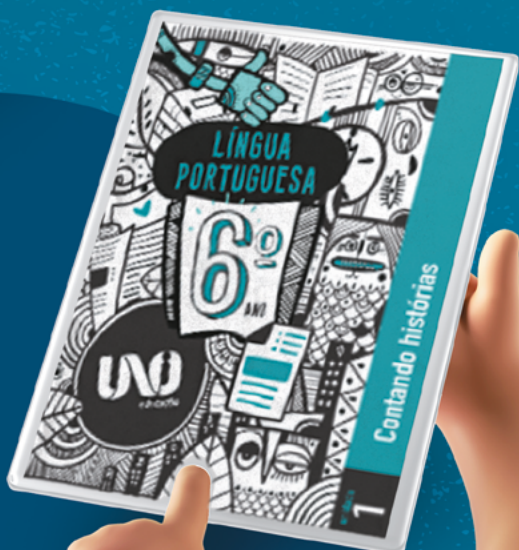
 unoeducacao.com

 /unoeducacao

 @unoeducacao

 /unoeducacao

UNO
educação





O aluno como protagonista de suas escolhas

Um projeto em que os alunos aprendem o essencial para o trabalho e a vida em sociedade desenvolvendo



PENSAMENTO
CRÍTICO



CULTURA
DIGITAL



EMPATIA



CIDADANIA

A ENTREGA DO
UNO PERMITE
ARRANJOS
CURRICULARES
QUE SE ALINHAM
À NOVA
PROPOSTA
DO MÉDIO



ENSINO MÉDIO



• ENSINO MÉDIO MODULAR

240 MÓDULOS IMPRESSOS COM TEORIA E ATIVIDADES.

Todos possuem versão digital, com recursos multimídia integrados e resumos. Além disso, o aluno conta com trilhas de aprendizagens para estudo autônomo.



• REVISIONAL R30

A coleção Revisão em 30 Volumes traz os temas mais recorrentes no Enem e nos principais vestibulares do país, com questões oficiais desses exames. Um conteúdo com 465 aulas disciplinares, 105 aulas extras e 273 videoaulas.

FI: EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL



• MÓDULOS DISCIPLINARES

217 módulos exclusivamente digitais. A versão do professor traz também recursos multimídia adicionais, respostas e comentários exclusivos.



• TRENANDO HABILIDADES

Módulos organizados conforme a Matriz de Habilidades do Enem, com questões elaboradas por especialistas.



• MÓDULOS INTEGRADOS

18 módulos temáticos ou que integram assuntos de diferentes disciplinas.

ELETIVAS

Cursos semestrais, com duração de 20 horas, desenvolvidos com base nos Eixos Estruturantes dos Itinerários Formativos.



PLENO

Recurso integrado à Plataforma UNO que traz a possibilidade de criar avaliações *online*. O estudante pode criar uma estratégia de estudos mais eficaz com base em seus resultados, desenvolvendo a autonomia.



AVALIAÇÕES

Simulados Enem: provas baseadas no modelo do Enem, com alta qualidade pedagógica e distribuição de questões de acordo com a Matriz de Competências e Habilidades do Inep.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS E FORMAÇÃO GERAL BÁSICA

Para auxiliar na eleição de grade e no planejamento da escola, este documento apresenta uma sugestão de uso dos módulos disciplinares do Ensino Médio, indicando se são mais apropriados para a Formação Geral Básica ou para a utilização nos Itinerários Formativos.



PROJETO DE VIDA

O GPS: Guia de Protagonismo no Século XXI é a proposta do UNO para apoiar as escolas na condução do Projeto de Vida, em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular e a reforma do Ensino Médio.

Simulados Vestibulares Paulistas: avaliação de objetos de conhecimento dos vestibulares da UNESP, UNICAMP e FUVEST.

Fale com o UNO



0800 772 8866



contato@uno.br



unoeducacao.com



/unoeducacao

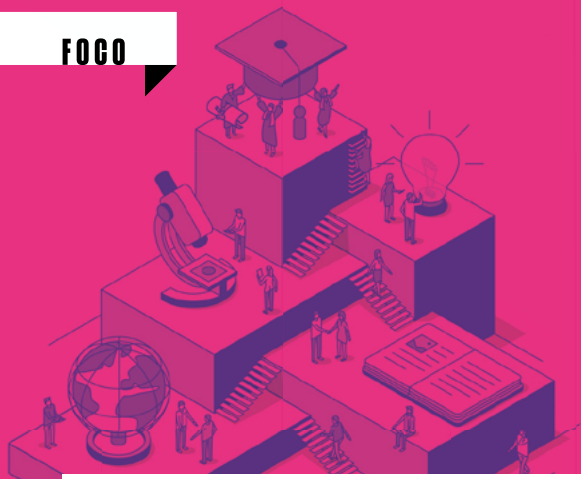


@unoeducacao



/unoeducacao

UNO
educação



2021: UMA ODISSEIA

AOS NOVOS VELHOS

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

Chegou a hora de retomar as rédeas e iniciar uma nova jornada rumo ao ensino híbrido de qualidade. Vamos nessa?

TEXTO Carla Arena, Giselle Santos e Samara Brito

QUANDO 2020 CHEGOU, imaginou-se que seria mais um ano marcado pelas conhecidas rotinas de novos tempos: as promessas de Ano-Novo, os lançamentos imperdíveis das grandes feiras, o sonho de novas aquisições para as salas dos professores, a busca por mais espaço na memória dos dispositivos eletrônicos, o Carnaval, os debates climáticos, as eleições e os memes do momento. Já parou e pensou em quem era você no início de 2020?

QUE TAL PARTIR EM UMA RETROSPECTIVA RÁPIDA ATÉ O INÍCIO DO ANO LETIVO DE 2020?

Janeiro. A sua instituição devia estar em período de planejamento, semana pedagógica ou no período de férias dos professores. O calendário letivo já estava aprovado, bastava seguir o planejado.

Fevereiro. Início das aulas. A escola começava a ficar cheia de vida. Famílias circulando com materiais escolares, fazendo

matrícula, estudantes pelos corredores e o barulho do sinal de início e final das aulas. Chegou o Carnaval, paramos um pouco e voltamos todos animados.

Até aí, tudo certo! Tudo dentro do planejado. A gente ouvia notícias sobre escolas suspendendo as aulas ao redor do mundo, sobre o número de casos de transmissão de Covid-19, mas, no nosso imaginário otimista, não havia a menor possibilidade de fechar a escola. Ainda mais no Brasil, “um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza” (Jorge Ben Jor, 1969). Nem nos nossos mais longos devaneios imaginamos a dimensão do que viria pela frente.

Março. A notícia que todos temiam: escolas precisavam ser fechadas. No gráfico a seguir é possível observar que as buscas pelo termo “escolas fechadas”, no Brasil, tiveram um pico entre os dias 15 e 21.

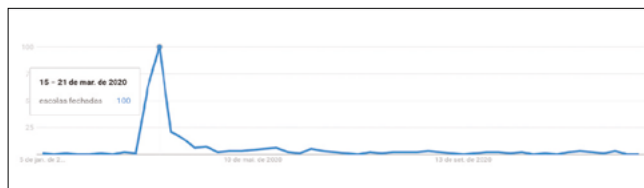
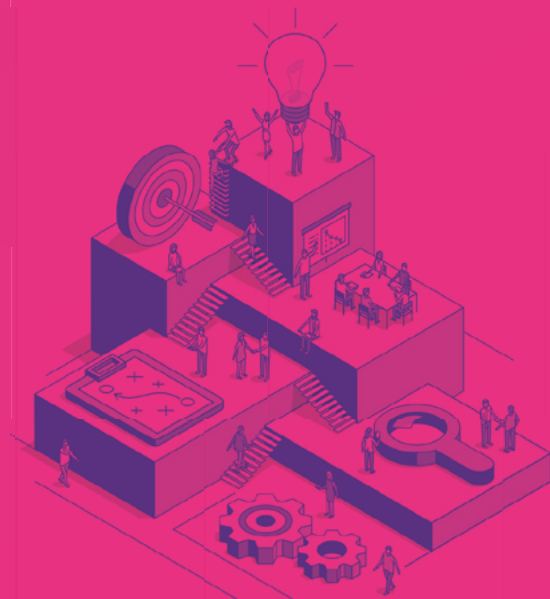


Gráfico 1: Buscas pela palavra-chave “escolas fechadas”. Disponível no Google Trends: bit.ly/3juhXFa. Acesso em: fev. 2021.

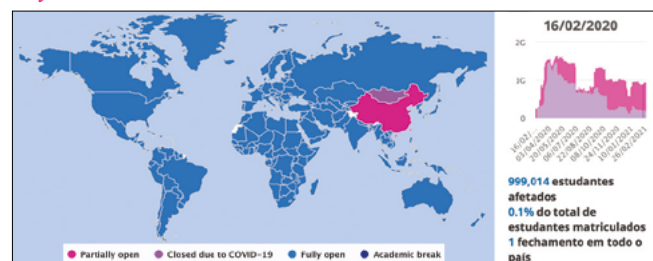
Os primeiros decretos previam uma suspensão de, no máximo, uma semana. Cada instituição se organizou como deu. Algumas suspenderam as atividades escolares e outras en-



viaram atividades para casa. Vale recorrer ao que determina a Lei de Diretrizes e Bases: o Ensino Fundamental deve ser presencial, o que proibia a modalidade de educação a distância. Isso já ligou o sinal amarelo para a extensão do tempo da quarentena. Quando a população e os órgãos reguladores da educação se deram conta de que não seria possível ter aulas presenciais, houve um movimento do Conselho Nacional de Educação, em 31 de março, esclarecendo dúvidas e liberando o ensino a distância para todas as modalidades educacionais de estados e municípios.

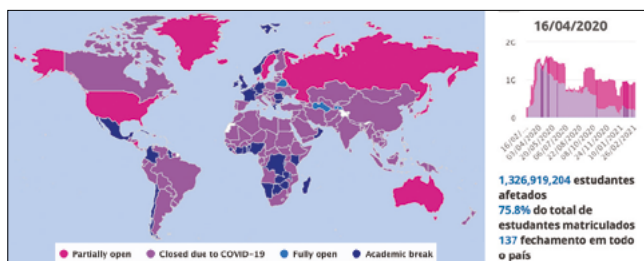
A UNESCO, órgão da ONU para educação e cultura, acompanha de perto o processo de fechamento e abertura das escolas. Nos quadros a seguir, é possível observar e comparar quais países tiveram suas escolas fechadas, abertas ou parcialmente abertas. Para comparar, destacamos três datas específicas:

16 fev. 2020: Início do monitoramento.



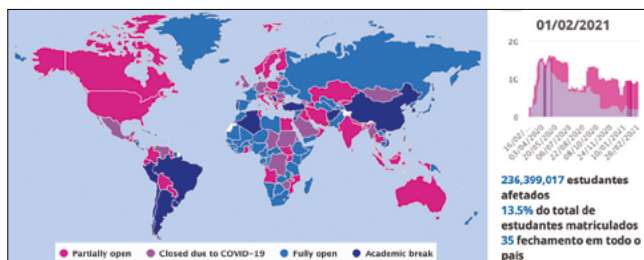
Quadro 1: Monitoramento mundial do fechamento de escolas devido à Covid-19 em 16/02/2020. Disponível em: bit.ly/3tDCagw. Acesso em: fev. 2021.

16 abr. 2020: Período com maior número de escolas fechadas.



Quadro 2: Monitoramento mundial do fechamento de escolas devido à Covid-19 em 16/04/2020. Disponível em: bit.ly/3tDCagw. Acesso em: fev. 2021.

1º fev. 2021: Período comum para o início do ano letivo brasileiro.



Quadro 3: Monitoramento mundial do fechamento de escolas devido à Covid-19 em 01/02/2021. Disponível em: bit.ly/3tDCagw. Acesso em: fev. 2021.

O Brasil está entre os países que fecharam escolas por mais tempo. Do início do monitoramento até fevereiro de 2021, um ano após o início da pandemia da Covid-19, milhares de ➤

▶ estudantes no mundo ainda enfrentam interrupções significativas, que vão desde o fechamento de escolas até os horários acadêmicos reduzidos ou de meio-período. De acordo com a UNESCO, em média, dois terços de um ano acadêmico foram perdidos em todo o mundo devido à Covid-19. Ainda é difícil mensurar o impacto do fechamento das escolas. Segundo Audrey Azoulay, Diretora-Geral do órgão, “os fechamentos prolongados e repetidos de instituições de ensino estão causando um impacto psicossocial cada vez maior nos estudantes, e estão aumentando as perdas de aprendizagem e os riscos de abandono escolar, além de afetar os mais vulneráveis de maneira desproporcional. O fechamento total das escolas deve ser o último recurso, e reabri-las com segurança, uma prioridade”.

Para entender o processo no Brasil, vamos comparar dados de pesquisas realizadas com os termos “aula online” e “escolas fechadas”.

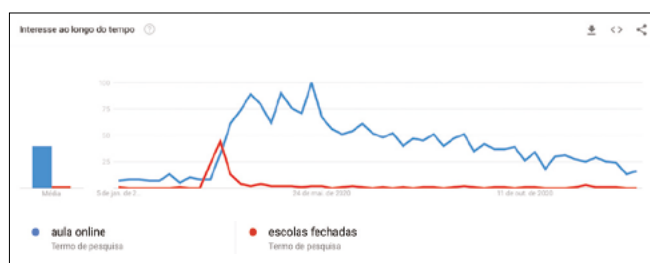


Gráfico 2: Comparação entre os termos de pesquisa “aula online” e “escolas fechadas”. Disponível no Google Trends: bit.ly/2LvnTBg. Acesso em: fev. 2021.

Simultaneamente ao fechamento das escolas, o termo de pesquisa “aula online” cresceu vertiginosamente. Estava claro que, naquele momento, aconteceria uma migração do ensino presencial para o ensino remoto de forma emergencial, com aulas *on-line*. Num primeiro momento, as instituições de ensino migraram para plataformas que permitiam aulas síncronas (ao vivo) com os estudantes — é importante ressaltar que, devido à falta de equidade digital no Brasil, nem todas as escolas e nem todos os alunos participaram de aulas *on-line*. A seguir, confira os dados do Google Trends com pesquisas sobre plataformas de *streaming* para aulas *on-line* (Google Meet, Zoom e Microsoft Teams).

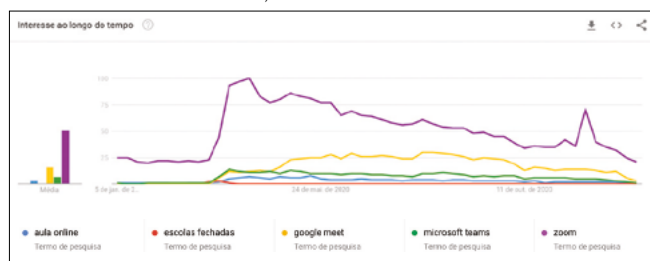


Gráfico 3: Comparação de buscas entre os termos “aula online”, “escolas fechadas”, “Google Meet”, “Microsoft Teams” e “Zoom”. Disponível no Google Trends: bit.ly/3rxONrE. Acesso em: fev. 2021.

Se 2020 foi o ano do ensino remoto emergencial, em 2021, é preciso avançar dentro de circunstâncias desafiadoras e ter um olhar mais estratégico e intencional para as práticas pedagógicas. Se ficou claro que a aprendizagem rompe as barreiras de

espaço e de tempo para além do período de aula e das paredes da classe, quais são as implicações para o que se entende como aula e o processo ensino-aprendizagem? Algumas revelações, antes vistas como indícios e estratégias educacionais adjacentes, agora tomam uma nova proporção:

1 O papel das comunidades virtuais de aprendizagem.

É essencial fortalecer a aprendizagem por pares em que a mediação pedagógica está nos nós relacionais entre os alunos. O papel do professor se diluiu em várias dimensões de espaço-tempo e as comunidades de aprendizagem vieram para dar a liga e o suporte de que os alunos precisam. Esse conceito não é novo e já vem sendo discutido há décadas com o advento do digital nos contextos educacionais. Thomas e Brown (2011) nos lembram de que o crescimento digital em todas as esferas sociais e nos contextos educacionais traz oportunidades para promovermos **novas culturas de aprendizagem** baseadas em comunidades, que estimulam a investigação, com mais perguntas do que respostas, e capacitam interesses e paixões dos alunos como catalisadores para o aprendizado contínuo.

2 Mentalidade ágil, adaptativa e coerente com o processo pedagógico.

De tempos em tempos, vivenciamos profundas mudanças na forma como as pessoas convivem, aprendem ou, simplesmente, existem dentro de um todo. Paralelamente, pesquisas de todos os campos sinalizam que a Educação, uma instituição com um enorme potencial de resultados em futuros, ainda é forjada por modelos pouco flexíveis, acessíveis ou escaláveis. Por que a gente não presta atenção nesses sinais? **É preciso desapegar do “foi sempre assim”**. Qualquer tipo de solução fixa, intangível ou intocável, em tempos de tantas inconstâncias, não se sustenta. Muitos protocolos emergenciais foram úteis em 2020, mas agora apresentam lacunas que devem ser abordadas a fim de garantir acesso ao aprender diante de situações de **recalibragem contínua, mobilidades multidimensionais e contextos plurais**.

Então, como responder à urgência da migração para ambientes de convivência e aprendizado que transitam entre o digital e o físico de forma fluida e ágil?

Uma solução possível é estabelecer a cultura de *test and learn* no planejamento de ações. Essas estratégias de **testagem e descoberta** giram em torno da adoção de comportamentos, processos e metodologias ágeis e permitem **interações rápidas, escaláveis, orientadas para as pessoas e ricas em dados**, permitindo a desestruturação de procedimentos ineficazes para a reconstrução rápida de processos. Na prática, representa a **autonomia para arriscar** novos caminhos, a **liberdade para errar**, as **decisões baseadas em dados** e a **colaboração e sensação de pertencimento**, em outras palavras, **ações direcionadas**.

3 **Criando novos mundos.** John Seely-Brown, além de enfatizar a necessidade de repensar a educação por meio da imaginação, provoca: “Não é sobre memorizar coisas, e não é sobre repetir as coisas. É sobre a habilidade da

mente de criar um mundo”. A pandemia trouxe mais clareza sobre discussões antigas e recorrentes como relevância, conteúdos conectados com os alunos e desenvolvimento de habilidades para a vida, dimensões que no tradicionalismo educacional acabam se perdendo em esferas conteudistas, mas que demonstram fragilidades na preparação de jovens cidadãos conectados, críticos, criativos, pensadores e fazedores. É preciso torná-los capazes de criar e vislumbrar novos mundos e futuros desejáveis. Fica aqui o desafio para você, educador, de entrar em uma jornada de criação pós-pandêmica, dentro dessa perspectiva de saberes transversais em que nossos alunos são criadores de novos mundos com uma condução pensada pelo educador John Spencer e traduzida e adaptada em uma parceria do Amplifica e da Casa Thomas Jefferson, dentro do projeto Simplifica (conheça mais sobre a abordagem baseada em projetos em: bit.ly/desafiosimplificapospandemia; acesso em: 20 mar. 2021).

4 O digital e seus novos contornos. Com a expansão das inovações tecnológicas emergentes em tecnologias da informação e comunicação (TICs) e de modelos práticos de *design* de aprendizagem, surgem novos cenários e interfaces de interação, trocas, colaboração e construção de inteligências coletivas. É preciso enfatizar que toda tecnologia é humana. Dessa forma, nenhum movimento de virtualização de espaços de aprendizagem deve estar descolado das essências do ser, do saber, do fazer e do conviver e do bem-estar.

Para Pierre Levy (2020), escolas, universidades, bibliotecas públicas, museus e outros devem tirar maior proveito da internet e descentralizar seus bancos de dados. Seguindo o autor, devemos oportunizar um novo tipo de esfera pública, em que os dados e metadados sejam o nosso bem comum. Nesse novo ambiente de registro e exploração colaborativa das memórias, os valores centrais são abertura, transparência e comunhão. É fundamental incorporar o pensamento sistêmico para a concepção de novos caminhos na educação. Mas como fazer isso partindo de ausências importantes?

No atual contexto do Brasil, de acordo com a pesquisa “Juventudes e a pandemia do Coronavírus”, os principais desafios para os jovens não estão na falta de tempo ou no aparato tecnológico disponível, mas sim na ausência de redes de apoio emocional, na falta de um ambiente favorável à aprendizagem remota e na dificuldade de interagir com professores sem contato presencial.

A ressignificação do conhecimento para novos contextos é uma das formas mais naturais de inovação em tempos de escassez. Os últimos meses, com seus requisitos de protocolos sanitários, arranjos econômicos e distanciamento físico, trouxeram a urgência de criação de ambientes que ofereçam uma reorganização das maneiras como pensamos e cocriamos espaços de aprendizagem, a partir do convívio, da colaboração, da criatividade e do fazer.

O projeto Civic Signals (New Public), dedicado a construir espaços *on-line* mais saudáveis, elencou premissas

importantes para a gestão da comunicação digital na criação desses espaços virtuais e imersivos:

- ▶ estimular a humanização;
- ▶ cultivar o pertencimento;
- ▶ construir pontes entre grupos;
- ▶ fortalecer laços locais;
- ▶ escalar preocupações compartilhadas;
- ▶ amplificar a resiliência da comunidade;
- ▶ promover o diálogo;
- ▶ fomentar o engajamento cívico e a amplificação de vozes.

Não basta apenas olhar para as próprias comunidades e instituições, é necessário pensar e explorar futuros de forma planetária. Não é olhar para onde estávamos em 2019 e esperar voltar à normalidade. É preciso se preparar para outro lugar educacional, que será o dia a dia normal nos próximos anos. Para que isso aconteça de forma estratégica e intencional, e menos reativa, é essencial olhar para dentro, para fora, olhar junto, como já alertava o pesquisador e pensador John Hagel, sobre a necessidade de navegar de um período industrial para a **era contextual**.

CARLA ARENA e SAMARA BRITO

são educadoras e cofundadoras do AMPLIFICA, empresa focada em criação de experiências de aprendizagem para educadores, líderes educacionais e corporativos. Educadoras Inovadoras certificadas pelo Google. Atuam na formação de profissionais para desenvolverem fluência digital e um mindset para a inovação. Carla e Samara têm projetos com parceiros como Google, Nova Escola, Fundação Lemann, Oi Futuro, Telefônica Vivo, makerspaces, editoras e universidades. Samara é Mestre no ensino de Física e pós-graduada em Matemática pela UnB. Carla é formada em Relações Internacionais, com especialização em ensino on-line e Inovação em Tecnologias Educacionais. Carla e Samara blogam no <http://amplifica.me/blog> e são ativas no Twitter como @carlaarena e @samarameira.

GISELLE SANTOS

é Google Innovator, Consultora de Inovação e fundadora da Human:ia, startup fundamentada na intenção de criar, por meio da Educação, acessos descomplicados para o entendimento e uso combinado das inteligências artificiais e humanas. Giselle Santos é geek assumida, curiosa por natureza e investigadora de temas como futurismo, gamificação, tecnologias disruptivas e aplicação de realidade virtual e aumentada na aprendizagem. Diariamente, troca dicas de Educação e práticas inovadoras no seu perfil no Twitter, @feedtheteacher. Em suas horas vagas, liberta brinquedos e hackeia a vida.

PARA SABER MAIS

- ARENA, C.; BRITO, S.; SANTOS, G. Da reação ao amadurecimento: Educação *on-line* de longo prazo. *Educatrix*, São Paulo, ano 10, n. 20, 1º out. 2020. Seção Por dentro, p. 82–87. Disponível em: mod.lk/educ19. Acesso em: 17 fev. 2021.
- BROWN, J. S.; THOMAS, D. A new culture of learning: cultivating the imagination in a world of constant change. Createspace, 2011.
- HAGEL, J. Navigating from the Industrial Age to the Contextual Age. *Blog Edge Perspectives*, 15 ago. 2018. Disponível em: bit.ly/3aQmcqX. Acesso em: 17 fev. 2021.
- LEVY, Pierre. *Coroação*. Pierre Levy's Blog, [S. l.], 15 abr. 2020. Categoria Collective Intelligence. Disponível em: bit.ly/3a25NRo. Acesso em: 17 fev. 2021.
- MEC (Brasil). Conselho Nacional de Educação esclarece principais dúvidas sobre o ensino no país durante pandemia do coronavírus. Site Ministério da Educação, Brasil, 31 mar. 2020. Seção Perguntas e Respostas. Disponível em: bit.ly/3aKVoEJ. Acesso em: 17 fev. 2021.
- Pesquisa Juventudes e a pandemia do Coronavírus. 2020. Disponível em: bit.ly/3psWDaq. Acesso em: 17 fev. 2021.
- Portal New Public - For Better Digital Public Spaces: newpublic.org.
- Projeto Simplifica: bit.ly/desafiosimplificapospandemia.

SOMOS A BASE QUE

IM- DUL- SIONA

nossos alunos para o MUNDO.



Nosso propósito é ensinar a liderar pelo
caminho da educação, acreditando
que a verdadeira liderança
vai muito além do 1º lugar.

**Preparamos nossos
alunos para a vida.**

**Uma solução educacional para
todas as etapas da jornada escolar,
da Ed. Infantil ao Ensino Médio.**

Para saber mais, acesse
nosso site www.sistemaafb.com.br
e conheça toda a oferta completa que
o SFB tem para sua escola.



@sistemaafb



Sistema Farias Brito

SFB

SISTEMA FARIAS BRITO

EXCELÊNCIA SEMPRE EM PRIMEIRO LUGAR.

FAÇA DA SUA ESCOLA UM TERRITÓRIO DA LEITURA



Território da leitura

CONSTRUA UMA
COMUNIDADE DE LEITORES
A PARTIR DA ESCOLA.

Conheça o app
"Contadores de Histórias".
Grande aliado na
aprendizagem durante
as aulas e também
no ensino híbrido!



UM PROJETO FOCADO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Recursos que incentivam a construção do repertório literário e cultural do aluno.



MATERIAIS PARA ALUNOS E PROFESSORES

EMBALAGEM ESPECIAL PARA OS ALUNOS



Diário literário da família para registrar as experiências e engajar a família.

Diário do contador de histórias para registro autônomo das produções e experiências de leitura.



Aplicativo Contadores de histórias para incentivar a criatividade.

AUTORES PREMIADOS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS

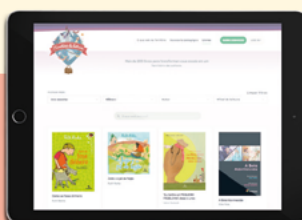


4 obras literárias à escolha da escola entre mais de 200 títulos disponíveis.

MATERIAIS EXCLUSIVOS PARA O PROFESSOR



Ferramentas pedagógicas para intermediar a **dinâmica de leitura**.



Site com acesso exclusivo para uma série de vídeos com contações de histórias e formações pedagógicas.



Arquivos prontos para imprimir – materiais de ambientação e para organizar um sarau.



Conheça mais em territoriodaleitura.moderna.com.br



OLHARES PARA a ESCOLA: PERDAS E GANHOS

A reorganização da dinâmica entre escolas e famílias pode construir um legado de parceria e de empatia e resiliência, mas também pode reverberar a diferença de valores entre a escola e a educação familiar.

TEXTO *Gustavo Wigman*

A PANDEMIA da Covid-19 impactou intensamente a vida global. Milhares de práticas, negócios, valores, instituições, crenças e comunidades viram-se transformadas, questionadas, em xeque. A educação esteve — e está — no epicentro dessas mudanças. Embora o modelo de educação em vigor no mundo desde o final do século 19 tenha passado por algumas atualizações metodológicas e práticas, sua estrutura mais básica seguiu praticamente intacta (e muito pouco questionada): em determinada idade, os pais levam seus filhos para a escola e apostam no trabalho da equipe pedagógica para a formação deles.

A quarentena forçada e o consequente ensino remoto emergencial transformaram esse quadro: a escola adentrou as casas das famílias e os pais foram convocados a tomar parte na organização e, em muitos casos, no ensino de seus filhos, lançando holofotes sobre as práticas educacionais vigentes. Se as famílias apostavam, talvez cegamente, no trabalho das escolas, se estavam distantes do fun-

cionamento delas, o ensino remoto rapidamente forçou a aproximação entre os dois lados.

A mudança causou transtorno para famílias, professores, alunos e escolas em geral. Foi preciso aprender novas tecnologias, metodologias, rotinas e práticas; novas formas de comunicação e de relacionamento — muita resiliência, maleabilidade, tolerância e inventividade. Entre os principais ganhos, essa aproximação família-escola forçou os pais a serem parte da educação dos seus filhos e as escolas a trazerem mais clareza a seu trabalho.

A ESCOLA “BIG BROTHER”

Na rotina pandêmica, pela primeira vez, os pais tiveram a oportunidade de assistir às aulas de seus filhos, e os professores se viram em uma vitrine, avaliados aula após aula. Os argumentos usados pelas famílias para disseminar e discutir opiniões e críticas nas redes sociais ganharam peso com as observações e os fatos sobre as dinâmicas escolares. ➤



» E o que eles observaram? Em um primeiro momento, a dificuldade de muitas escolas – e professores – de aderir às plataformas virtuais de ensino remoto e garantir que seus processos de ensino e, em especial, avaliação fossem transpostos de modo satisfatório para o virtual. Em certo sentido, isso escancarou a falta de visão das escolas sobre os ganhos que a tecnologia pode trazer aos processos de aprendizagem, à gestão escolar e, em especial, à comunicação e ao estreitamento da relação com as famílias.

Alunos e famílias, diante das dificuldades do ensino remoto, passaram a problematizar a estratégia pedagógica adotada pela escola sob diversos ângulos, e o debate seguiu bastante descoordenado: alguns exigiam mais conteúdo, outros julgavam a carga excessiva; muitos apontavam a dificuldade de avaliar habilidades e competências, enquanto outros se preocupavam somente com a possibilidade de cola nas provas; enquanto alguns debatiam formatos de ensino híbrido, outros focavam na necessidade de transformar a escola por completo.

Alguns colégios optaram por filtrar os questionamentos dos pais, sob a premissa de que eles não possuem qualificação técnica para avaliar o conteúdo ou o formato das aulas. Será que isso é verdade? A educação tem migrado para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o sucesso profissional. Ao mesmo tempo, há pais que são professores, outros estão estudando e compararam a experiência dos filhos com a que têm em seus cursos; vários passam por treinamentos corporati-

vos, muitos gerenciam grandes equipes ou são responsáveis pelo treinamento delas.

Então, será mesmo que os pais realmente não enxergam os gargalos na formação dos alunos? Será que não é hora de aproveitar a aproximação dos pais para implementar de fato as mudanças que esperamos há tempos no modelo de educação?

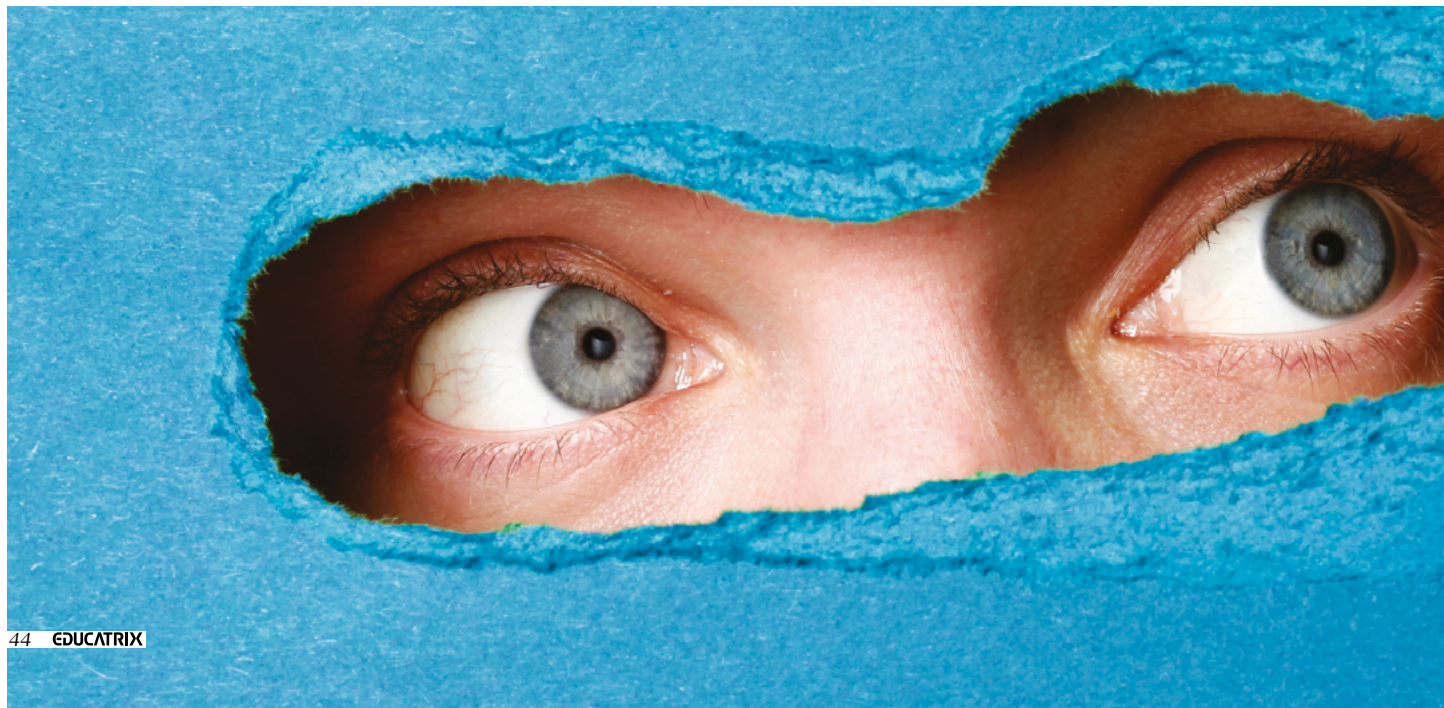
Este parece ser um momento bastante propício a essa reflexão. E, provavelmente, professores e colégios que não se adequarem às novas demandas correrem o risco de enfrentar o “paredão” das famílias.

O PAPEL DA ESCOLA COMO AGENTE AUTÊNTICO/AUTORAL

Assim como em outros setores da economia, o planejamento e o dia a dia de educadores viraram de ponta-cabeça com a pandemia. A dificuldade dos colégios em lidar com o digital abriu caminho para um maior poder de influência dos sistemas de ensino, que, estrategicamente, disponibilizaram suas ferramentas tecnológicas e conteúdo digital de forma gratuita para vários colégios.

À primeira vista uma saída perfeita para acabar com a confusão e facilitar a vida dos colégios, esse movimento esconde uma armadilha perigosa: ele reduz a escola ao papel de distribuidora de uma solução comercial padronizada, disponível para qualquer concorrente, e a torna dependente do fornecedor.

É evidente que a escola pode terceirizar vários setores de sua operação, desde a manutenção até a gestão financeira, mas não parece cabível que ela terceirize o núcleo de sua atividade, o saber, os pro-



cessos de ensino e aprendizagem, desde a curadoria do conteúdo até a aprendizagem socioemocional.

Uma escola deve dialogar com o que há de mais moderno em metodologias educacionais e com documentos e legislações que organizam a educação como um todo; mas, acima de tudo, uma escola é uma instituição autoral e singular, com valores próprios, situada em determinado ambiente e comunidade, com os quais interage de modo autêntico. Desse modo, a escola precisa possuir sua própria voz, sua própria abordagem e sua própria visão.

A escola deve partir do que há de consensual na educação contemporânea para construir relacionamentos e linguagens próprios. Assim como outras plataformas de sucesso, a escola é um ambiente que possibilita que os atores de determinado contexto desenvolvam conteúdos em conjunto e estruturam a forma como eles são personalizados e aplicados. No entanto, ao contrário da maioria dos negócios digitais (e dos sistemas de ensino), a escola pode ampliar esse conceito de plataforma ao ambiente físico, com atividades que reforcem o processo de aprendizagem e contribuam para a autenticidade e a exclusividade da sua oferta.

Essa oferta deve ser fortalecida com o combate às fragilidades na comunicação com famílias e alunos e, acima de tudo, na fundamentação do trabalho de desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Há décadas muitas escolas enfatizam dimensões socioemocionais em seus currículos e discursos, mas, com a pressão do cumprimento de tarefas e prazos de provas, o tema permaneceu confinado a uma

zona abstrata. O momento atual deixou definitivamente claro que autoconhecimento, empatia e outras habilidades de relacionamento interpessoal são bem mais relevantes do que alguns temas com pouca aplicação prática, e tem forçado as escolas a cumprir suas promessas nessa frente.

Como as crianças vão lidar com as adversidades e a tomada de riscos? Como poderão se autoconhecer e fazer escolhas mais conscientes? Como prepará-las para serem bons líderes no futuro? Como ajudá-las a desenvolver a resiliência para viver em um mundo em constante transformação? Como uma escola pode ajudar seus alunos a lidar com essas questões se seu corpo docente e seu gestor têm dificuldade com as próprias habilidades? Se uma habilidade não estiver cristalizada no ambiente escolar, nem disponível em programas terceirizados, como ela será exercida e desenvolvida?

Essas e outras perguntas precisam ser respondidas, ou pelo menos consideradas de forma prática e rotineira pelas escolas que tenham a intenção de seguir como escolha das famílias de agora em diante.

VALORES EM QUESTÃO: FAMÍLIA, ESCOLA, SOCIEDADE GLOBAL

Tratamos até agora de dimensões pedagógicas da experiência escolar como um todo. Uma dessas dimensões, no entanto, deve ganhar mais destaque nas reflexões que têm contribuído para o enfrentamento dos atuais desafios educacionais: a escola como um espaço de vivência de valores e uma instituição comprometida com princípios. »



**A ESCOLA PRECISA POSSUIR SUA
PRÓPRIA VOZ, SUA PRÓPRIA
ABORDAGEM E SUA PRÓPRIA VISÃO.**



» Ao entrar nas casas das famílias — e por um período extremamente longo —, a escola escancarou suas práticas pedagógicas e deixou claro como o conjunto de valores que diz defender é efetivamente vivido na experiência de professores e alunos. Os princípios norteadores de uma formação em sentido abrangente passaram a estar sob os refletores da avaliação dos pais, gerando uma dinâmica de interação possivelmente inédita entre os valores da família e os valores da escola.

Quando falamos em valores, é tentador olhar para o território da moral, dos costumes, do comportamento — ou até da religião. No entanto, por mais decisivos que esses elementos sejam, há mais de meio século que as nações avançadas abandonaram a pretensão de fazer das salas de aula ambientes de reprodução mecânica ou de imposição de valores de natureza moral. Trata-se de uma pré-condição inegociável para que a diversidade e o pluralismo realmente encontrados na experiência social humana atual sejam respeitados, incentivados e até mesmo construídos na escola e a partir dela.

Isso não quer dizer que a escola não seja uma instituição cuja identidade traz a marca dos valores que a norteiam — a escola é, em verdade, um espaço de realização vívida desses valores na formação dos alunos. Nossa condição requer — e isso se tornou agudamente relevante durante a pandemia — que os valores da escola possam dar abrigo respeitoso, harmonioso e seguro a diversas visões morais, comportamentais, sociais e religiosas no seio da comunidade escolar.

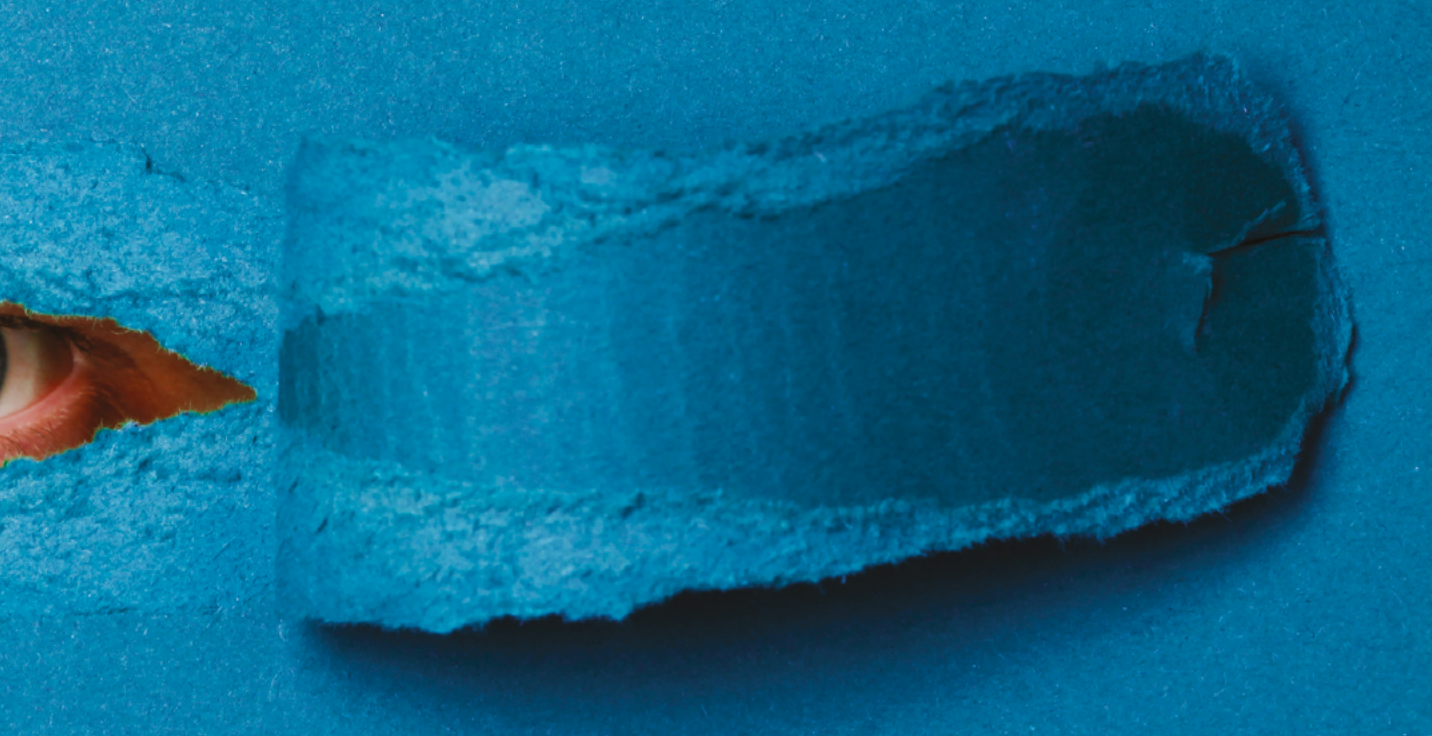
As escolas buscarem consolidar esse perfil não é novidade. Prova disso são as diversas e excelentes instituições que se definem por propósitos como:

❶ a educação para um mundo globalmente conectado, em que múltiplas culturas interagem de maneira complexa; ❷ a preparação dos alunos para atuar em um mundo caracterizado por mudanças cada vez mais intensas e velozes; ❸ a preocupação nuclear com o desenvolvimento de habilidades e competências cooperativas, voltadas para a resolução de problemas e solidamente estabelecidas em sujeitos autônomos, solidários, emocionalmente maduros e capazes.

Esses são exemplos concretos de valores que as escolas explicitamente têm defendido, praticado e ensinado; e eles não entram em conflito com valores familiares de qualquer natureza — pelo contrário, dão guarida à diversidade de valores morais, comportamentais e religiosos compreendida em cada família de forma singular. O que vivemos ao longo dos últimos meses é a experiência mais radical que a pandemia provocou de trazer o modo como as escolas efetivamente são capazes de honrar seu compromisso com esses valores na prática educacional.

Na dinâmica de interação de valores família-escola, não apenas comprovou-se a verdade já tantas vezes anunciada em pesquisas e mais pesquisas de que o envolvimento da família com a instituição traz efeitos positivos para a escola e para a aprendizagem, como consolidou-se a escola como espaço — mesmo que virtual — de vivência e amadurecimento de valores-chave para a vida no cada vez mais complexo e surpreendente mundo em que nossas crianças e jovens vivem — e viverão.

A execução e o discurso devem estar alinhados: muito se fala sobre a importância de desenvolver as competências socioemocionais, a capacidade de



comunicação e o pensamento crítico, e todos concordam que a escola é um ambiente propício para esse aprendizado. No entanto, muitos gestores não estão conseguindo colocar esse conjunto de habilidades em prática, tendo dificuldade em manter o foco e considerar soluções criativas para driblar a crise. É cada vez mais fundamental entregar as promessas feitas para os pais e demonstrar, com atitudes, que os alunos têm bons exemplos dessas competências dentro do colégio.

DIAGNÓSTICO DE CRISE, CAMINHO PARA MUDANÇAS

O quadro exposto até aqui deixa claro um diagnóstico bastante consensual entre profissionais e especialistas da área da educação: às transformações históricas pelas quais passava a escola tradicional nas últimas décadas, somaram-se a vertiginosa rapidez da inovação tecnológica, afetando diversos aspectos da sociabilidade humana, e o impacto econômico da maior calamidade sanitária em mais de um século de história. Como vimos, desde muito antes do que vivemos atualmente, nossas vidas já estavam radicalmente alteradas, tanto no mercado de trabalho como nas rotinas pessoais – já éramos mais digitais, mais conectados e mais demandados.

Nesse sentido, os tremendos efeitos da pandemia sobre a área da Educação antes tornaram mais explícitos os pontos fortes e fracos de cada instituição escolar do que propriamente apresentaram demandas inesperadas. À exceção das exigências específicas das condições de saúde da comunidade escolar, já era esperado que as escolas estivessem preparadas em quesitos como ensino digital, novos mecanismos de avaliação e foco no desenvolvimen-

to socioemocional, incorporando esses elementos de maneira orgânica à identidade da escola, constituindo aquilo que estamos chamando de voz própria de cada instituição. Com isso, não queremos de modo algum diminuir a dimensão dos desafios únicos que reconhecemos no cenário atual. Antes, procuramos assinalar que muitos dos passos decisivos para o enfrentamento da difícil realidade que se impôs no último ano já vinham sendo trilhados, com excelentes resultados, por diversas escolas.

Quando a crise passar, não voltaremos à vida normal que conhecíamos. Muito terá mudado, e caberá a nós, como sociedade, construir um novo significado para a palavra “normal”. A retomada econômica não será fácil. No cenário pós-crise, terão mais chance de sobreviver aqueles que conseguirem provar o valor que entregam às famílias. É preciso fazer e mostrar na mesma medida.

O objetivo deste artigo não é trazer respostas. Muito menos fórmulas ou receitas. A intenção é fomentar a reflexão a partir de temas sobre os quais consideramos sensato que os colégios se debrucem. É urgente que gestores e educadores pensem em como desenvolver cada um deles com seriedade e agilidade. Temos agora a oportunidade de acelerar um futuro que seria, de qualquer forma, inevitável. Vamos em frente!

GUSTAVO WIGMAN

é fundador e CEO do Instituto Vertere. Bacharel em Engenharia Agrônoma pela Unicamp. MBA em Administração de Negócios pela Ibmec Business School.

O NOVO NORMAL: FAMÍLIAS e a ESCOLA

Um ano após o início do ensino remoto emergencial, a participação familiar na educação ganha contornos e significados ainda mais próximos. Quais são os novos papéis nessa relação?

TEXTO *Lara Silbiger*

EM UM ANO tão atípico como 2020, não foram apenas os estudantes que aprenderam novas lições de vivências escolares. Com a sala de aula dentro de casa, as famílias se viram mais próximas da educação dos filhos, assumindo outros papéis no processo de aprendizagem. Lidar com tal mudança na rotina rendeu reflexões e descobertas acerca da função do professor, da transcendência da escola para além do espaço físico e da sua relevância no projeto de vida de crianças e jovens.

De acordo com a pesquisa Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias, encomendada ao Datafolha pela Fundação Lehman, Itaú Social e Imaginable Futures, 51% dos responsáveis consideram que participam mais da educação dos filhos na pandemia. O índice sobe para 58% entre os que têm maior escolaridade, contra 47% entre os que têm nível fundamental. Além disso, 72% dos pais sentem que estão com mais responsabilidade pela educação dos filhos.

O levantamento ouviu 1.021 responsáveis por estudantes de 6 a 18 anos da rede pública de todo o

país em setembro de 2020 e revela que quase 90% das famílias consideram importante receber orientações da escola sobre como apoiar e motivar a realização das atividades. Os professores passaram a ser mais valorizados por 71% das famílias e 94% consideram muito importante que eles estejam disponíveis para corrigir atividades e esclarecer dúvidas durante as aulas não presenciais.

O estudo mapeou que os estudantes estão menos motivados e mais ansiosos em função do afastamento da escola. O índice dos que se dedicam até 3 horas por dia às atividades escolares é de 24%, enquanto 31% dedicam-se apenas de 1 a 2 horas diárias. Ainda assim, para 64% dos pais, as aulas não presenciais se mostram eficientes ou muito eficientes para o aprendizado. Para outros 36%, a modalidade é ineficiente.

O medo de que os filhos abandonem a escola assola 31% das famílias. Para o estudo, essa percepção está atrelada aos entraves que os alunos enfrentam para acompanhar as aulas em casa, o que pode abrir espaço para a desmotivação e para uma possível desistência. Para vislumbrar o ensino remoto sob a perspectiva dos pais, a *Educatrix* conversou com cinco famílias de diferentes regiões do Brasil sobre suas experiências durante a pandemia. »



» DESENVOLVENDO A AUTONOMIA

Elsamar Emerique é arte-educadora e mãe de **Geisany**, 12, e **Yanne**, 6 (Jacundá, PA)

“ A pandemia trouxe tempos de distanciamento e de isolamento para as crianças. A escola foi o contraponto dessa realidade, com as aulas on-line e as crianças interagindo entre si e com os professores na plataforma virtual. Os olhos da minha filha Geisany, que estuda na EMEF Rosalia Correa, brilham de alegria cada vez que um colega abre a câmera. É a possibilidade de se ver, mesmo que através da tela. A escola tem esse papel de não deixar que se percam os vínculos sociais e afetivos.

Em casa, a mudança de rotina foi drástica. A tarefa de ensinar, antes vista como responsabilidade exclusiva da escola, passou a exigir maior contribuição dos pais. Minha filha mais nova, Yanne, que fez o último ano da Educação Infantil na ERCEI Jardim das Acácias em 2020, precisou de acompanhamento em tempo integral para concluir as atividades das apostilas enviadas semanalmente pela escola. A mais velha realiza tarefas com mais autonomia e nos procura para tirar dúvidas eventualmente.

Já o contato com a escola melhorou. Temos um grupo de WhatsApp das turmas e já me reuni com as professoras para pegar apostilas e receber orientações sobre como ajudar minhas meninas nos estudos. O ensino híbrido contribuiu para o desenvolvimento da autonomia e autodeterminação. Houve vezes em que a Geisany chegou a chorar por não saber como realizar uma atividade – estava acostumada com o passo a passo na sala de aula –, mas aprendeu a tomar decisões, a lidar com o risco de estar certa ou errada, e de alcançar ou não a expectativa do professor.

O tempo das crianças em frente às telas é preocupante. Elas ainda não têm autocontrole para focar apenas nos estudos. Enquanto assistem à aula on-line, conversam no privado, dão uma passada no TikTok e assim por diante. É uma porta aberta para a ansiedade.

Apesar dos desafios da pandemia, vejo grandes contribuições da escola para a vida da Geisany e da Yanne. Uma delas é o respeito ao outro, em um espaço de interações e convívio com a diversidade. Outra, tão fundamental quanto para o futuro delas, é a construção do pensamento crítico.”

DESAFIOS DO ENSINO EM CASA

Marcela Castro* é funcionária pública e mãe de **Camila**, 7, e **Mateus**, 4 (Natal, RN)

“ Nos colégios dos meus filhos, as atividades remotas iniciaram poucos dias após a suspensão das aulas presenciais. A turma da Camila, com 25 alunos, foi dividida em dois grupos, com aulas síncronas de manhã e à tarde, já que a escola é de tempo integral. A do Mateus optou por videoaulas e, somente depois, adotou as aulas ao vivo. Apesar das dificuldades do novo modelo, como a falta de concentração das crianças para absorver o conteúdo, sobretudo pela falta de interação presencial com o professor e os colegas, as aulas remotas mantiveram a rotina. Ainda que de forma precária, garantiram o convívio.

A mudança na rotina da família foi significativa. Mateus, com 3 anos, não se adaptou ao formato on-line e se estressava muito para assistir às videoaulas. Decidimos cancelar a matrícula na escola e orientá-lo em casa, por nossa conta e risco, com atividades adequadas à idade dele, como leituras de livros infantis, quebra-cabeças, jogo da memória, brincadeiras etc. Foi um desafio, pois, trabalhando em esquema home office, não tínhamos como acompanhá-lo em tempo integral.

No caso da Camila, meu esposo e eu nos revezamos para acompanhar aulas e tarefas, tentando atender às necessidades que o professor não conseguia suprir e manter o interesse dela pelas atividades escolares. Como ela estava em alfabetização, compramos uma lousa e, com jogos e brincadeiras, complementamos as tarefas escolares para que ela se familiarizasse com a escrita.

Os pais não podem substituir a função do professor. Não fomos preparados para isso nem temos metodologia de ensino, mas desempenhamos papel fundamental na pandemia, no sentido de manter vivo o interesse, o foco e o compromisso dos filhos com a escola. O lado bom foi nos conectar mais às crianças durante o isolamento social. Talvez não estivéssemos tão atentos a alguns aspectos, não enxergando algumas carências que deixávamos a cargo da escola. Mesmo que as coisas voltem ao antigo normal, estaremos mais atentos.

Há aspectos que não foram positivos no ensino remoto: a dificuldade do professor de captar certas emoções e necessidades do aluno, por conta da falta de contato físico e pela aula transmitida por meio tecnológico; a dificuldade de comunicação com a escola, que poderia ter sido mais frequente para minimizar a insegurança e as dúvidas dos pais e com orientações mais claras de »

O que dizem os alunos?

“ Senti muita falta das minhas amigas. Se estivéssemos na escola, o ano seria cheio de eventos e experiências que só o 3º ano do Ensino Médio no modelo presencial poderia ter trazido, como ir à escola de fantasia. Sobre minha preparação para o vestibular, por mais que as notas no boletim tenham aumentado, sei que teria sido melhor aluna na escola. Não deixei de fazer lições e trabalhos, mas o caderno arrumado e completo como eu costumava ter se perdeu no tempo. O cansaço de ficar na frente das telas o dia todo foi difícil de enfrentar, mas nada impossível.”

Manuela Del Piccolo Rocha, 17

“ Acompanhar as matérias a distância, sem a chance de abraçar meus amigos e aprender com eles e com os professores, foi mais difícil. Senti saudade dos trabalhos em grupo. Já em relação ao que estava ao meu alcance, poderia ter me organizado melhor para passar menos tempo na frente de telas.”

Roberta Del Piccolo Rocha, 13

“ Por uma parte, achei bom ter aulas on-line porque elas são mais curtas, passam rápido e, se fechar um pouco a câmera, dá até para fazer um lanchinho. Aprendi bastante, tirei muitas dúvidas com os professores e contei com a ajuda dos meus pais. Mas tive dificuldades. Não foi a mesma coisa que estar pessoalmente na escola. A gente não tem a mesma liberdade para participar da aula, não se sente à vontade para interromper o professor. Quando chega a hora das perguntas, esquecemos qual era a dúvida. Isso sem falar na conexão, que fica ruim, cai. A parte mais difícil foi ficar longe dos amigos. Tive saudade dos professores, que explicavam superbem. Minha vontade é dar um abraço em todo mundo.”

Geisany Emerique dos Santos, 12



» como acompanhar as atividades escolares e o desenvolvimento do aluno, situando-nos melhor quanto a carências que nós, como pais, não somos capazes de ver; a falta de novas metodologias de ensino e remodelagem do aprendizado, com foco mais individual para cada aluno.

Na educação dos meus filhos, valorizo na escola aspectos que vão além da educação formal, como a diversidade de atividades oferecidas (ioga e horta), simplicidade nos eventos sociais e comemorações, disciplina e, principalmente, a busca pelo desenvolvimento da autonomia dos alunos.”

*Nome fictício, a pedido da entrevistada

DESAFIOS DIGITAIS

Lidiane Santos é diarista e mãe de **Matheus, 17, Emily, 10, e Miguel, 1** (São Paulo, SP)

A pandemia mudou tudo. A Emily fazia o 4º ano

“ em período integral na EMEF José Dias da Silveira e estava acostumada a socializar com os amigos o tempo todo. Eu, que antes já cuidava da casa e do bebê, virei quase uma professora. Sento-me com ela, peço um livro, faço contas para distrair a mente dela. Apesar de ela ter sido aprovada, eu tenho a sensação de que não aprendeu nada.

No ano passado, quando a Prefeitura começou a educação não presencial, recebemos pelos Correios os livros da Emily e do Matheus – aluno do 9º ano da Educação de Jovens e Adultos na EMEF José de Alcantara Machado Filho. Para os dois, a dinâmica de estudo era a mesma. Os professores lançavam as lições no Google Sala de Aula, e os alunos enviavam a foto da atividade realizada no livro. Na prática, porém, não era tão simples porque não temos computador e, durante um bom tempo, ficamos sem wi-fi. O jeito foi ajudar a Emily a acessar a lição pelo meu celular, o que era uma verdadeira tortura por causa da internet. A página não carregava, a foto não ia e assim por diante. O Matheus tinha o próprio celular.

O contato com os professores era pelo WhatsApp, no qual mandavam áudios explicando as lições e tirando dúvidas. Algumas vezes, ligamos para a professora da Emily, sempre muito atenciosa, pois algumas coisas eu nem sabia ensinar e me deparava com a minha filha brava, chorando, porque não entendia. A turma da Emily tinha encontros semanais de 1 h 30 com a professora

para leitura de um livro pelo Zoom. Era meio estressante porque a internet geralmente caía quando ligávamos a câmera. A parte mais difícil foi o período de avaliação on-line. Chegamos a passar um dia inteiro tentando abrir uma prova. Minha filha só conseguiu fazer duas avaliações no ano. Como eram longas e de múltipla escolha – com 50 testes –, foi bem complicado ler tudo aquilo pelo celular.

Não vi nada positivo na educação não presencial. Tive a certeza de que a escola tem toda a importância na vida da minha filha. Afastada da escola, ela se estressa e sente falta dos amigos. Vejo na escola o caminho para o futuro, rumo a uma profissão. Diferente de mim, que só estudei até a 8ª série, quero que a Emily termine os estudos e faça faculdade. Meu esposo e eu colocamos na cabeça dela que poderá ser médica, professora, confeiteira, o que quiser.”

NOVAS HABILIDADES

Janete Candido é advogada e mãe de **Victor Augusto, 22, Danilo Fernando, 16, e Sofia, 4** (Campo Grande, MS)

“ Em Campo Grande, o fim das aulas na rede pública coincidiu com o início do lockdown. Até a Secretaria de Educação se organizar e ver qual a melhor forma de retomar as atividades levou quase um mês.

A volta foi marcada por desafios, principalmente tecnológicos. Antes os alunos não usavam a internet na escola e, de repente, tiveram que aprender a usar plataforma digital para ter aulas ao vivo e mandar trabalhos por e-mail. Meu filho Danilo, que ingressou no Ensino Médio em 2020, chegou a achar que enviara um trabalho e, quando viu, tinha feito algo errado no processo e estava sem nota. Para quem não tinha computador ou internet em casa, a escola disponibilizou apostilas, que os pais retiravam na Secretaria. Eu só precisei pegar uma no fim do ano, quando meu filho ficou de recuperação.

Mesmo respeitando o distanciamento social, procurei manter o contato próximo com a escola. Durante a quarentena, agendei três encontros com a direção e a orientação pedagógica para tirar dúvidas e falar sobre o desenvolvimento do Danilo, que estuda na E.E. General Malan. Minha maior preocupação não eram as notas, mas o aprendizado. Em casa, eu não sentia o mesmo senso de responsabilidade e vontade de aprender como na escola. Não havia rotina fixa nem disciplina com o horário de estudo, e a carga alta de trabalhos o deixava desanimado.

Apesar da pandemia, tiveram pontos positivos no ensino remoto. Vejo que meu filho desenvolveu habilidades que

só fui desenvolver na faculdade, aos 33 anos. Por exemplo, incorporar recursos digitais ao dia a dia, vivenciar a educação a distância (EAD) e ser mais autônomo e autodidata. Ele aprendeu a aprender, a buscar recursos além do livro didático, a pesquisar aulas no YouTube para tirar dúvidas, e tudo isso num ambiente seguro, no qual a escola foi bastante paciente e aberta a dar segundas chances.

Não tenho dúvida de que a escola foi essencial na quarentena também para manter o vínculo do Danilo com os colegas, com os professores e com o próprio aprendizado. Isso é essencial para o futuro que almejo para ele e para os irmãos. Não quero que passem pelo que passei até conseguir chegar ao Ensino Superior. A educação abrirá as portas e trará as oportunidades de fazer escolhas. Tem poder de escolha quem está preparado. Do contrário, passará a vida sendo escolhido e se submetendo ao que aparece. A escola é o caminho para meus filhos se desenvolverem, serem independentes e trabalharem naquilo que, de fato, amam.”

ACOLHIMENTO NA PANDEMIA

Marcia Del Piccolo Rocha é enfermeira e mãe de **Manuela, 17, e Roberta, 13** (São Paulo, SP)

“Cursar o último ano do Ensino Médio a distância foi um desafio para a Manuela. Apesar de o Colégio FECAP ter mantido o calendário letivo e a grade horária, a rotina mudou completamente. Socialmente, ela se sentiu pulando o ano da formatura.

Não teve a programação esperada e o contato com os amigos diminuiu — alguns sequer participavam das aulas. Muitas vezes, se viu sozinha, sem ninguém mais para contribuir com comentários, perguntas e sugestões.

A pandemia nos fez conversar menos com as nossas filhas sobre as aulas. Vê-las estudando em casa nos dava a sensação de estar participando do processo. Porém, sem o mesmo envolvimento. Antes, o pai aproveitava o trajeto de carro até a escola — que fica a 20 quilômetros de casa — para conversar com a Manuela e orientá-la sobre os estudos. Já a Roberta, que cursou o 7º ano no Colégio Stockler, ia comigo e voltava com a avó.

No entanto, tivemos a oportunidade de tê-las por perto, podendo observar como falavam com os colegas, suas atitudes e emoções. Talvez, se estivessem na escola, demorasse mais até repararmos que estavam sofrendo ou precisando de um abraço.

A Manuela melhorou seu desempenho com provas on-line, o que a incentivou a buscar as melhores respostas e a se apropriar do conteúdo, sem ter que chutar. Teve mais tempo para se dedicar aos trabalhos escolares, mantendo-se ativa durante o distanciamento social. Já a cobrança por parte dos professores não foi a mesma que em classe. E isso, para quem está à porta dos vestibulares, pode ser negativo nos resultados das provas.

A Roberta mostrou desânimo em participar das atividades on-line, apesar dos esforços e da agilidade da escola na migração para o remoto, com aulas ao vivo, rotina, regras e envio de kits de ciências para experimentos em casa. Frequentemente, pedia para faltar. Sinto que, em alguns momentos, faltou acolhimento e apoio psicológico, como uma aula para falar de sentimentos ou sobre a experiência de aprender a distância. Isso reforça para nós, pais, o quanto a socialização é e sempre foi fator fundamental na educação. A escola, além de exercer papel-chave na formação dos estudantes, é espaço de trocas e convivência entre culturas, falas e comportamentos.” □



PARA SABER MAIS

● Pesquisa Educação não presencial na perspectiva dos alunos e famílias. Disponível em: mod.lk/ed20_pde (acesso em: 20 mar. 2021).

QUANDO A TECNOLOGIA DEIXA DE SER UMA ESCOLHA

CONTE COM QUEM SEMPRE
A TEVE EM SEU DNA

MISSÕES DIGITAIS COMPOSTAS POR:



Trilhas de Aprendizagem
Resumo das aulas



Atividades extras
Conteúdos audiovisuais

KEPLER TAMBÉM É:



Empreendedorismo Social

Para que alunos e comunidade se desenvolvam compreendendo a importância de caminhar lado a lado.



Assessoria Pedagógica

Sempre preparada para atender aos seus professores, com cursos de formação continuada EaD.



Orientação para resultados & Recursos didáticos de primeira

Inovação e tradição caminham lado a lado nesta solução desenvolvida pelo Grupo Santillana, há mais de 20 anos liderando o mercado educacional nas línguas portuguesa e espanhola.

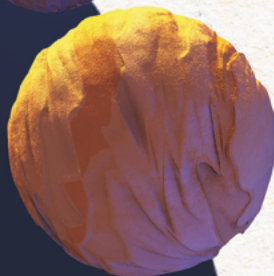
CONECTE-SE COM A GENTE!

 plataformakepler.com

 [@plataformakepler](https://www.instagram.com/plataformakepler)

 [/plataformakepler](https://www.facebook.com/plataformakepler)

KEPLER



NOVOS

COMPORTAMENTOS:

O EDUCADOR

NA ERA DIGITAL

A pesquisa inédita e exclusiva ***Comportamento digital do educador brasileiro*** ouviu 5,5 mil educadores e foca no processo de mudança provocado pelo desafio de manter a educação viva durante a pandemia.

TEXTO Paulo de Camargo

ENTRE TODAS as incertezas da pandemia e o temor da Covid-19, os desafios de absorver rapidamente novas tecnologias e a necessidade de acolher alunos e famílias, a escola viveu um ano divisor de águas, que definirá metodologias, formatos e novos canais para a próxima década. Apesar de tantas interrogações, algo é certo: os educadores mudaram, aprenderam, tornaram-se mais proficientes no uso de ferramentas tecnológicas que antes os assustavam e se sentem mais preparados para o futuro.

Para celebrar a resiliência globalmente reconhecida desses profissionais e ouvi-los sobre a experiência de 2020, a *Educatrix* lançou a pesquisa *O comportamento digital do educador brasileiro*. Ao todo, o estudo contou com a participação de mais de 5.500 profissionais da educação da rede pública e privada de todo o Brasil e questionou o que pensam e o que planejam para o futuro. »

33%

**DOS EDUCADORES PREFEREM
TRABALHAR COM PAPEL E DEPOIS
DIGITALIZAR AS INFORMAÇÕES.**

27,4%

**ESPERAM QUE A
ESCOLA VOLTE
A SER O QUE ERA.**



» Os resultados revelam um intenso processo de aprendizagem, em que temas considerados tabus entre os docentes, ao longo dos últimos anos, tornaram-se práticas incorporadas ao dia a dia. A autoestima profissional cresceu, bem como a vontade de aprender. Mas é preciso cuidar logo da estrutura da profissão, que precisará de novas regulamentações e de um reconhecimento social mais amplo da realidade vivida pelo educador.

Veja, ao longo desta reportagem, alguns dos principais achados desse levantamento, que certamente espelha quem são os profissionais que retomam às aulas presenciais e inserem de uma vez por todas o ensino híbrido, ainda sob tantas incertezas, em 2021.

QUANDO A PANDEMIA CHEGOU, QUEM SABIA O QUE FAZER?

Quando as notícias davam conta pela primeira vez do potencial destruidor da pandemia de Covid-19 e prenunciavam o fechamento de escolas, os profissionais da Educação foram pegos no contrapé. Não apenas eles, mas a própria escola.

Apenas 25% dos diretores ouvidos já se sentiam preparados para o que viria. Nesse momento, os três maiores desafios apontados pelos entrevistados foram:

- 1 preparar a escola para agir com rapidez;
- 2 formar professores para o uso das ferramentas digitais;
- 3 planejar o que fazer, num cenário composto apenas por dúvidas.

MATURIDADE DIGITAL EM CRESCIMENTO

Como todos sentiram na pele, a conquista de maior proficiência no uso dos recursos tecnológicos pelos professores foi uma das principais consequências da pandemia na Educação. Se apenas 18,3% dos educadores ouvidos consideravam que a escola já tinha uma cultura digital implantada quando a pandemia começou, 92,9% acreditam ter aprimorado as competências nas habilidades digitais.

Isso aconteceu também entre os diretores escolares: nada menos que 79% dos gestores se consideram agora capazes de propor e organizar reuniões e outras atividades de gestão, utilizando ferramentas digitais.

Ao mesmo tempo, 80,1% dos educadores dizem ter descoberto que tecnologia não é um bicho de sete cabeças. Metade dos que participaram da pesquisa acredita ter aprendido em um único ano o que não aprendeu ao longo de toda a sua carreira, no campo digital. Quando se consideram apenas os docentes de escolas públicas, o percentual sobe para 79,3%.

Foi um ano em que escolas, gestores e professores aprenderam a se relacionar com parceiros tecnológicos — para 75% dos entrevistados, eles foram essenciais. Entre os recursos adotados, o pacote Office, da Microsoft, e as plataformas de educação remota (como Microsoft Teams, Google Meet, Zoom e outras) foram os mais utilizados.

CRESCIMENTO PROFISSIONAL EM ALTA: APRENDER SEMPRE

O desafio de superação representou uma revisão de todo o percurso profissional. Foi um momento de olhar para a própria formação: 93% dos gestores puderam perceber melhor quais competências deveriam agregar à sua própria formação. Ao mesmo tempo, 67,8% dos educadores se sentem mais competentes e 94,4% querem aproveitar o embalo para continuar aprendendo sobre o uso das ferramentas digitais — tanto para os que têm 5 anos ou menos de profissão como para os que já estão na estrada há pelo menos 30 anos.

Novas perspectivas de carreira também se abriram para os professores: 65,9% dos entrevistados passaram a enxergar novas possibilidades profissionais a partir do que aprenderam em 2020. Um novo horizonte parece sorrir com o mesmo brilho para os que iniciaram sua profissão há menos de 5 anos e para aqueles que já lecionam há três décadas.

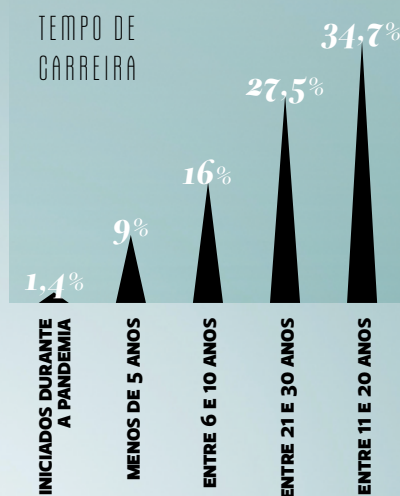
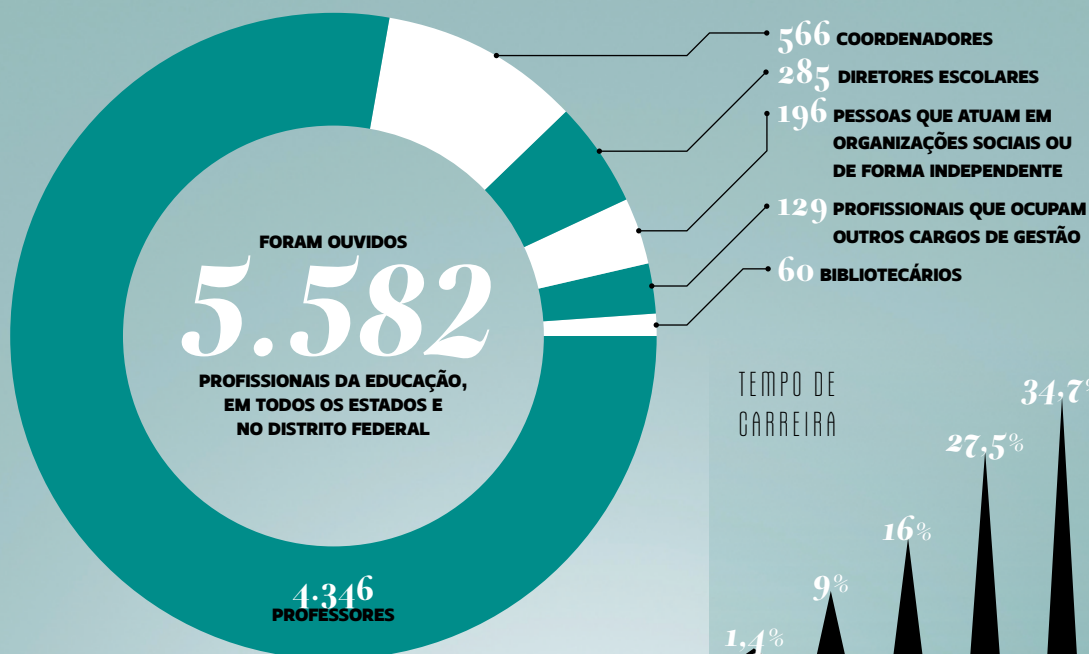
TIMES MAIS FORTES

Os professores não cresceram apenas individualmente. O enfrentamento coletivo dos problemas e a necessidade de construir redes de apoio mútuo elevaram o trabalho em equipe a um novo patamar, tanto para os gestores como para os professores. Para 84,4% dos entrevistados, as equipes se fortaleceram, e 72,9% se sentiram parte de um grupo que se apoiava mutuamente. A maior parte dos gestores acredita que os vínculos entre a escola e a comunidade vão sair mais fortes de todo esse processo.

AUTOESTIMA EM ALTA: MUITO ORGULHO DE SER PROFESSOR

Da mesma forma, o processo intenso vivido em 2020 trouxe uma nova relação »

QUEM PARTICIPOU?



» entre os educadores e o reconhecimento de seu trabalho pelas famílias de seus alunos, o que refletiu no aumento da autoestima – ao menos no campo profissional. Conforme as respostas, 82,7% dos participantes afirmam sentir, como nunca, orgulho da profissão que escolheram, com resultados equivalentes na escola pública e na rede privada.

DESAFIOS PASSAM POR NOVA REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO

Somadas todas as conquistas profissionais e coletivas do professor, a pandemia deixou claro que a legislação que regulamenta a carreira precisa ser atualizada. As aulas remotas aconteceram mediante grandes sacrifícios pessoais dos educadores, nem sempre reconhecidos no âmbito profissional e, muito menos, pela sociedade e pelo poder público.

Nada menos que 72% dos entrevistados se sentiram trabalhando 24 horas por dia, sem tempo para a vida pessoal, e outros 38,5% afirmam não aguentar outro ano no mesmo ritmo de trabalho.

Cerca de 20% dos educadores chegaram mesmo a pensar em mudar de profissão, diante dos desafios que enfrentaram – em proporção levemente superior na escola privada. A invasão da privacidade, em *lives* transmitidas das casas dos professores, incomodou um terço dos educadores ouvidos. De repente, os alunos passaram a habitar o espaço pessoal dos docentes, que tiveram de resolver questões tecnológicas, investir em internet, reservar ambientes e misturar sua vida doméstica e profissional. Por isso, é natural que, para 84,9% dos educadores, as regras que regulamentam a profissão precisem ser atualizadas urgentemente – até porque o uso de novas tecnologias representa, para 71,7%, sobrecarga de trabalho, e não diminuição.

A TECNOLOGIA: UMA ALIADA DO PROFESSOR, MAS AINDA HÁ RESISTÊNCIAS

Outro impacto importante do aumento da maturidade digital foi a superação de antigos preconceitos: os educadores perceberam as novas ferramentas como aliadas no processo de ensino-aprendizagem.

Apenas 12,7% dos educadores ouvidos discordam da ideia de que a tecnologia permite uma educação mais personalizada. Ao mesmo tempo, 63,5% dos entrevistados acredita ser possível articular presencial e virtual, ou seja, trabalhar de forma híbrida, com ganho para todos.

Não se deve cair no engano de que as resistências

estão superadas. A pesquisa mostra que ainda há preconceitos a serem vencidos. Basta ver que um terço dos educadores prefere trabalhar no papel, para depois digitalizar as informações. As experiências virtuais ainda são vistas como sempre inferiores às presenciais para 42,8%: para estes, tudo o que a escola faz acontece melhor presencialmente. Para 25% dos entrevistados, as novas tecnologias não mudam substancialmente as práticas educativas.

Por fim, na média, 27,4% dos educadores querem que a escola volte a ser o que sempre foi, tão logo passe a pandemia. Na rede privada e na pública, curiosamente, a proporção dos saudosistas é maior para os novos professores do que para os mais experientes. Enquanto cerca de 37% dos profissionais com menos de 5 anos de atividade pensam no retorno à mesma escola, o mesmo é verdade para apenas 19% dos educadores da rede privada e 25% dos da escola pública com mais de 30 anos de casa.

SOBRE AS PERSPECTIVAS PARA 2021

E sobre 2021? O que pensam os professores? Para a maioria, predomina uma visão esperançosa. São 85,6% os que creem que saberão ensinar melhor com o uso de recursos digitais, quando as aulas presenciais retornarem. É interessante ver que os mais otimistas são os professores da rede privada mais antigos.

Ao mesmo tempo, os educadores estão dispostos a seguir aprendendo, via remota: para 73% dos participantes do levantamento, a formação continuada pode seguir a distância, como em 2020.

Para todos, porém, entre as prioridades estão três aspectos principais: em primeiro lugar, garantir a segurança sanitária, com a adoção dos protocolos de saúde definidos. Depois, acolher os alunos que voltam, restabelecendo os vínculos que caracterizam a educação presencial. Por fim, avaliar os alunos para ter um quadro mais completo sobre o que, de fato, eles aprenderam, durante a pandemia. □

O QUE TEM SIDO BOM

92,9%

DECLARAM TER APRIMORADO SUAS HABILIDADES DIGITAIS.

84,4%

SENTIRAM QUE A EQUIPE PEDAGÓGICA FICOU MAIS FORTE.

75%

RESSALTAM A IMPORTÂNCIA DOS PARCEIROS.

67,8%

DOS EDUCADORES SE SENTEM MAIS COMPETENTES.

65,9%

DOS EDUCADORES ENXERGAM NOVAS
POSSIBILIDADES PROFISSIONAIS.

O QUE PRECISA MELHORAR

84,9%

ACREDITAM QUE AS REGRAS DA PROFISSÃO PRECISAM SER ATUALIZADAS.

72%

SE SENTIRAM TRABALHANDO 24 HORAS POR DIA.

33%

SE SENTIRAM INVADIDOS POR TER QUE DAR AULAS ON-LINE DE CASA.

38,5%

AFIRMAM NÃO AGUENTAR OUTRO ANO NO MESMO RITMO DE TRABALHO.

18,1%

COGITARAM MUDAR DE PROFISSÃO
AO LONGO DA PANDEMIA.



CULTURA DIGITAL? E AGORA?

Vinte anos adentro do século 21, as mudanças nos acompanham no mundo real e no virtual.

TEXTO Renata Condi

ILUSTRAÇÃO Pedro Hamdan

AS MUDANÇAS acontecem cada vez mais rápido. Esta parece ser uma das poucas certezas que temos sobre a nova década. Harari (2018) chega a sugerir que a mudança é a única constante no século 21. Possibilidades impensáveis até dez ou vinte anos atrás fazem parte do nosso cotidiano: tecnologia assistiva, computador que cabe na palma da mão, comunicação por vídeo, aprender *on-line* - tudo isso já chegou. Com os avanços tecnológicos, vimo-nos diante da iminente necessidade de olhar além da distinção tão marcante e discutida entre nativos digitais e imigrantes digitais (PRENSKY, 2001) e as políticas de introdução de letramento digital nas escolas (UNESCO, 2005), ambas marcantes desde o início dos anos 2000. Caminhamos para a necessidade de usar bem a tecnologia e incorporamos um novo conceito na escola e nas nossas vidas: a cultura digital. »





» CULTURA DIGITAL: AFINAL, O QUE É ISSO?

As inovações tecnológicas e a internet mudaram não apenas o mundo, mas também o modo como interagimos nele. Novas práticas sociais emergiram e com elas vieram oportunidades e rupturas (ROWLES e BROWN, 2017), que, no entanto, não o tornaram mais simples, afinal os desafios de hoje não são resolvidos dentro de uma única disciplina: precisam ser vistos, estudados e solucionados de maneira multidisciplinar. É como se os problemas fáceis tivessem acabado e tivéssemos iniciado uma era de interdependência entre conhecimentos.

Pérez Gómez (2015) reforça essa ideia ao afirmar que vivemos contextos complexos, dos quais decorrem transformações consideráveis em três grandes áreas da vida social: no âmbito da produção e do consumo (economia), no âmbito do poder (política) e no âmbito da experiência cotidiana (sociedade e cultura). A convergência entre elas delineaia novos contextos, que, por sua vez, transmuda a vida cotidiana, os Estados, as instituições, as comunidades e as culturas.

Seja no formato de rupturas com modelos anteriores, seja como transformação, “a mudança que [...] melhor se identifica com a transformação substancial da vida cotidiana se refere à onipresença da informação como entorno simbólico da socialização” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 17).

Em termos tecnológicos, tal mudança começou com a primeira era da internet, a Web 1.0, com o acesso e o consumo de informação por meio de um computador. Em seguida, na Web 2.0, evoluímos para a produção de conteúdos por parte dos usuários e a socialização em contexto digital (VOSSEN; HAGEMAN, 2010). Já a era atual, a Web 3.0, resulta da transformação digital, traz o uso de algoritmos e, de maneira “inteligente”, envolve o usuário.

Os indícios mais marcantes de uma cultura digital talvez tenham surgido na Web 2.0, e foi na Web 3.0 que eles passaram a ser usados de maneira a agrupar pessoas por interesses e perfis. Nessa

junção entre eras Web, a cultura digital se configurou como síntese das relações entre cultura e tecnologia da informação e das mudanças da sociedade (NONATO, 2020). O “informacionalismo” oriundo dessa junção contribui tanto para a transformação cultural como para o cotidiano, uma vez que promove novos espaços e formas de interação e de produção de cultura (CASTELLS, 2005).

Destaca-se, assim, que a tecnologia, em constante mudança e adaptação, não deve ser vista como apenas uma maneira de transportar informação de um lugar para o outro. Ela é um meio de participação em um espaço que se modifica e se reconfigura reiteradamente como resultado da interação e da colaboração

das pessoas, da produção e do consumo de conteúdos, da atualização e de práticas de aprendizagem, escrita, leitura, oralidade e pensamento que se alteram com ela (PÉREZ GÓMEZ, 2015; THOMAS; BROWN, 2011).

A cultura digital, nascida com a era digital a partir de 2000, também passa por transformações, muitas atreladas aos diferentes perfis socioculturais dos usuários da internet, que assumem o papel de “produmidor”, isto é, produtor e consumidor de tecnologias e conteúdos, e às formas como eles interagem e colaboram com informações e com os outros.

Um elemento marcante da cultura digital e da maneira como consumimos e produzimos conteúdos é o meme, pequenas unidades de cultura espalhadas entre os usuários da internet (SHIFMAN, 2013). Ele é característico da Web 2.0, em que, segundo Shifman (2013), a prática do mimetismo tornou-se um fenômeno visível e o papel de “produmidor” tem destaque, visto que os usuários têm a possibilidade de criar seus próprios conteúdos — aqui novamente os memes — e assim o fazem. Além disso, o compartilhamento da produção (*sharing*) se evidencia como um elemento constitutivo da Web 2.0. Ao fazer uma publicação *on-line* ou compartilhá-la, o usuário está distribuindo um item cultural ao mesmo tempo em que expressa como se sente em relação a ele. A ação intenciona que usuários com o mesmo sentimento continuem compartilhando esse item cultural, completando a experiência dos usuários no mundo digital. Para que um meme seja compreendido e repassado a outros usuários, é preciso que algumas habilidades sejam aplicadas, tais como a capacidade de relacionar informações, de identificar mimetização e recriação e de compreender conteúdos multimídiais. Quando isso ocorre, há uma sensação de pertencimento, de identificação e de comunidade, em especial quando o que é compartilhado adapta-se ao ambiente sociocultural em que é divulgado.

Felizmente, é possível desenvolver habilidades e competências que permi-

CULTURA DIGITAL na PRÁTICA

A ONG Casa da Árvore (www.casadaarvore.art.br) promove ações que objetivam o exercício da cidadania a partir da cultura digital, divididas em quatro projetos: **Biblioarte Lab, inovação e cultura digital em bibliotecas; Telinhas de cinema, laboratórios comunitários de audiovisual e mídias móveis; E se eu fosse autor?, de incentivo à leitura e letramento digital; e Escola Criativa Digital, de estratégias de inovação e cultura digital na escola.**

tam adentrar uma cultura digital. Quando inserida no contexto escolar atual, a cultura digital figura como um veículo de mudanças dos processos educativos (MALAGGI, 2019): gêneros digitais são incorporados às leituras e tornam-se foco das produções; a colaboração com pessoas de outras comunidades e culturas torna-se uma possibilidade concreta; e a língua de nascimento ou adicional é aplicada em contextos autênticos de prática social.

CULTURA DIGITAL NA ESCOLA

A cultura digital precisa fazer parte do currículo da escola. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) a coloca como uma das dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica. Mais especificamente, objetiva a compreensão, a utilização e a criação de tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética para que os estudantes possam acessar, comunicar e produzir conhecimentos e informações, exercer autoria e protagonismo e resolver problemas. A Cultura Digital busca, dessa forma, abraçar a visão do estudante como consumidor e produtor de conhecimentos e culturas por meio do uso coerente, crítico e proficiente dos recursos tecnológicos.

Conhecer e desenvolver a Cultura Digital na escola pode contribuir na formação de um cidadão reflexivo, investigativo e aberto ao novo. Organizada de modo a incluir questões referentes ao uso de tecnologias digitais, ela entra na escola em três dimensões:

1 COMPUTAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Aborda o uso de ferramentas digitais, produção multimídia e linguagens de programação no aprendizado, na produção de conhecimento e na resolução de problemas.

2 PENSAMENTO COMPUTACIONAL

Engloba o domínio dos algoritmos e a visualização e análise de dados. Ainda que pareçam ser dimensões mais técnicas, as expectativas atuais para a educação no Brasil colocam-nas bem distantes disso, pois pretendem que os alunos

possam desenvolver-se e aplicá-las em contextos que repliquem e integrem o mundo real e o virtual.

3 CULTURA E MUNDO DIGITAL

Diz respeito ao mundo digital, à compreensão do impacto das tecnologias nas relações culturais, comerciais e sociais e ao uso ético das tecnologias, mídias e dispositivos de comunicação. É a partir dos itens desta dimensão, por exemplo, que podemos promover discussões sobre pontos positivos e negativos do uso de tecnologia na vida das pessoas, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, até estudos, pesquisas e debates sobre cidadania digital, rastreio de produtos, uso de algoritmos em redes sociais, *e-commerce* e comunicação intercultural, no Ensino Médio.

MAS COMO COLOCAR A CULTURA DIGITAL EM PRÁTICA NA ESCOLA?

O primeiro passo é considerar o alcance da tecnologia no cotidiano dos estudantes. Ainda que eles tenham nascido no século 21, precisam aprender a usar os recursos tecnológicos e a fazer bom uso deles. Como educadores, devemos nos lembrar de que a aprendizagem acontece quando os estudantes podem experimentar, criar e testar hipóteses, resolver problemas, discutir e refletir. Logo, é essencial prever momentos de uso de tecnologia na escola, de formas mediadas e livres.

Um segundo passo deve ser conhecer seus estudantes, o que é interessante para eles, o que os motiva e o que eles têm curiosidade em saber. A sala de aula é o espaço para buscarmos contribuir com o letramento digital e crítico dos estudantes para que tenham acesso às oportunidades que a cultura digital e a internet podem lhes oferecer. A sala de aula também é o espaço para a busca pela equidade: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que um em

cada quatro brasileiros ainda não tem acesso a internet. Mais uma vez, é a escola que pode fazer a diferença. □

RENATA CONDI

trabalha na área de Educação desde 1993. Atualmente, é coordenadora pedagógica na Educação Básica, professora universitária e autora de livros didáticos. É doutora e mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, especialista em Educação e em Tecnologia Educacional e graduada em Pedagogia, Letras e Tradução. É certificada como Google Educator, Apple Teacher e Microsoft Innovative Educator.

PARA SABER MAIS

- BOLLMER, G. *Theorizing Digital culture*. London: Sage, 2018.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- BUZATO, M. *Cultura digital e linguística aplicada*. Travessias em linguagem, tecnologia e sociedade. Campinas: Pontes, 2000.
- CASTELLS, M. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GERE, C. *Digital culture*. London: Reaktion Books, 2008.
- HARARI, Y. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MALAGGI, A. *Comunicação, tecnologias interativas e educação*. (Re)pensar o ensinar-aprender na cultura digital. Curitiba: Appris, 2019.
- MILLER, V. *Understanding digital culture*. London: Sage, 2020.
- MOVIMENTO pela Base Nacional Comum; Center for curriculum redesign. Dimensões e desenvolvimento das competências gerais da BNCC. Disponível em: <http://mod.lk/edu20p1>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- NESCO. *Hacia las sociedades del conocimiento*. Paris: UNESCO, 2005.
- NONATO, E. *Cultura digital e ensino de literatura na educação secundária*. Caderno de Pesquisas, 50, n. 176. São Paulo, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://mod.lk/edu20p2>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- PÉREZ GÓMEZ, A. *Educación na era digital*. A escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.
- PRENSKY, M. *Digital natives, digital immigrants*. Disponível em: <http://mod.lk/edu20p3>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- ROWLES, D.; BROWN, T. *Building digital culture*. A practical guide to successful digital transformation. London: Kogan Page, 2017.
- SAVAZONI, R.; COHN, S. (Orgs.). *Cultura digital*. Rio de Janeiro: Beca do Azougue, 2009.
- SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. London, England/Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2013.
- THOMAS, D.; BROWN, J. *A new culture of learning*. Cultivating the imagination for a world of constant change. Nova York: Soulellis Studio, 2011.
- VOSSEN, G.; HAGEMAN, S. *Unleashing web 2.0*. Burlington: Morgan Kaufmann, 2010.



Novos tempos, novas formas de ensinar!



Hoje, oferecer uma educação flexível, tecnológica e de qualidade é fundamental para o ensino de inglês. Tudo isso se torna possível e mais simples com **Richmond Solution**.

01

Ambiente virtual exclusivo para professores e alunos.

02

Segurança e eficácia para o **ensino híbrido**.

03

Plataforma de aprendizagem e sala de aula digital com variedade de recursos didáticos.

04

Resultados comprovados através de **evidências de aprendizagem** durante todo o processo.



UMA EMPRESA DO GRUPO



Richmond Solution

conta, também, com uma **biblioteca digital gamificada**, com mais de 6 mil títulos literários para que as famílias não tenham gastos extras.

Disponibilizamos ofertas personalizadas que respeitam o momento e as necessidades da sua escola.



Quer conhecer mais?

Agende uma reunião com nossos especialistas.



<http://mod.lk/uvmt>

www.richmondsolution.com.br | 0800 772 1060

Fluente como a vida deve ser.

educate

bilingual program
by **Richmond**



UMA EMPRESA DO GRUPO

 **SANTILLANA**

“O” PROGRAMA BILÍNGUE para a sua escola!

Educação Infantil ao Ensino Médio

Educate Bilingual Program tem a flexibilidade que você precisa para posicionar sua escola em um novo patamar de educação.



Recursos de aprendizagem

- Plataforma de aprendizagem e sala de aula digital.
- Projetos semestrais para mensuração da aprendizagem e apresentação às famílias.
- Biblioteca digital com mais de 6 mil títulos literários.



Compromisso com a sua escola

- Marketing Educacional completo.
- Consultoria acadêmica especializada e progressiva.
- Programa de desenvolvimento contínuo de professores.
- Certificação internacional para professores e alunos sem custo adicional.
- Muito mais benefícios para a gestão financeira da escola.

**Agende
uma reunião
e entenda
a diferença!**



<http://mod.lk/espeduc>

0800-772-1040 • www.educate.global

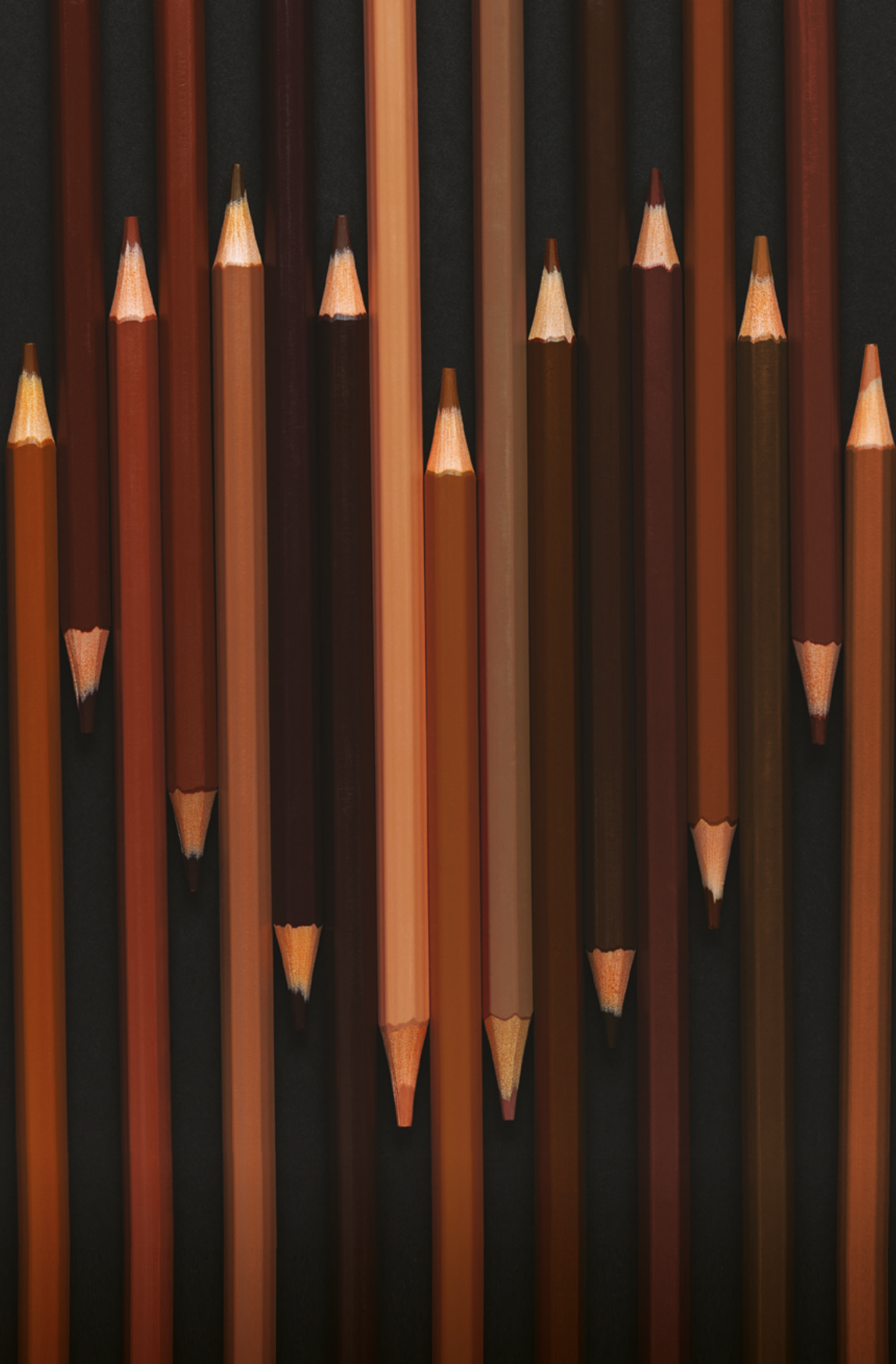
a escola como BERÇÁRIO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Um relato sobre o papel da escola na luta por espaços democráticos de acolhimento e compreensão ao debate antirracista rumo à conscientização. Ainda é só o começo.

TEXTO *Djamila Ribeiro*

NASCI A CAÇULA de quatro filhos de meu pai estivador do Porto de Santos em uma época que a categoria profissional vivia outros tempos, com qualidade e condições de manutenção do Hospital e do Colégio Moderno dos Estivadores, onde estudei a maior parte de minha vida. Minha mãe, Erani, era dona de casa após trabalhar como empregada doméstica desde muito cedo. Após ouvir de um pai de santo que eu morreria se não fosse iniciada na religião, minha mãe me levou ao terreiro para “fazer o santo”, isto é, do ponto de vista teológico morrer para nascer um orixá na terra. No ritual, raspa-se a cabeça e veste-se branco da cabeça aos pés. Naqueles dias, final dos anos 1980, ser uma menina preta era um grande desafio diário. Ir à escola de branco e com a cabeça raspada coberta por um turbante não foi nada fácil, mas, com fé nos orixás, resisti ao passar por maus momentos.

Lembro que adentrei meu colégio e vi a reunião de pessoas brancas e de “pessoas que não sabiam que não eram brancas” para me hostilizar e, até mesmo, puxar meu turbante. Agarrei nas mãos de Iemanjá, cultuada no Brasil como a orixá do mar e dos rios que chegam ao mar, e pedi a paz necessária para atravessar por esse e por outros momentos. O ódio a mim, traduzido nesse e em tantos outros episódios durante minha infância e adolescência, bem como aos símbolos da cultura negra brasileira, encontrei na escola o ninho perfeito para ser semeado. Vindo do lugar social de onde vim, não fui a única a passar por essas situações, pelo contrário. Monique Evelle, jovem pensadora negra brasileira, tem uma frase que marcou o debate de mulheres negras nos últimos anos: “eu nunca fui tímida, fui silenciada”. É verdade. Muitas meninas negras, com a potência dos trovões e das cataratas, foram silenciadas pelo sistema racista. »



A ESCOLA COMO BERÇO ANTIRRACISTA REDISCUTE
O CONHECIMENTO, FORMA SUAS EQUIPES E PROMOVE
INTERAÇÕES ENTRE AS MÚLTIPLAS REALIDADES
RUMO À CONSCIENTIZAÇÃO COLETIVA.

» Na tradição do feminismo negro brasileiro, que traz o legado de mulheres negras que pensam o mundo e afirmam suas existências invisibilizadas ao longo da história, transmitindo seus saberes descreditados pela tradição colonial, vim a adquirir saberes fora da escola. A grande Lélia González, figura que deveria ser estudada em todas as escolas do país, teorizou a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco.

Segundo González, a consequência dessa hierarquização legítima como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. Em outras palavras, na escola, estudei os europeus como paradigmas sociais e políticos. Entre muitos exemplos possíveis, recebi mais informações sobre a Comuna de Paris do século 18, que durou dois meses, como o ápice de resistência política do que sobre o Quilombo de Palmares, que durou quase 100 anos, apesar das diversas investidas portuguesas. Tive várias aulas sobre mitologia grega, ao passo que a africana, trazida pelos ancestrais na travessia para o Brasil, segue sendo demonizada e alvo de intolerância religiosa.

Falar sobre descolonizar o conhecimento é discutir o conhecimento em si, bem como o que é trabalhado na escola. Do lugar de onde partia, estar com símbolos da cultura afrobrasileira era algo muito natural, pois minha avó Antônia, mãe de Erani, era ialorixá, isto é, mãe de santo, e também trabalhava como empregada doméstica. Minha bisavó também e as gerações seguintes eram de mulheres escravizadas numa época em que, pela força da Constituição de 1824, pessoas negras eram impedidas de frequentar a escola. A convivência intracomunidade, os saberes transmitidos de forma oral de geração a geração foram, para além de uma prática ancestral, um imperativo para pessoas negras preservarem seus conhecimentos. Agradeço ter conhecido e convivido com minha avó. O feminismo negro me ensinou a refutar uma epistemologia mestre e reconhecer diferentes saberes. O saber do banho de ervas, dos chás e das histórias dos ancestrais divinizados.

“
Eu nunca fui tímida,
fui silenciada.”

MONIQUE EVELLE

OS ALUNOS NÃO SÃO NATURALMENTE
DESINTERESSADOS E REPRODUTORES
DAS **VIOLÊNCIAS SOCIAIS**,
MAS SÃO INCENTIVADOS PELA
ESCOLA PARA ASSIM SEREM.

De outro lado, movimentos negros lutaram incessantemente pela implementação do ensino da história africana e afro-brasileira nas escolas, que culminou na aprovação da Lei n. 10.639/2003 e, posteriormente, na Lei n. 11.465/2008, a qual previu a obrigatoriedade de ensino da história dos povos indígenas. Petronilha Beatriz, relatora das diretrizes curriculares, bem como outras ativistas dos movimentos negros, tais como Azoilda Trindade, Nilma Lino Gomes, entre tantas outras, foram os passos que vêm de longe para a construção desse marco legal. Para efetivação da educação antirracista, que só é possível a partir do conhecimento da história de um povo, movimentos ao redor do país têm lutado escola a escola para implementação da Lei, que, embora fundamental, não prevê sanção para seu descumprimento, como também tromba com a má qualidade da formação de professores e professoras, que precisam se aperfeiçoar.

Mais tarde, muito tempo depois dos meus anos como aluna de escola, me tornei professora de Filosofia de uma escola pública na periferia de Guarulhos, na Região Metropolitana de São Paulo. Foi uma experiência um tanto quanto curta, de pouco mais de um ano, quando então consegui a aprovação como bolsista para minha pesquisa de mestrado, mas ainda assim intensa e fundamental para a perspectiva do que um ambiente escolar deve se mexer para conseguir proporcionar uma educação antirracista.

Era uma dificuldade imensa: a escola projetada em uma arquitetura hostil, de desvalor aos alunos e profissionais. A sala superlotada, com alunos muito pobres e um ambiente de precariedade e de reprodução de todas as violências presentes na sociedade. Um aluno que habitava uma residência com uma laje discriminava o outro cuja casa não tinha laje. Meninos homossexuais eram alvo de todo tipo de assédio moral e meninas estavam em relacionamentos com homens muito mais velhos e prenunciavam gravidez precoce. No meio disso, o caderno do Estado com um material absolutamente incompatível, exigindo que ensinasse filósofos que eu estava aprendendo na faculdade. Na sala dos professores, comentários sobre as características físicas das alunas, as “novinhas”, tudo muito naturalizado pela direção, que fazia ouvidos moucos às minhas queixas. Foi uma época desafiadora na minha vida, em que convivia mais fora da sala dos professores do que dentro.

De certa forma, a experiência como pessoa negra como educadora foi resumida pela autora estadunidense Bell Hooks em *Ensinando o pensamento crítico – sabedoria prática*: “O destino de professores negros, do ensino básico ao superior, é diferente do destino de estudantes negros. Muitos de nós ensinam em espaços predominantemente brancos. Nossas salas de aula são, com muita frequência, compostas por estudantes brancos. À primeira vista, pode parecer que professores negros recebem o respeito e a consideração dispensados a quaisquer professores, independentemente de raça. No entanto, um olhar mais profundo revela que professores negros (e outros professores não brancos) encaram tensões e conflitos totalmente diferentes daqueles de colegas brancos. Professores negros também encaram diferentes questões baseadas em gênero. (...) o sistema patriarcal assegura que as mulheres negras bem-sucedidas, tanto no passado quanto no presente, raramente recebem o respeito e a atenção que seus colegas homens recebem”.

Certo dia, entrei na sala de aula, que já estava uma bagunça, e comecei a escrever na lousa a letra de “Homem na estrada”, hino da população negra de autoria dos Racionais MC’s. Os alunos foram desconfiando, ficando em silêncio, “por que a professora está escrevendo a letra de rap?”. Lembro de perguntar se eles conheciam a letra e me respon-

deram que sim, claro. Então, começamos a refletir criticamente sobre o que significa essa letra, porque isso também é pensar filosoficamente. Dali, foram surgindo coisas incríveis, reflexões transformadoras. Os alunos e as alunas não são naturalmente desinteressados e reprodutores das violências sociais, mas sim formatados na escola para assim serem. Falar em uma escola como berçário para a educação antirracista é falar na ligação necessária que deve haver entre a pessoa estudante e o material trabalhado em sala de aula com vistas à conscientização sobre a realidade que a cerca. Isso significa, acima de tudo, uma troca entre o(a) educador(a) e os estudantes que ali estão.

Uma escola como berço antirracista deve, a meu ver, atravessar o convívio dos alunos, rediscutir o que se entende por conhecimento, aperfeiçoar professores, professoras, diretores e diretoras, como também promover uma interação com estudantes a partir de suas realidades com vistas à conscientização coletiva. Aquela que rumar para a reunião desses e de outros predicados antirracistas estará sendo agente da transformação da sociedade por novos marcos civilizatórios. □

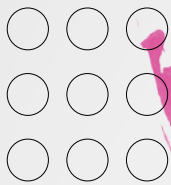


DJAMILIA RIBEIRO

é Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Escritora autora dos best-sellers: Lugar de fala, Quem tem medo do feminismo negro e Pequeno manual antirracista.

PARA SABER MAIS

- HOOKS, B. *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- RACIONAIS MC’S. *Homem na estrada*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. Disponível em: mod.lk/rac_mcs. Acesso em: 10 fev. 2021.



★ ★
PNLD
NOVO ENSINO
MÉDIO
2021

 MODERNA

OBJETO 2





A ESCOLHA SEGURA PARA O NOVO ENSINO MÉDIO

Depois de escolher os projetos, chegou a hora de escolher os livros didáticos para ensinar os conteúdos essenciais de cada área do conhecimento.

E para fazer a escolha certa, conte com quem sabe combinar a tradição de criar conteúdos didáticos com todas as transformações da Educação.

CONFIE NA GENTE, ESCOLHA MODERNA.

Para saber mais informações
do programa acesse:
www.moderna.com.br/pnld





**MAIS QUE
UM MATERIAL,
UM PROJETO QUE
REVOLUCIONA O**

IDEB

**DA SUA REDE
DE ENSINO.**



**Uma história com mais
de 10 anos de sucesso!**

Com uma metodologia única e eficaz que se apoia em recursos impressos e digitais, nosso projeto envolve alunos, professores, equipes gestoras da escola e da Secretaria de Educação em ações integradas que desenvolvem as competências leitora e matemática.

**Conteúdos
alinhados à
BNCC e ao
novo SAEB**

**Pode ser
usado em conjunto
com o material
didático adotado
no PNLD**

Agora também com recursos digitais!

LIVROS DIGITAIS
PARA ALUNOS
E PROFESSORES

VIDEOAULAS
PARA ALUNOS
E PROFESSORES

SIMULADOS
COM CORREÇÃO
AUTOMÁTICA

GAMES
EDUCATIVOS

AVALIAÇÃO
DIAGNÓSTICA
DO ALUNO

ATIVIDADES
DIGITAIS
COMPLEMENTARES

Ideb

FUNDAMENTAL
ANOS INICIAIS

2%

CRESCIMENTO
MÉDIO DAS REDES
QUE NÃO USARAM
O APROVA BRASIL

EM RELAÇÃO AO
IDEB DE 2017

50%

CRESCIMENTO
DE UM PARCEIRO
APROVA BRASIL

EM RELAÇÃO AO
IDEB DE 2017

5%

CRESCIMENTO
MÉDIO DAS REDES
QUE NÃO USARAM
O APROVA BRASIL

EM RELAÇÃO AO
IDEB DE 2017

67%

CRESCIMENTO
DE UM PARCEIRO
APROVA BRASIL

EM RELAÇÃO AO
IDEB DE 2017

SOLUÇÕES
MODERNA



Saiba mais sobre o projeto!

Acesse: www.solucoesmoderna.com.br

APRENDIZADOS PARA UMA *Nova Década:*

PRÓXIMOS PASSOS PARA a EDUCAÇÃO

Nos últimos 10 anos, o acesso à escola cresceu, criaram-se leis importantes e começou-se a falar em novas metodologias.

Mas ainda ensinamos de um modo tradicional, aprendemos pouco e precisamos correr para cumprir metas enquanto o dinheiro para educação é cada vez mais disputado.

TEXTO *Fernanda Nogueira, do Porvir*



SUPERAR o modelo tradicional de ensino continua sendo o maior desafio e, ao mesmo tempo, trunfo para a educação brasileira. É a partir desse processo que será possível garantir que os alunos acessem a escola, mas também permaneçam nela, aprendam mais e concluam a trajetória escolar na idade certa. Quando se olha no retrovisor para o que aconteceu na última década, ainda que não na velocidade esperada, alguns indicadores avançaram e foram estabelecidas metas que já permitem enxergar um horizonte de crescimento.

Também é importante destacar que, mesmo diante de tensionamentos de diferentes lados do campo educacional e político, foi possível criar algumas bases legais que determinam o que o estudante deve aprender, como escolas e redes devem se organizar, quais novos conhecimentos professores precisam ter antes de pisar em sala de aula e como deve ser o financiamento para garantir o direito à educação para todos. Falta agora colocar essas políticas e medidas em prática.

Conhecer esse contexto é importante para entender por que a escola ainda falha em atrair o interesse do estudante e para que se tenha uma dimensão do choque causado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19), que provocou o fechamento das escolas em 2020. Segundo dados da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), estudantes brasileiros perderam cerca de dois terços do ano letivo.

Amarrados a um modelo de ensino que pouco se preocupa com o desenvolvimento da autonomia, professores e alunos, em muitos casos, se viram de mãos vazias quando a tecnologia surgiu como mediadora e cobrou uma nova maneira de interação para que a aprendizagem não parasse. De acordo com a pesquisa TIC Educação, até 2019, apenas 14% das escolas públicas urbanas e 64% das particulares urbanas dispunham de um ambiente virtual de aprendizagem, recurso indispensável para gerenciar o aprendizado *on-line*. A conta pela lenta transformação chegou, e lidar com as novas necessidades de

alunos e professores exige uma nova forma de olhar a educação que vai além da câmera ligada para transmitir conteúdos.

A seguir, você vai conhecer como chegamos até aqui, por que há enormes conquistas a serem celebradas e como podemos avançar para que todos os estudantes tenham uma vida plena na década que se abre.

Mais alunos na escola

Um dos grandes resultados a serem comemorados na educação da última década tem a ver com o acesso. Houve uma grande melhoria no número de crianças e jovens entre 4 e 17 anos que frequentam a escola. Em 2009, isso era possível apenas para 92,6% das pessoas nessa faixa etária. Em 2019, eram 98%, segundo o Censo Escolar. “Caminhamos rápido para a universalização, que concretiza o direito fundamental à educação”, diz Caio Sato, coordenador do núcleo de inteligência do Todos pela Educação.

Agora, será preciso insistir ainda mais em enfrentar desafios já conhecidos. A faixa etária de 0 a 3 anos precisa alcançar um patamar satisfatório de acesso. O Censo de 2019 mostra que 37% das crianças estavam na creche, mas a meta do PNE (Plano Nacional de Educação), instrumento criado em 2014 com 20 metas para serem cumpridas até 2024, fala em um mínimo de 50%. “Precisa aumentar a cobertura, construindo mais creches e fazendo convênios com redes privadas”, afirma Caio.

No Ensino Médio, a cobertura era de 94% dos estudantes em 2019, mas apenas 74% cursavam a etapa na idade recomendada, de 15 a 17 anos. “Os jovens precisam terminar a escolaridade básica sem evasão. Quando ficam mais velhos, aumenta a chance de abandono”, explica Caio. E mesmo quando completam essa etapa, aprendem pouco. Dados do movimento Todos pela Educação mostraram que só 29% dos alunos completavam o 3º ano do Ensino Médio em 2017 sabendo o que era esperado em Língua Portuguesa. Em Matemática, esse número era de 9%.

As políticas precisam levar em conta questões sociais, como a necessidade de trabalhar, e questões pedagógicas, tornando o Ensino Médio mais atrativo. “Precisa de muita prioridade política e intersetorialidade porque as desigualdades ficam escancaradas”, defende o coordenador. O atraso escolar, por exemplo, é maior entre estudantes negros. Apenas 70% deles frequentavam o Ensino Médio na idade correta, contra 81% dos estudantes brancos.

A EDUCAÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA PRINCIPAIS MARCOS LEGAIS DA ÚLTIMA DÉCADA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

2014 ▶ APROVAÇÃO DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: Diretrizes, metas e estratégias para o prazo de dez anos.

2015 ▶ 1ª VERSÃO DA BNCC: Consulta pública.

2017 ▶ APROVAÇÃO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO: Aumento do tempo mínimo do estudante na escola. Currículo mais flexível, com diferentes itinerários formativos.

▶ LANÇAMENTO DO PROGRAMA EDUCAÇÃO CONECTADA: Internet nas escolas para fomentar o uso pedagógico de tecnologias digitais.

▶ HOMOLOGAÇÃO DA BNCC EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL: Aprovação do documento norteador para os segmentos.

A recuperação de conteúdo para aqueles que avançam mas não aprendem, busca ativa daqueles que param de frequentar a escola, priorização na fila da creche para os mais vulneráveis e apoio financeiro a regiões mais pobres são ações que trazem resultados e precisarão ser repetidas no cenário pós-pandemia.

Outra medida é a atualização das discussões na escola para que o jovem se considere pertencente a ela. “É preciso um diálogo com a perspectiva histórica, promover uma discussão profunda sobre as raízes das desigualdades, avançar no debate e na construção da educação antirracista, incluída nos currículos. As crianças e jovens precisam estar cientes disso, das questões de gênero e da necessidade de combate à homofobia e outros preconceitos”, afirma Caio.

Se, de um lado, os dados mostram que ao falhar em se conectar com as demandas dos jovens, a escola perde estudantes, é preciso celebrar o engajamento deles em ações por mais protagonismo e para melhorar a educação. Nesse sentido, o ano de 2015 foi emblemático, quando milhares de estudantes ocuparam escolas em São Paulo.

Marcella Peixoto, hoje com 18 anos, fazia o 1º ano do Ensino Médio em 2016 quando integrou os grupos que organizaram protestos contra o plano de reorganização da rede estadual de educação de São Paulo, que previa o fechamento de escolas e a realocação de alunos. A jovem deu suporte à ocupação da Escola Estadual Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, na zona oeste de São Paulo, onde estudava.

Além do protesto contra a reorganização proposta pelo governo, Marcella lembra de outras carências que existiam na escola, como a ausência de professores e de estrutura, com biblioteca e laboratórios fechados, além de falta de itens básicos, como água e papel higiênico. “Meu primeiro contato com a militância foi quando comecei a conviver com o desmanche da escola pública. Percebi que a educação das pessoas dependia daquilo, de estudar perto de casa. Sem contar o contexto de que as escolas públicas não têm qualidade, têm uma merenda ruim.”

Formada no Ensino Médio e técnico em 2019, a jovem agora se prepara para prestar vestibular para Direito, fazendo curso com bolsa de estudos. “Quero conquistar mais espaço em locais onde pessoas como eu não são escutadas há séculos. Pretendo usar meu repertório para que reverbere em uma situação mais positiva do que a atual.”

Em 2016, a onda de ocupações se estendeu para outros Estados, em um momento marcado por mudanças políticas e educacionais. Jovens voltaram às ruas contra duas políticas estruturantes da última década, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e também a Reforma do Ensino Médio, instrumentos importantes para a transformação do ensino brasileiro, que tiveram seu processo de formulação bastante contestado por atores educacionais, que se sentiram excluídos do debate.

Maior clareza **SOBRE O QUE APRENDER**

Apesar do cenário de instabilidade política, a aprovação da BNCC - documento que norteia o trabalho de todas as etapas educacionais, incluindo Educação Infantil, Fundamental e Médio, trazendo o que é esperado que cada estudante aprenda ao longo da educação básica - foi um dos principais marcos para a educação da última década. A construção do texto foi feita a muitas mãos, começando em 2015, ainda no governo Dilma Rousseff, até o momento da homologação da Base do Ensino Médio, em dezembro de 2018, com Michel Temer na presidência.

Embora ainda sofra muitas críticas, a BNCC facilitou a elaboração de novos currículos, em todos os segmentos da educação, com a alteração do foco no conteúdo para uma abordagem em que o conhecimento é construído a partir do interesse do estudante e com a mediação do educador.

Durante a pandemia, o documento já se mostrou valioso. Como o tempo de preparação e realização de aula *on-line* acelerava de um jeito próprio, recorrer à BNCC ajudou a definir o que era essencial aprender mesmo com a escola fechada. “É a primeira vez que se tem clareza das aprendizagens essenciais. Deixa de valer o CEP onde a criança nasceu e passa a valer o direito individual de todos”, explica Alice Ribeiro, secretária executiva do Movimento pela Base. ➤

2018 ▶
HOMOLOGAÇÃO
DA BNCC ENSINO
MÉDIO: Aprovação do
documento norteador.

2019 ▶ APROVAÇÃO DAS DIRETRIZES
CURRICULARES NACIONAIS PARA FORMAÇÃO
INICIAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA E INSTITUIÇÃO DA BASE NACIONAL
COMUM PARA FORMAÇÃO PELO CNE

2020 ▶ APROVAÇÃO DO NOVO FUNDEB (FUNDO DE
DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA): Torna o fundo
permanente e aumenta a contribuição da União no
financiamento da educação básica: de 10% para 12% em
2021 e subindo gradativamente até chegar a 23% em 2026.

» *Novas práticas* **E METODOLOGIAS**

Implementá-lo da maneira adequada, no entanto, vai exigir muitas mudanças dentro e fora da sala de aula, segundo Anna Penido, especialista em educação. “Não se pode desenvolver pensamento crítico e empatia com aulas expositivas. Precisa de outras abordagens pedagógicas, outros ambientes educacionais e metodologias mais ativas, senão, não sai do papel.”

Aliado à BNCC, o Novo Ensino Médio trouxe inovações, com a possibilidade de integração de saberes, organizados por áreas do conhecimento e não por disciplinas. O estudante pode escolher o caminho a seguir por meio de itinerários formativos em áreas de seu interesse, como ciências, artes ou curso técnico. “Aproxima a escola do século 19 da do século 21”, diz Alice.

Por trás das mudanças, está uma proposta de tornar o Ensino Médio uma preparação para a vida adulta, e não mais um preparatório para o vestibular, segundo Anna. “É calçado em ajudar o estudante a identificar seu projeto de vida e a desenvolver objetivos, metas, estratégias e competências para persegui-los.”

Colocar isso em prática, claro, vai depender de planejamento, recursos e apoio técnico, ainda mais diante dos impactos da pandemia. “[É preciso] repensar a alocação de professores, parcerias com outras redes, identificar demandas locais, dialogar com o setor produtivo e com os jovens. Governantes e secretarias precisam fazer com que esteja no topo da agenda educacional local”, afirma Alice.

Será necessário mudar as avaliações, “para que se possa dizer se os estudantes aprenderam o que está no currículo e desenvolveram competências e habilidades”, explica Anna. A confusão gerada pela pandemia compromete, em alguma medida, a implementação das mudanças, mas o momento pode ser aproveitado como uma oportunidade, segundo a especialista. “Podemos romper com a escola antiga, desconstruir para construir uma nova escola, com novas metodologias e direcionamentos, com o uso de tecnologia incorporado ao cotidiano.”

Mesmo antes da chegada das novas diretrizes educacionais, essa nova maneira de ensinar e aprender era experimentada no Centro de Ensino em Período Integral Dr. Genserico Gonzaga Jaime, em Anápolis (GO), que aderiu ao modelo de Ensino Médio em tempo integral em 2013 com 117 alunos.

O currículo inclui o chamado núcleo diversificado, além da BNCC. São nove aulas diárias, com práticas experimentais em laboratório; momento de estudos orientados, com autonomia para escolher o que fazer; ensino de técnicas para resolução de questões do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), vestibulares e concursos; avaliações semanais para identificar e corrigir déficits na aprendizagem; e projeto de vida, momento de autoconhecimento e ampliação de sonhos.

Os alunos ficaram assustados no início, mas depois se acostumaram, segundo a diretora da escola, Patrícia de Almeida Assunção. Hoje, são 304 estudantes nesse modelo. “A proficiência melhorou muito e vemos que os alunos estão realizando seus projetos de vida.”

Para colocar o trabalho em prática é, sim, necessário mais investimento. O colégio recebe recursos 30% maiores que as escolas de meio período e verba extra para o almoço. A infraestrutura ainda necessita de adequações, de acordo com a diretora, “o que não afeta a parte pedagógica”.

Os professores passaram por uma capacitação inicial e recebem formação continuada. “Tiveram uma aceitação bastante satisfatória, mas nem todos puderam permanecer por terem outras atividades além da escola”, afirma Patrícia, que destaca o engajamento e o estudo constante da equipe.

Tempo integral **E EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Assim como esse centro de ensino em Goiás, outras redes começaram a oferecer a educação em tempo integral, seguindo a meta do PNE, que tem como objetivo oferecer a modalidade em, no mínimo, 50% das escolas públicas para atender ao menos 25% dos alunos da educação básica até 2024. Em 2019, o índice de escolas do país estava em 33% e o de matrículas em 14,2%.

Ao mesmo tempo, há a busca por promover a educação integral a partir de um conceito mais amplo, em tempo parcial ou integral, que se preocupa em promover o desenvolvimento do estudante em suas diferentes dimensões – afetiva, social, física e cognitiva – de forma integrada.

Para Anna Helena Altenfelder, presidente do Conselho do Cenpec Educação (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), é por esse caminho que passam o enfrentamento e a superação das desigualdades educacionais nos próximos anos. “A educação integral trabalha, articula e integra estas diferentes dimensões, entendendo que o desenvolvimento se dá de forma integral, tendo em vista sua atuação para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária.”

Para Natacha Costa, diretora executiva da Associação Cidade Escola Aprendiz, é importante que a educação integral

EDUCAÇÃO INTEGRAL

OS CINCO ESTADOS COM MAIORES PROPORÇÕES DE ALUNOS EM TEMPO INTEGRAL MATRICULADOS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO, EM 2020:

PERNAMBUCO ▶ 54,6%

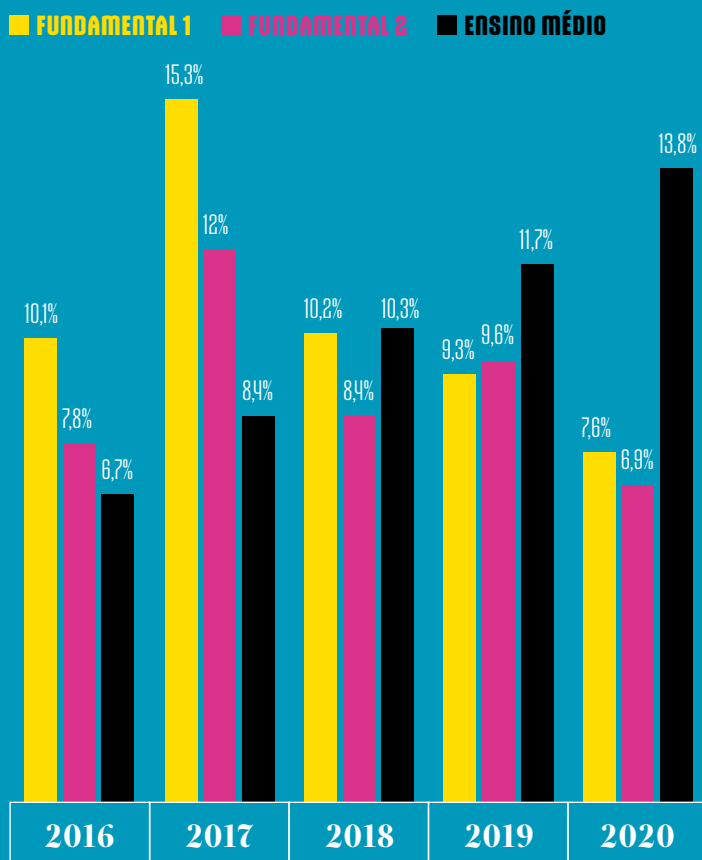
PARAÍBA ▶ 45,9%

CEARÁ ▶ 30,8%

ALAGOAS ▶ 25,3%

SERGIPE ▶ 23,3%

EVOLUÇÃO DA PROPORÇÃO DE ALUNOS EM TEMPO INTEGRAL MATRICULADOS NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO, ENTRE 2016 E 2020, NA REDE PÚBLICA:



Fonte: Inep/Censo Escolar (MEC).

esteja contextualizada com a cultura do território da escola, com as referências dos estudantes, seus interesses e perspectivas. “Significa diversificar oportunidades educativas com outras linguagens, como música, audiovisual, corpo, dança, tecnologia, arte; agentes que não sejam só os professores; e espaços, não apenas o da escola.”

Outra mudança é a construção de relações afetivas e intelectuais entre estudantes e professores. Acolher para ensinar nunca foi tão importante quanto agora. “A aproximação intelectual do educador com o mundo infantil ou do jovem e a busca por seus interesses permite a criação de uma relação didática que provoca uma revolução educacional”, diz o professor Luciano Meira, especialista em inovação educacional, professor de psicologia da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e sócio-fundador da Joy Street.

Para essa aproximação com o estudante ser efetiva, uma meta específica do PNE trata da gestão democrática. Assim como acolher, escutar e dividir responsabilidades entre a equipe escolar e os próprios estudantes são temas de primeira necessidade para a nova escola. “Ainda temos uma cultura muito autoritária nas escolas, que tem a ver com políticas centralizadoras das secretarias. A aprendizagem está ligada à construção de vínculos e pertinência. Isso só acontece se houver a participação dos alunos, das famílias e da comunidade”, afirma Natacha.

Por enquanto, os espaços de participação ainda são minoria. Entre as escolas públicas, 30,9% das que oferecem Ensino Fundamental têm associação de pais e mestres. No Médio, são 41,3%. O grêmios estudantil está presente em 13,8% das escolas de Fundamental e em 51% das escolas de Ensino Médio.

Pandemia COBRA MUDANÇAS

Desde o início da pandemia, o educador precisa encontrar meios para se aproximar do aluno no ambiente *on-line*. Ao longo de 2020, havia um sentimento de invisibilidade *on-line*. De um lado, alunos sem poder levantar a mão para tirar dúvidas (muitas vezes por falta de conectividade), com vergonha de mostrar a casa, a família ou aparecer com o cabelo desarrumado. Do outro, professores reféns de câmeras desligadas e diante de inúmeros quadradinhos pretos mostrando apenas nomes dos alunos. »

» Avance para 2021 e o ambiente começa a se tornar híbrido, ora na escola, ora em casa, com a experiência *on-line* presente nos dois ambientes. Aqui, corre-se o perigo de manter a exclusão vivida durante o período de aulas remotas. Para que alunos e professores não sejam novamente apartados da tecnologia, gestores precisam olhar seriamente para a estrutura de conectividade das escolas.

Das 78 mil instituições municipais de Ensino Fundamental, 65% têm internet, mas apenas 34% usam a conexão para ensino e aprendizagem; entre as 22 mil escolas estaduais, 92% têm internet e 71% usam para ensino e aprendizagem, segundo o Censo Escolar 2020.

“O uso ainda é restrito à área administrativa. A internet precisa entrar na sala de aula e ser usada como ferramenta pedagógica do professor”, diz Lucia Dellagnelo, diretora-presidente do CIEB (Centro de Inovação para a Educação Brasileira). No Ensino Médio, das 19.700 escolas estaduais, 96% têm internet, mas o uso para ensino e aprendizagem acontece

em 73%. “O Brasil passou muito tempo sem fazer uma revisão na política de tecnologia”, completa.

Agora, além de reconstruir a infraestrutura de tecnologia das escolas, gestores precisam entender melhor como engajar tanto quem está em sala de aula como quem não pode comparecer por conta dos riscos de propagação do coronavírus. Para o chamado ensino híbrido, não basta ligar a câmera e transmitir a mesma aula presencial para quem está acompanhando as atividades de casa.

Lilian Bacich, especialista e autora de livros sobre o tema, reconhece que manter o nível de atenção para os dois grupos de alunos é difícil. Por isso, sugere que a sala de aula seja dividida em diferentes estações de trabalho, pequenos grupos que podem integrar quem está a distância e presencialmente. “O primeiro desafio é tirar o ‘simultâneo’ do planejamento. Se organizarmos estações de trabalho — estação do professor, estação de trabalho individual e estação de trabalho em grupo —, conseguimos variar as

RECURSOS TECNOLÓGICOS

{ 2010 }

ENSINO FUNDAMENTAL 1

40% DAS ESCOLAS COM ACESSO À INTERNET.

33% DAS ESCOLAS COM SALA DE INFORMÁTICA.

ENSINO FUNDAMENTAL 2

70% DAS ESCOLAS COM ACESSO À INTERNET.

67% DAS ESCOLAS COM SALA DE INFORMÁTICA.

ENSINO MÉDIO

92% DAS ESCOLAS COM ACESSO À INTERNET.

87% DAS ESCOLAS COM SALA DE INFORMÁTICA.

{ 2020 }

ENSINO FUNDAMENTAL

65% DAS 78 MIL ESCOLAS MUNICIPAIS TINHAM INTERNET.

34% USAVAM A CONEXÃO PARA ENSINO E APRENDIZAGEM.

92% DAS 22 MIL ESCOLAS ESTADUAIS TINHAM INTERNET.

71% USAVAM A CONEXÃO PARA ENSINO E APRENDIZAGEM.

ENSINO MÉDIO

96% DAS 19.700 ESCOLAS ESTADUAIS TINHAM INTERNET.

73% USAVAM A CONEXÃO PARA ENSINO E APRENDIZAGEM.

Fonte: Inep/Censo Escolar (MEC).

experiências de aprendizagem, trabalhar com grupos menores e realmente identificar as necessidades e facilidades dos estudantes”, escreveu.

Novo papel **DE QUEM ENSINA**

O ensino híbrido exige um novo papel por parte do professor, que não deve ser aquele de simples transmissor de conteúdo. Quem acompanha os alunos de perto sabe que fazer mais do mesmo já não atende às necessidades do mundo, nem traz motivação para aprender.

O professor de geografia Paulo Roberto Magalhães, de 56 anos, percebeu na sala de aula que tinha de mudar sua prática pedagógica para conquistar os estudantes. Começou a promover aulas pelas ruas da região central de São Paulo há cerca de dez anos com suas turmas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias.

Aos poucos, a iniciativa conquistou a todos e hoje coleciona prêmios. “Surgiu da necessidade de fazer uma geografia diferente. Mudar a prática do que recebi na escola. Transformou a minha vida, a dos meus alunos e a escola. Hoje somos mais próximos. Eles se sentem parte do bairro e do espaço e têm noção de que são cidadãos globais.”

Paulo se sente valorizado pelo reconhecimento, mas lembra que os professores da educação básica ainda ganham pouco. “Fiz muitos cursos e tive aumentos pela política de cargos. Vivo decentemente, mas o piso salarial é muito baixo. Deveria ser igual ao de um professor universitário”, afirma.

Estrutura **DAS ESCOLAS**

Neste cenário em que aprender não se restringe mais à sala de aula, até para que os protocolos de segurança contra o coronavírus sejam respeitados, é preciso olhar para a estrutura física de uma escola pública. Cerca de 4.800 escolas de Ensino Fundamental, entre estaduais e municipais, não tinham banheiro, segundo o Censo Escolar 2019. Além disso, apenas 46,8% do total de escolas públicas tinham biblioteca ou sala de leitura e 39,3% das públicas de Ensino Fundamental tinham quadra de esportes.

Na educação pública, os estudantes dependem da escola para todo o processo de formação, incluindo comer, ser acolhido, ter contato com colegas e ter professores que percebam suas necessidades, segundo Catarina de Almeida Santos, professora da Faculdade de Educação da UnB (Universidade de Brasília) e dirigente da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. “A Covid-19 mostrou que a infraestrutura é fundamental.”

Para a professora, escolas sem problemas de infraestrutura são exceção. “Uma escola precisa oferecer condições para desenvolver aquilo que se espera dela: fazer com que o estudante aprenda e desenvolva suas capacidades e que o professor ensine.”

Por que não **AVANÇAMOS MAIS?**

Pelos números do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema »

INFRAESTRUTURA

25%

DAS ESCOLAS BRASILEIRAS **NÃO SÃO ATENDIDAS POR REDE PÚBLICA DE ÁGUA**; O PROBLEMA É MAIOR NO NORTE E NORDESTE.

44%

DAS ESCOLAS BRASILEIRAS **NÃO SÃO ATENDIDAS POR REDE PÚBLICA DE ESGOTO**.

22,4%

NÃO SÃO ATENDIDAS POR REDE PÚBLICA DE ESGOTO NEM TÊM FOSSAS SÉPTICAS.

Fonte: Nota técnica do Ipea, disponível em: mod.llk/Uz10Y (acesso em: 22 mar. 2021).

» de Avaliação da Educação Básica, continuamos a evoluir na qualidade da educação nos anos iniciais e finais do Fundamental, mas a curva perde força quando o Ensino Médio chega. O problema é que o avanço educacional é limitado pelas desigualdades da sociedade brasileira.

Segundo Chico Soares, professor emérito da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), “melhora a rede que, através de decisões objetivas, coloca o aprendizado dos estudantes no centro do planejamento educacional. Ou seja, os objetivos de aprendizagem devem estar no cotidiano da escola. O gestor precisa conhecer os objetivos e a sua progressão. Nesse sentido, as atividades de avaliação formativa são muito importantes, e podem ser organizadas também como formação continuada”.

Para Caio Sato, os Anos Iniciais se beneficiaram de políticas de alfabetização. Já os Anos Finais do Fundamental sofrem com a oferta dividida por municípios e Estados, problemas pedagógicos, o momento de transição de um modelo para outro e a possibilidade de abandono e evasão. “É uma agenda que precisa ser colocada em pé para apoiar uma reversão de tendência.”

Para Chico, a reforma educacional deve trazer impactos no Ensino Médio. “A aprendizagem dos

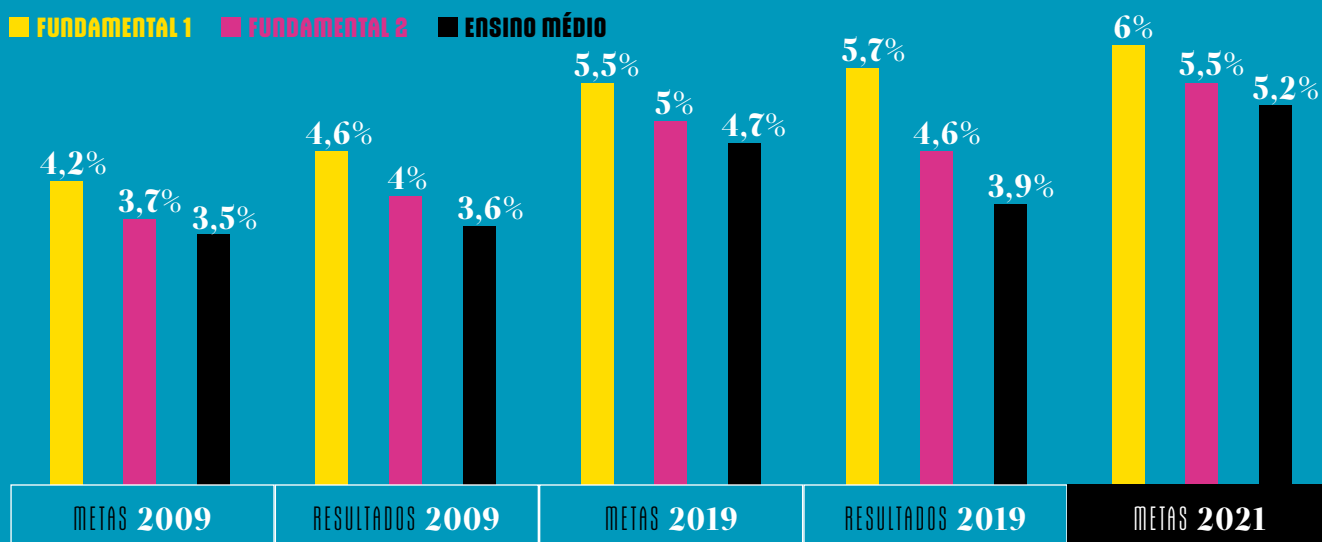
estudantes exige regularidade na execução e muita determinação na implementação do projeto pedagógico. Avaliações externas como o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) podem ser fonte de inspiração.”

Avanços obtidos pela rede de educação do Ceará trazem ensinamentos. Alguns exemplos são: a cooperação entre o Estado e os municípios, a ênfase na formação continuada, a regularidade com que o sistema funciona em muitos municípios, além dos sistemas de acompanhamento e incentivo, que orientam ações pedagógicas das escolas.

As melhorias na aprendizagem se refletem no Ideb da rede, que superou as metas no Fundamental e está acima da média brasileira no Médio. “É importante ressaltar a redução histórica da taxa de abandono na etapa final da educação básica, que chegou ao menor patamar da história em 2019, com a taxa de 3,8%. Para se ter uma ideia, no ano de 2007, 16,4% dos alunos abandonaram os estudos”, comemora a secretária da Educação do Estado, Eliana Estrela.

Atualmente, a rede tem 278 escolas de Ensino Médio em tempo integral, o que representa 38% do total. “O programa permite que o projeto pedagógico voltado à equidade seja efetivado. »

METAS E RESULTADOS IDEB



Fonte: Inep, disponível em: ideb.inep.gov.br (acesso em: 22 mar. 2021).

DINHEIRO DA EDUCAÇÃO: LUTA POR FINANCIAMENTO em meio às crises

UM FOCO intenso dos debates foi a criação de novos mecanismos para o financiamento da educação. Três momentos merecem destaque, com as crises econômica e política como pano de fundo: a euforia com o dinheiro do petróleo do pré-sal, o choque de realidade com o teto de gastos e a expectativa do novo Fundeb.

Em 2014, o PNE fixou como meta o aumento gradativo dos gastos públicos, que deveria chegar a 7% do PIB em 2019 e a 10% em 2024. Em 2015, o país estava no patamar de 5,1%, com R\$ 344,7 bilhões de investimento público na educação pública, segundo o Inep.

Entre as estratégias definidas para atingir o objetivo estavam o aumento da participação federal nos investimentos, o complemento do orçamento com *royalties* do petróleo e do pré-sal e a aplicação do Custo Aluno-Qualidade Inicial (Caqi), mecanismo criado pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação que define o valor mínimo anual a ser investido por estudante para garantir uma educação de qualidade, com o mínimo de infraestrutura e recursos humanos.

Nos anos seguintes, a crise da Petrobras e do petróleo frustraram as expectativas em relação aos repasses. Além disso, a recessão

econômica levou à aprovação da Emenda Constitucional do Teto de Gastos em 2016, que congelou os gastos federais por 20 anos e tornou o cumprimento da meta do PNE mais difícil. Em 2018, os gastos com educação eram de 5% do PIB, com total de R\$ 342,1 bilhões, de acordo com o Inep.

No final de 2020, a aprovação do Novo Fundeb trouxe esperança de que aumentem os investimentos públicos, principalmente em municípios pobres de Estados ricos, que antes não eram contemplados, com a redistribuição dos recursos, a maior participação da União nos gastos com educação e a aplicação do mecanismo de medição da qualidade do ensino.

Além da garantia de recursos, segundo Naercio Menezes Filho, professor titular da cátedra Ruth Cardoso do Insper, a gestão é importante. “Tem municípios espalhados pelo Brasil que são muito pequenos e não têm gestão adequada dos recursos. A rede é mal organizada, tem pouco controle dos dados, dos professores e do desempenho dos alunos. Não existe uma cultura de avaliação de resultados e processos. Fica difícil melhorar a aprendizagem sem aplicar métodos básicos de gestão, que acontecem em todas as empresas públicas e privadas.”

Pelas novas regras do Fundeb, o percentual de participação federal passou de 10% em 2020 para 12% em 2021, com aumento gradativo até chegar a 23% em 2026. O novo modelo de distribuição dos recursos leva em conta a situação de cada município para os cálculos e para os repasses. Foram incluídos indicadores de melhoria do ensino como critérios para o repasse de parte dos recursos da União. Mudou o percentual mínimo de uso de recursos do fundo para pagamento de profissionais da educação, subindo de 60% para 70%. “Mas é preciso implementar outros aspectos do fundo. A cláusula que prevê aumento da complementação da União depende de práticas efetivas para melhoria do aprendizado”, diz Naércio.

PROFESSORES À ESPERA DE Uma nova FORMAÇÃO

ENQUANTO continua a luta por maior valorização profissional, melhores salários e condições de trabalho, mais professores de Educação Básica chegam às escolas com Ensino Superior, ainda que carregando deficiências nessa formação inicial.

Os educadores enfrentam ambientes hostis nas escolas, tendo de conviver com a violência entre os estudantes e contra eles próprios. Mesmo em meio a dificuldades, seguem preocupados em rever suas práticas pedagógicas e se abrem cada vez mais ao uso de tecnologia, o que passou a fazer parte do cotidiano de trabalho em 2020, com o distanciamento social imposto pela pandemia do coronavírus.

Uma das metas do PNE (Plano Nacional de Educação), a melhoria da formação foi objeto de muitas discussões nos últimos anos, que culminaram no lançamento pelo MEC, em 2018, da Base Nacional Comum de Formação de Professores da Educação Básica. A base traz competências a serem dominadas pelos educadores em diálogo com a BNCC. O texto sobre a formação inicial foi aprovado em 2019. Segue em dis-

cussão no CNE (Conselho Nacional de Educação) a base para formação continuada.

A nota técnica “Formação inicial de professores: uma visão para a construção de propostas pedagógicas orientadas para a prática”, do Instituto Península, de novembro de 2020, resume o que se espera do professor, de acordo com a nova diretriz: “conhecimento sobre como os alunos aprendem em diferentes contextos educacionais e socioculturais; saberes específicos das áreas do conhecimento e dos objetivos de aprendizagem, o que comumente está relacionado ao currículo vigente; e conhecimento pedagógico do conteúdo e das estratégias que devem ser empregadas para o ensino do conteúdo”.

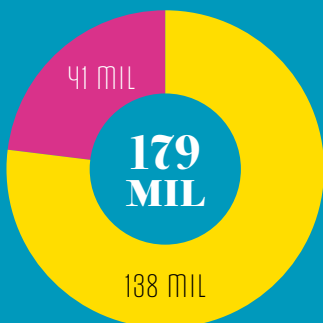
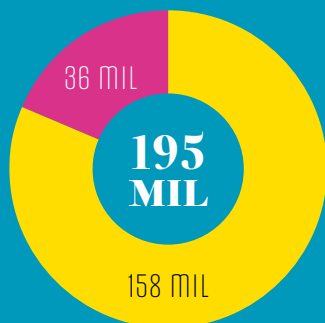
Além disso, o profissional precisa desenvolver as competências gerais da BNCC: socioemocionais, digitais, culturais, comunicacionais e éticas. A carreira deve ser vista de forma sistêmica, desde a formação inicial, com avaliação de saída da licenciatura, o ingresso na carreira, o estágio probatório, a formação continuada e a avaliação de desempenho, aliados à evolução na carreira, de acordo com a nota, explica o documento.

O avanço da carreira docente depende, ainda, do estímulo a inovações institucionais na formulação das licenciaturas, que viabilize o processo de transformação dos currículos, diz Bernardete Gatti, doutora em psicologia pela Universidade de Paris, pesquisadora consultora da FCC (Fundação Carlos Chagas) e membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. “Tem de haver um projeto nacional de formação de professores que estimule as instituições. O Ministério da Educação poderia dar apoios diversos, com financiamentos para inovações e bolsas de estudo.”

CENSO ESCOLAR

{ 2010 } { 2020 }

► NÚMERO DE ESCOLAS: ■ PÚBLICAS ■ PRIVADAS



46 mil ESCOLAS COM EDUCAÇÃO INTEGRAL 54 mil

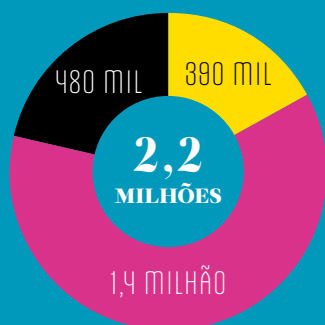
► MATRÍCULAS (ESCOLAS PÚBLICAS)

44 MILHÕES*

38,5 MILHÕES*

* Somatória de Ed. Infantil, Fundamental, Médio, parte da Ed. Profissional, EJA e Ed. Especial.

► DOCENTES: ■ ED. INFANTIL ■ FUNDAMENTAL ■ MÉDIO



Fonte: Censo Escolar MEC.

► As atividades realizadas durante o tempo extra potencializam o desenvolvimento de habilidades mais complexas. Desse modo, os resultados de aprendizagem são mais bem trabalhados”, diz Eliana.

Aonde SE QUER CHEGAR

Uma das mensagens mais poderosas que a adoção de um novo modelo de ensino pode passar é a de superar a ideia de que o aluno da escola pública pode receber apenas o básico enquanto o estudante da escola privada tem acesso às melhores práticas. “Não dá para fazer nada no mundo real sem ter aprendido coisas mais avançadas. As profissões e a participação cívica exigem esses conhecimentos”, diz Paulo Blikstein, professor da escola de educação da Universidade de Columbia (Estados Unidos).

Com profissionais mais bem preparados e uma infraestrutura adequada, o professor vislumbra que um maior uso de ferramentas tecnológicas, como espaço *maker*, *kits* de ciências e robótica, que permitem a construção e a invenção de coisas, será cada vez mais comum e se tornará cada vez mais barato. O que não significa que será possível baratear a educação, de acordo com o educador. “Não é só a tecnologia que importa, precisa de gente preparada para usá-la na sala; o custo da formação de professores existe.”

Ideias progressistas de pensadores como Jean Piaget e Paulo Freire, que já entraram na BNCC, estarão cada vez mais presentes nos currículos. “Ninguém mais quer decoreba. Isso foi trazido pelas mudanças na juventude, que tem um milhão de possibilidades de se engajar em outras atividades, como esportes, *videogame*, comunidades virtuais e grupos de estudo. Se a escola não ficar mais interessante, conectada com a vida, apaixonante, o estudante pode estar fisicamente na escola, mas com a cabeça em outro lugar”, afirma Paulo.

Além disso, outras tendências precisam ser combatidas, segundo o professor, como a privatização da educação pública e a disseminação de ideias como terraplanismo, negação da ciência e da pandemia. □

FERNANDA NOGUEIRA

é jornalista e produtora de conteúdo do Porvir, a principal plataforma de jornalismo e inteligência sobre inovações educacionais do Brasil. © www.porvir.org



FAÇA SUA ESCOLA VOAR MAIS ALTO!

O **Novo Pitanguá** é a solução educacional da Moderna ideal para escolas que pretendem inovar com consistência, confiança e segurança.



UMA ABORDAGEM FACILITADORA PARA QUE A ESCOLA POSSA FOCAR NOS REAIS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM.



Educação Infantil
A PARTIR DOS 2 ANOS



Ensino Fundamental
ANOS INICIAIS





+ de
40 MIL
alunos

COMPROMISSO BNCC
Educação para a vida




Solicite mais informações a um consultor.

Explore todo o potencial
do **Novo Pitangá**



www.moderna.com.br/pitangua





Mais do
que nunca,
o mundo
precisa

do melhor que

cada um de nós pode ser



Por isso, nos estruturamos por:

- Autoconhecimento profundo
- Metodologia ativa e aprendizagem significativa
- Cultura empreendedora
- Desenvolvimento sustentável do indivíduo
- Prosperidade



A sua escola também deve desenvolver:

- Pensamento analítico e capacidade de antecipação
- Assertividade
- Otimismo realista
- Autoconhecimento, autoestima e gestão das emoções
- Resiliência
- Empatia
- Colaboração
- Tomada de decisão
- Cidadania digital e consciência cultural e social
- Resolução de problemas
- Automotivação, energia e autonomia
- Escuta ativa e capacidade de diálogo
- Comunicação positiva e eficaz
- Aplicar e criar tecnologia
- Pensamento crítico
- Criatividade
- Flexibilidade e adaptabilidade
- Liderança e trabalho em equipe
- Gestão da informação

Vamos crescer juntos?

 programacrescemos.com

 [@programacrescemos](https://www.instagram.com/programacrescemos)

 [/programacrescemos](https://www.facebook.com/programacrescemos)





COMO AVALIAR NO ENSINO HÍBRIDO?

Passada a fase do ensino remoto emergencial, é hora de mergulhar de vez no ensino híbrido e planejar as avaliações *on-line* e presencial de forma integrada. Veja como se adequar.

TEXTO Lilian Bacich e Leandro Holanda

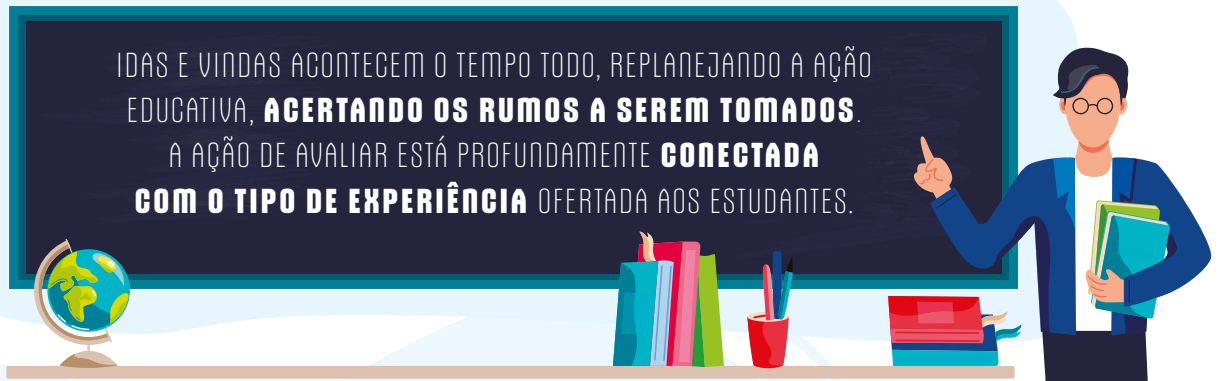
ENSINO HÍBRIDO é uma abordagem que integra o ensino *on-line* e o presencial a partir de uma proposta de personalização das experiências de aprendizagem, valorizando a avaliação formativa e o estudante no centro do processo. É fundamental reforçar que, em 2020, vivenciamos, na maioria dos estados e municípios, o *ensino remoto emergencial*, pois a característica era a entrega dos conteúdos, a oferta de interações e as demais ações que aconteciam sem que os estudantes estivessem presentes no espaço físico da escola. Para 2021, a perspectiva é o *ensino híbrido*, em que o que acontece de forma *on-line/remota* se conecta com o que ocorre presencialmente na escola. Nessa definição, apoiada em autores que pesquisam a temática há mais tempo, o ensino híbrido requer a presença física do estudante na instituição de ensino.

Nos Estados Unidos e em outros países que adotam essa abordagem, desde 2006, há oferta de diferentes modelos de ensino híbrido na Educação Básica. Essas implementações ao redor do mundo

inspiram, em 2014, a experimentação dessa abordagem no Brasil, com um grupo na Educação Básica (do qual os autores deste texto participaram), com 100% dos alunos frequentando presencialmente a escola. Nesse contexto, os modelos de ensino híbrido que mais se adequavam a essa realidade eram os modelos sustentados: sala de aula invertida, rotação por estações e laboratório rotacional. Em 2021, com o retorno parcial dos estudantes às instituições de ensino, há possibilidade de oportunizar a aprendizagem significativa com modelos mais disruptivos, como *flex* e virtual aprimorado.

É importante lembrar que, em virtude da diversidade de contextos em que as instituições escolares brasileiras estão inseridas, a etapa *on-line* (ou remota) do ensino híbrido assume os mais variados formatos: alguns alunos têm acesso ao conteúdo por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem, enquanto outros acessam por diferentes meios, como rádio e TV ou até mesmo material impresso. O fundamental, em qualquer dos cenários, é que sejam: »

IDAS E VINDAS ACONTECEM O TEMPO TODO, REPLANEJANDO A AÇÃO EDUCATIVA, **ACERTANDO OS RUMOS A SEREM TOMADOS**. A AÇÃO DE AVALIAR ESTÁ PROFUNDAMENTE **CONECTADA** **COM O TIPO DE EXPERIÊNCIA** OFERTADA AOS ESTUDANTES.



- » ● identificadas as habilidades essenciais a serem trabalhadas com os estudantes;
- mapeadas as formas de coletar as evidências de aprendizagem;
- desenhadas situações de aprendizagem, a partir da coleta de dados, que possibilitem aos alunos — quando face a face com o professor (presencialmente ou via comunicação síncrona para os casos de reabertura parcial) — aprimorar o conteúdo, partilhar experiências, resolver problemas e colocar em ação os aprendizados construídos remotamente.

AValiação formativa no ensino híbrido

Quando pensamos em ensino híbrido, logo nos vem à cabeça o *design* de experiências de aprendizagem que proporcionem ao estudante avançar pelos conteúdos de acordo com seu ritmo, tempo e interesse. Para tanto, faz-se necessário avaliar o processo, visto que, entendendo de que forma os alunos aprendem mais e melhor, é possível repensar trajetórias e desenhar percursos formativos personalizados.

Ao longo de uma tradição escolar, as provas sempre foram o principal instrumento para verificar o quanto de conteúdo apresentado por um professor em sala de aula foi retido pelo aprendiz. Com base em uma métrica, seguia adiante quem alcançasse os pontos, ou o conceito, minimamente esperados e era submetido a outros exames, enquanto novas propostas eram apresentadas àqueles que não obtinham “boa nota”.

Essa forma muito comum de coletar dados ignora os diferentes olhares para cada conteúdo trabalhado, desconsiderando, na maioria das vezes, os objetivos e as evidências de aprendizagem. A avaliação formativa é o meio mais coerente para identificar as necessidades dos estudantes e planejar uma aula que vá ao encontro de suas fragilidades e/ou potencialidades, pois:

- identifica os conceitos construídos pelos alunos sobre o tema a ser trabalhado;
- analisa os avanços conceituais dos estudantes;
- verifica, ao final de cada etapa do processo, se os objetivos de aprendizagem foram atingidos.

Nessa perspectiva, idas e vindas acontecem o tempo todo, replanejando a ação educativa, acertando os rumos a serem tomados, retomando o que for necessário para todo o grupo ou para alguns estudantes. A ação de avaliar, nessa perspectiva, está profundamente conectada com o tipo de experiência ofertada aos estudantes.

alguns recursos para a avaliação no ensino híbrido

Se já foi dito por que é tão importante a avaliação formativa no ensino híbrido, é hora de pensar como é possível coletar, digitalmente ou não, os dados para desenhar experiências de aprendizagem que estejam de acordo com as necessidades dos estudantes. As possibilidades são as mais diversas: plataformas adaptativas, questionários *on-line*, debates, observações, interações olho no olho etc.

Algumas dúvidas surgem nesse processo, especificamente porque é preciso conectar ambientes de aprendizagem diver-

sos, em que o que é realizado *on-line*/remotamente deve se conectar com o que é feito presencialmente. Qual o melhor formato para avaliar os estudantes? Como garantir o levantamento de evidências que representam os avanços? Em que momento realizar as avaliações? É possível garantir que não haverá “fraude”? Diante desses e de outros questionamentos, é primordial lembrar que a avaliação é um processo e não um fim. Por isso, o mais importante é conectar o instrumento avaliativo às experiências de aprendizagem que colocam o estudante no centro do processo, favorecendo a comunicação, o pensamento crítico, a resolução de problemas e a colaboração.

Em linhas gerais, além da conexão com os objetivos de aprendizagem, as habilidades e competências que precisamos desenvolver, é importante considerar evidências que se adaptem à análise que faremos sobre os avanços ou as necessidades dos estudantes. Para isso, é fundamental considerar três aspectos:

- **COERÊNCIA** (compatibilidade entre o modelo de aprendizagem e o que é proposto);
- **ABRANGÊNCIA** (formatos variados para abarcar experiências de aprendizagem diferentes);
- **CONTINUIDADE** (informações que permitem monitorar e avaliar o progresso ao longo do tempo).

Com esses aspectos em vista, são organizados instrumentos para a coleta de evidências, que podem ser utilizados tanto no momento *on-line*/remoto, como no presencial.

instrumentos avaliativos

A resposta para a nossa pergunta inicial - “Como avaliar no ensino híbrido?” - depende muito da experiência de aprendizagem planejada, mas é necessário que o instrumento avaliativo integre o *on-line* e o presencial, focando nas conexões e na personalização, o que cria um fluxo contínuo, mas respeitando as características de cada espaço, *on-line* ou físico. A seguir, seguem algumas possibilidades de avaliação:

- **ROTINAS DE PENSAMENTO:** ajudam a tornar o pensamento visível, possibilitando desenvolver a visão crítica, reflexiva e aprofundada dos alunos em relação a algo que estejam estudando. **Vejo, penso, questiono:** rotina de pensamento que pode ser utilizada para dar início ao desenvolvimento de uma habilidade, para identificar os conhecimentos prévios e o que o estudante apresenta de reflexões sobre um objeto de estudo. **Conecta, amplia e desafia:** rotina de pensamento para encerrar o estudo de um tópico, em que os estudantes comentam como o objeto de estudo

se conecta ao que eles já sabiam, como amplia os conhecimentos iniciais e quais os principais desafios. **Dicas de recursos digitais:** *Padlet, Scrumbler, Google Jamboard* podem ser usados para sistematizar os resultados dessas rotinas.

- **QUESTIONÁRIOS:** coletam informações a partir de perguntas fechadas ou abertas e podem organizar as aprendizagens dos estudantes antes, durante e depois do trabalho com uma habilidade. **Dicas de recursos digitais:** *Socrative, Kahoot!, Mentimeter, Quizlet, Nearpod, Google Forms* etc.
- **PORTFÓLIOS:** registram não só os resultados de uma aprendizagem, mas também relatos e reflexões dos estudantes em cada etapa do processo. Diários de bordo, representações gráficas (tabelas, mapas conceituais, infográficos, entre outros) e fichamentos podem ser utilizados. **Dicas de recursos digitais:** *Canva* e *Sway* podem ser explorados.
- **RUBRICAS:** orientam os alunos sobre o que é esperado deles na realização das tarefas; são conjuntos de expectativas ou critérios bastante claros, organizados em níveis de desempenho, que favorecem a análise de desempenho em uma atividade. **Dicas de recursos digitais:** *RubiStar* é uma excelente fonte de pesquisa sobre as rubricas.
- **WEBQUESTS:** possibilitam uma investigação orientada por meio de um processo de construção do conhecimento — a partir de informações multimidiáticas — que favorece o

exercício da criatividade, da autonomia e da comunicação. É possível usar e produzir *webquests* no *Sway*, no *Google sites*, no *Powerpoint*.

CONCLUINDO

Assim, é importante reforçar que as estratégias avaliativas precisam considerar pedagogicamente a implementação do ensino híbrido. O que está por trás dessa implementação é o olhar para o quanto podemos avançar migrando de uma proposta centrada no professor, em que é ele o responsável por “transmitir” informações, lógica do século 20, em que a escola era o local em que era possível obter informações, além das enciclopédias e dos livros na biblioteca, para uma lógica do século 21, em que a escola é o local para a construção coletiva de conhecimentos e onde é possível desenvolver processos cognitivos mais complexos.

Assim, neste momento que estamos vivendo, em uma migração do remoto para o híbrido, o ensino híbrido poderá apoiar um processo que considere os estudantes como protagonistas e que possibilite o desenvolvimento de habilidades e competências que precisamos enfatizar na formação básica. □

WEBQUESTS

PASSO A PASSO PARA ELABORAR UMA INVESTIGAÇÃO ORIENTADA

- 1 Definição**
Qual será o tema? Quais serão as fontes de pesquisa?
- 2 Delimitação**
Qual será a tarefa?
- 3 Estruturação**
Como será o processo?
Quais recursos serão utilizados?
- 4 Elaboração**
Construção de cada etapa: **introdução**; **tarefa desafiadora**; **fontes necessárias** (indicação de recursos); **descrição do processo** (tutorial que oportuniza a reflexão e a tomada de decisões); **orientação sobre como organizar** a informação adquirida; **conclusão** que apresente o que aprenderam e encoraje a usar a pesquisa em outros domínios; **créditos**.
- 5 Avaliação**
O que pontuar para cada aluno após a avaliação.
Como utilizar os resultados para personalizar o ensino.

LILIAN BACICH

é doutora em Psicologia Escolar pela USP e Mestre em Educação pela PUC-SP. Bióloga (Mackenzie) e Pedagoga (USP). É autora de livros didáticos da Moderna. É diretora na Triade Educacional e coordenadora de curso de Pós-graduação no Instituto Singularidades.

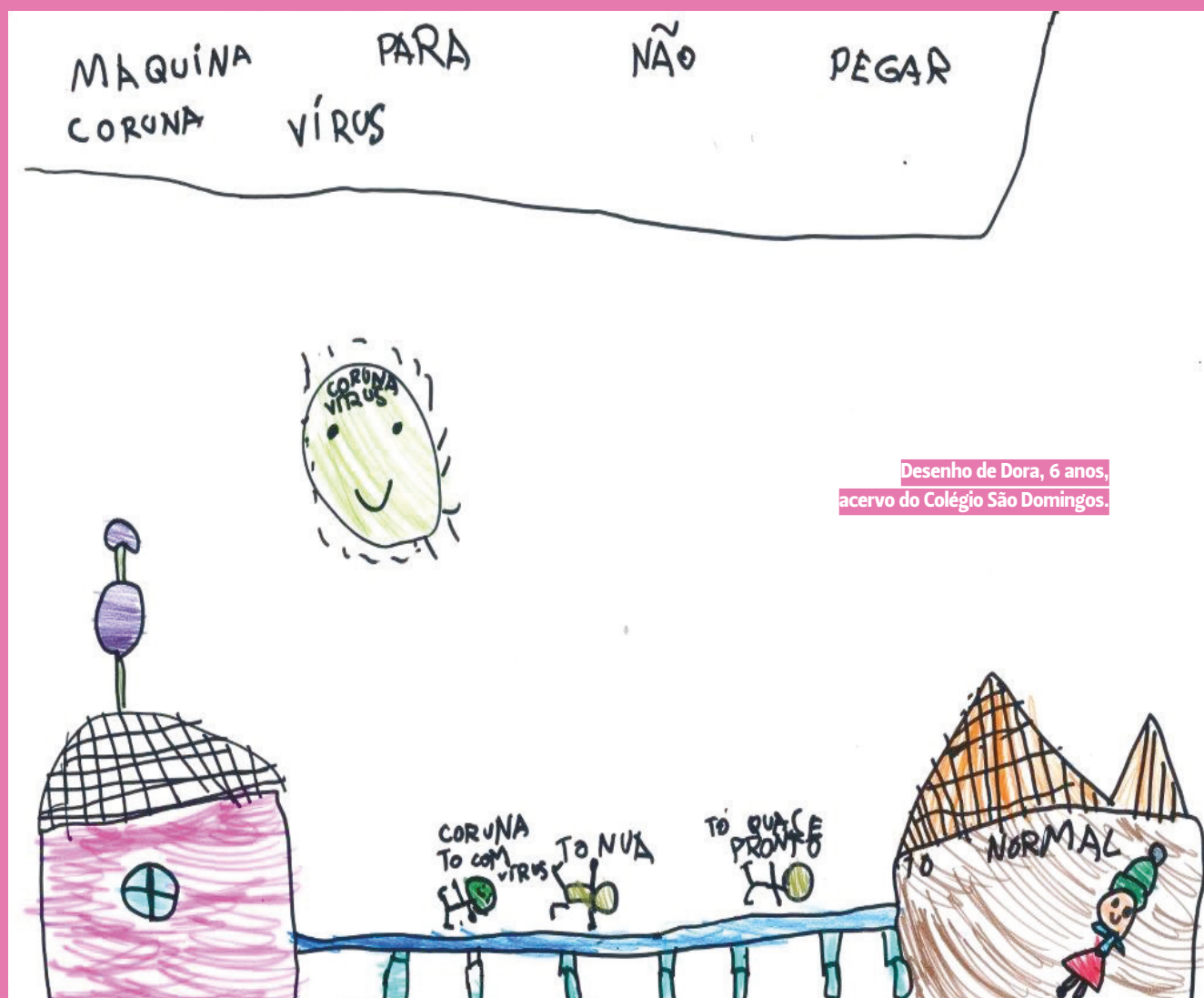
LEANDRO HOLANDA

Mestre em Ciências pela USP e especialista em tecnologias educacionais pela PUC-SP. Foi gestor educacional em escolas privadas, e especialista em educação em empresas como a Fundação Lemann, Associação Nova Escola, Microsoft e Moderna. Participou de formações sobre STEM na NSTA em Atlanta e na Universidade de Stanford. É autor de livros e atua ativamente em formação docente. Professor de Metodologias Ativas na pós-graduação do Instituto Singularidades. Professor de curso de extensão na PUC-SP. Cofundador da Triade Educacional.

PARA SABER MAIS

- BACICH, L. Ensino híbrido: modelos que podem apoiar a reabertura das escolas. Blogue Lilian Bacich, Brasil, plataforma *on-line*, 31 mar. 2020. Disponível em: mod.lk/edzo_nte. Acesso em: 17 fev. 2021.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Penso Editora, 2015.
- HORN, M. B.; STAKER, H.; CHRISTENSEN, C. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Penso Editora, 2015.
- TRIÁDE Educacional — Tutoriais para recursos digitais — www.triade.me/recursos.

O QUE É PRECISO PARA QUE ESSA SEJA A DÉCADA DA EDUCAÇÃO INFANTIL?



Um olhar atento para a geração que contará o próximo capítulo da humanidade.

TEXTO *Silvana Augusto* ILUSTRAÇÃO *Dora, 6 anos*

DORA acabava de chegar à escola quando se iniciou a quarentena por conta da Covid-19. Em seu último dia de aula presencial, ela deixou registrada uma ideia que revelaria o desejo de todos os adultos: um meio de livrar a humanidade de um poderoso vírus letal. Para Dora, a solução era uma engenhoca que, com seu fluxo rápido e fácil, não apenas higienizaria, mas transformaria a população. Os usuários de sua máquina entrariam nessa esteira, já nos veríamos sem roupas e, em pouco tempo, imunizados! A máquina inoculadora era uma espécie de combo de ressonância magnética, raio-X, *kit* completo com protocolos curativos e moda inverno (notem que já sairíamos vestidos, incluindo o gorro, porque já seria o início do inverno). A máquina é universalmente eficaz e serve para todos.

O desejo da menina foi o de muitos profissionais da área da saúde que já foram meninos e meninas e desenharam, em seus pequenos cadernos, entre brincadeiras de parque e intervalos de recreio, suas próprias invenções. Essas crianças-cientistas, em tempo recorde, chegaram a uma vacina, mas ainda trabalham para produzir seres humanos melhores. Enquanto a máquina da Dora não chega, nós, adultos, compartilhamos a responsabilidade e o espírito humanitário que a virada do século exigiu.

A VIRADA DO SÉCULO E OS APRENDIZADOS PARA A NOVA DÉCADA

Para Lilian Schwarcz, a pandemia de Covid-19, mais de 100 anos depois da gripe espanhola, marca de forma definitiva a virada do século. Somente agora estamos efetivamente nos despedindo do século 20, marcado pela luta contra o racismo, contra a discriminação de todas as diferenças entre as pessoas, sejam elas de gênero, de idade ou de pertencimento social, o fim das utopias, em grande parte sustentadas pela política, abalada pelas novas formas de poder e dominação. Um século que termina diante do fracasso da marcha desenfreada da tecnologia e a consequente exploração dos recursos naturais que, de forma dramática, ameaçam a vida no planeta.

A pandemia trouxe o medo diante da finitude da vida, a insegurança, a dor da perda e da solidão e, muitas vezes, a perspectiva de um futuro incerto. Aos otimistas, a esperança mora na incerteza: o futuro ainda pode ser construído, se nos responsabilizarmos por ele. Isso dependerá dos aprendizados desse tempo, da consciência de que a vida do outro importa e de que, sem solidariedade e respeito, não é possível sequer manter-se vivo.

Parte da responsabilidade pelo mundo, como afirmava Hannah Arendt, se expressa na atenção à educação das crianças. Como queremos nos responsabilizar pelas crianças e, conseqüentemente, pelo mundo? Essa é a pergunta para o educador do novo milênio.

Em meio à chegada do novo século, como vemos a Educação Infantil? Qual é sua atual situação? O que é preciso para que ela seja pauta nacional na próxima década? A resposta pode estar na travessia de crianças e professores pela pandemia.

O IMPACTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A VIDA DAS CRIANÇAS

Nunca se discutiu tanto a Educação Infantil e a sua real necessidade como nesse período de pandemia. O que fazer com as crianças em casa por tanto tempo? Para além da instrução, obtida pelo acesso aos recursos didáticos e bens culturais, como promover a socialização e suprir a falta do contato com outras crianças? Como conciliar o intenso trabalho em esquema *home office* com os cuidados que as crianças demandam?

Mais do que nunca, hoje se reconhece que o papel social da escola vai muito além da guarda dos alunos. É resultado de uma longa construção histórica. A escola Moderna, sobretudo na Educação Infantil, organiza-se com o propósito de avançar as experiências e as aprendizagens das crianças, compreendidas como sujeitos implicados no próprio processo de aprender, guardando as especificidades da infância e seus modos de ver o mundo, promovendo a sobrevivência e o avanço das culturas infantis, desafio da escola contemporânea.

As crianças têm direito à educação, e isso, efetivamente, tem impacto fundamental em seu desenvolvimento. Uma pesquisa realizada em seis capitais brasileiras (CAMPOS; BHERING; ESPOSITO; GIMENES; ABUCHAIM; UNBEHAUM; 2011) concluiu que os alunos se beneficiam da educação recebida no seu próprio desenvolvimento e no futuro de sua escolaridade. Crianças que frequentaram instituições de Educação Infantil de qualidade obtiveram notas 2,9 pontos mais altas na Provinha Brasil — avaliação aplicada no início do Ensino Fundamental —, em relação àquelas que não frequentaram a Educação Infantil. A pesquisa brasileira confirma resultados de pesquisas internacionais semelhantes, mas, no nosso caso, nota-se também que o impacto da Educação Infantil está diretamente atrelado às classes sociais: quanto mais pobres são as crianças, mais positivo é o efeito da escola. »

» Para além do desenvolvimento das crianças, estudos revelam o impacto da Educação Infantil nos índices econômicos de um país. James Heckman, Prêmio Nobel de Economia, aponta a estreita relação entre a desigualdade e o potencial da primeira infância (0 a 5 anos) no enfrentamento da desigualdade social. Aplicado à realidade brasileira, o estudo sinaliza importantes decisões no âmbito de uma política pública para o segmento, sobretudo para as famílias mais pobres, como estratégia de equidade social e ascensão econômica.

Tais impactos, entretanto, estão estritamente relacionados à qualidade da educação oferecida, ou seja, não basta à criança acessar a escola, mas sim participar das experiências de uma boa escola até os 5 anos e 11 meses. Por isso, a Educação Infantil precisa ser pauta prioritária dos investimentos públicos nas políticas educacionais da próxima década. Ela pode ser nossa principal estratégia para a construção de um futuro mais justo, no qual seja possível viver e realizar-se plenamente por meio do trabalho criativo e de relações interpessoais mais responsáveis e solidárias.

OS DIREITOS DAS CRIANÇAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A última década trouxe avanços reais em relação à legislação do segmento e à organização de um currículo. No plano da legislação e da organização do sistema de ensino, isso começa com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e pela Base Nacional Comum Curricular (2017). É papel da DCNEI e da BNCC criar as definições, os instrumentos legais e as bases para o alcance da qualidade no âmbito pedagógico, que são desafios da nova década.

A DCNEI define criança como sujeito histórico e de direito. Para a instituição, creche ou escola, assumir isso implica identificar os direitos de aprender e de se desenvolver e, por fim, reconhecê-los como balizas do projeto pedagógico e do ambiente educativo. Seguindo a DCNEI e assumindo o desafio de um currículo efetivamente potente na Educação Infantil, que atenda aos direitos das crianças nos seus diferentes contextos: no campo, nas comunidades quilombolas, indígenas, ciganas, nos grandes centros urbanos. Para ampliar a qualidade da educação, a BNCC nomeia os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: brincar, conviver, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Tais direitos devem ser tratados em cinco campos de experiências: O Eu, o Outro e o Nós; Gestos, Corpo e Movimento; Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação; Traços, Cores, Sons e Formas; Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações.

Nesse contexto, passa a ser papel da escola de Educação Infantil assegurar as melhores condições para que toda criança brasileira, independentemente da região do país, da origem social e da pertença cultural, viva experiências que garantam seus direitos de aprender e de se desenvolver. É esse, talvez, o maior desafio da próxima década.

Mas como assegurar os direitos das crianças com a escola

fechada e todas as famílias em plena quarentena? A experiência é o conceito fundamental da BNCC da Educação Infantil, mas como lidar com isso se as crianças se restringem ao ambiente doméstico no período de isolamento social? Que experiências podem atravessar adultos e crianças diante de tantas restrições?

EDUCAÇÃO PRESENCIAL VERSUS ENSINO REMOTO: UM FALSO DILEMA

Em primeiro lugar, é preciso considerar que toda experiência vivida pelas crianças durante o distanciamento social talvez seja a mais importante de sua geração. Todas as crianças vão se lembrar do que viveram nesses anos, pois todas terão passado pela quarentena. Tudo o que elas viveram se constituirá na memória futura desse tempo tão incerto.

É igualmente importante lembrar que, infelizmente, nem todas as crianças brasileiras tiveram o privilégio de serem protegidas por suas famílias, isoladas na quarentena. O que deveria ser direito, em muitos casos, foi a expressão de privilégios sociais. Por isso, pode-se afirmar que são muitas e muito diversificadas as experiências de quarentena, mas, ainda assim, são experiências de vida que precisam ser recuperadas no retorno à escola, quando for possível e seguro retornar.

Há crianças que brincaram muito nos quintais, na companhia de irmãos e primos. Outras tiveram pouco ou nenhum contato com crianças da mesma idade. Há quem acompanhou a escola remota e lidou com os desafios da interação mediada por tecnologias da comunicação, enquanto outras sequer sabiam que a escola estava lá, procurando fazer-se presente na oscilação do sinal de internet que nunca chegava às suas casas. Alguns municípios brasileiros, cientes de sua responsabilidade, criaram inúmeros dispositivos inovadores para chegar até os pequenos: transmissões de histórias narradas e lidas pelos professores na rádio comunitária; carros de som que levavam as histórias até as crianças do campo, nas localidades mais distantes e com pouco ou nenhum recurso para garantir a escolaridade; programas especiais com conteúdos infantis, produzidos em estúdios improvisados pelos professores, em suas escolas, secretarias de educação, transmitidos por um canal do YouTube; redes de transmissão de conteúdos via *WhatsApp*.

O que esse tempo e todas essas experiências deixaram foi o reconhecimento de que a escola, mesmo não estando próxima fisicamente, num endereço, numa rua, num bairro, pode se endereçar às crianças e fazer-se presente de alguma forma, afirmando a elas que aquele seu mundo, aquela vida

infantil, os assuntos de infância que só são conversados naquela coletividade de pares, tudo continua existindo e vai voltar. Uma condição mínima para seguir esperando o amanhã.

No início da pandemia, discutiu-se sobre a presença das telas na vida das crianças. Jerusalinsky (2017) já alertava a respeito do impacto da intoxicação eletrônica sobre a subjetividade. Para ela, o problema dos *smartphones* e *tablets* mora no fato de que frequentemente substituem o outro e, no lugar desse encontro, oferecem avatares que respondem automaticamente e emitem estímulos que informam pouco ou nada sobre o caráter humano das relações. Mas o que se pode fazer com as tecnologias quando, em vez do vazio existencial, elas passam a ser ocupadas pelas pessoas confinadas que, na fragilidade dos dias, procuram qualquer meio de fazer contato, de dizer em voz alta, de cantar, de produzir qualquer gesto para se colocar presente nas casas das crianças?

Inspiradas por essas provocações, escolas em todo o Brasil inovaram práticas pedagógicas usando diferentes plataformas, diminuindo as distâncias e comprovando que educação presencial *versus* ensino remoto pode ser um falso dilema que esconde, de modo perverso, as desigualdades sociais que, estas sim, em determinados contextos, isolaram ainda mais crianças que já viviam à margem de seus direitos essenciais.

A Educação Infantil sempre reconheceu a prioridade do trabalho presencial, num ambiente adequado para isso. O entusiasmo diante das possibilidades tecnológicas foi sustentado tão somente pela possibilidade de diminuir os distanciamentos, necessários na quarentena; ele é, portanto, provisório e contextualizado. Nada substituiu o encontro face a face e a interação direta criança-criança. Mas na falta de toda a possibilidade de uma escola efetiva, uma versão de escola nas telas é uma alternativa para reconhecer ali o afeto da professora e dos colegas, nos materiais que sua escola enviou, nos encontros síncronos nas plataformas digitais.

DE OLHO EM UM FUTURO MELHOR PARA AS CRIANÇAS

O sucesso da Educação Infantil e a consolidação de um trabalho pedagógico efetivo dependem de investimentos no âmbito da política de educação, do financiamento público da Educação Infantil, sobretudo de crianças de 0 a 3 anos, etapa ainda pouco atendida nacionalmente. Além disso, é preciso que se formem bons professores, que sejam valorizados em seu papel de acompanhar o desenvolvimento das crianças e de promover avanços

em diferentes planos. Professores que se fazem presentes, nos contextos mais diversos, que sejam atentos e sensíveis à escuta das crianças, que possam reconhecer a centralidade de suas experiências para o currículo escolar e que possam, a partir do seu lugar como adultos, apresentar o mundo aos alunos, a linguagem, o patrimônio de sua cultura, as práticas sociais de seu entorno, os direitos humanos fundamentais ao século 21.

Os investimentos necessários para que a Educação Infantil esteja na pauta dessa década, quem sabe do próximo século, são trabalhosos e exigem o envolvimento de familiares, professores, equipe escolar, gestão e, por fim, de toda uma comunidade. Só assim poderemos, como sociedade, assumir o compromisso maior diante da chegada de um mundo novo, como dizia Hannah Arendt. Que a chegada das crianças a esse novo século seja plena e que todas elas tenham a chance de seguir seus percursos de aprendizagem e desenvolvimento como sujeitos de seu tempo, renovando o mundo com o olhar fresco, com seus pontos de vista tão singulares, curiosos, e sua intensa produção cultural, cumprindo assim o importante papel de também renovar os adultos. □

SILVANA AUGUSTO

é Doutora em Educação (FEUSP), coordenadora pedagógica da Pós-graduação Investigações e Fazeres no Instituto Singularidades, assessora pedagógica de redes municipais de ensino para a Educação Infantil, assessora do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP), consultora da BNCC (MEC 2016-2017), coordenadora pedagógica da Educação Infantil e ciclo de alfabetização do Colégio São Domingos (SP). Produz materiais para a formação docente. Coautora de diversos livros, como *O trabalho do professor de Educação Infantil* (Ed. Biruta), *Bem-vindo mundo: criança, cultura e formação de professores* (Ed. Peirópolis), *Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental: dez desafios para ensinar* (Ed. Ática) e *Ver depois de olhar: a formação do olhar do professor de Educação Infantil para os desenhos das crianças* (Ed. Cortez).

PARA SABER MAIS

- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017.
- BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.
- BRASIL. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CAMPOS, M. M.; BHERING, E. B.; ESPOSITO, Y.; GIMENES, N.; ABUCHAIM, B.; UNBEHAUM, R. V. S. A contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental. *Fundação Carlos Chagas. Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 15-33, jan./abr. 2011.
- DE CERTAU, M. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEIRA, Z. M. R. *Campos de experiências: efetivando direitos e aprendizagens na Educação Infantil/Ministério da Educação*. São Paulo: Fundação Santillana, 2018. Disponível em: mod.lk/edzo_lr1. Acesso em: 28 mar. 2021.
- SCHWARCZ, L. M. *Quando acaba o século XX*. Breve Companhia, Ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PARA
FALAR
SOBRE
GÊNERO
NA ESCOLA



É preciso refletir sobre o que estamos traçando para as futuras gerações em relação à igualdade e à equidade de gêneros. Vamos juntos?

TEXTO *Januária Alves*



O BRASIL é o 5º país no mundo — em um grupo de 83 — em que se matam mais mulheres, de acordo com o Mapa da Violência de 2015, organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). Entre 2003 e 2013, o número de mulheres mortas em condições violentas passou de 3.937 para 4.762 — o que representou 13 feminicídios por dia —, registrando um aumento de 21% na década.

Em 2017, houve 12.112 registros de violência contra pessoas trans e 257.764 casos de violência contra homossexuais ou bissexuais no Brasil. Foram 11 agressões contra pessoas trans e 214 contra pessoas homo/bi no país a cada dia. No mesmo

ano, mulheres foram 67% das vítimas de agressão física registradas no país.

Os números falam por si e justificam por que as questões de gênero estão não apenas nas páginas policiais da mídia, mas também nas salas de estar das famílias e adentrando as salas de aula. É preciso falar sobre essas questões para fornecer subsídios para que as crianças e os jovens compreendam que elas têm muito a ver com a nossa vida cotidiana e para que sejam capazes de transformar essa realidade cruel e difícil de lidar.

“Carregamos dados alarmantes de violência de gênero. O Brasil está entre os primeiros no *ranking* de feminicídio e é

o primeiro em assassinato de pessoas travestis e transexuais. Não podemos mais nos silenciar e naturalizar esses dados. Estamos falando sobre precarização de existências, sobre mortes e desumanização de sujeitos. É compromisso da educação falar da vida e buscar caminhos pluriversais que tornem possível o direito básico e essencial de existir, de trabalhar, de conviver, de ser”, afirma Vanessa Fort, uma das autoras do livro *Para falar sobre gênero*, lançamento da Coleção Informação e Diálogo, publicada pela Moderna. Uma das questões centrais do livro é discutir essas questões tão complexas, apontando possíveis caminhos para uma ►

» abordagem em sala de aula livre de preconceitos e baseada nas evidências científicas, nos estudos sociais e nas manifestações culturais. De modo a ajudar as novas gerações a compreender que essa é uma construção histórica e que, portanto, pode e deve ser transformada.

Sabemos que temáticas com essa complexidade, muitas vezes, levam a um “afastamento” das pessoas, porque é realmente difícil encarar que seres humanos submetam outros a esse tipo de tratamento, e, então, é preferível não ver ou não falar sobre isso. E na escola não é diferente. O desafio de levar esse assunto para a sala de aula envolve não apenas questões de ordem ética e sexual, mas sobretudo a quebra de estereótipos e preconceitos que fazem com que o assunto ainda seja tabu nos dias de hoje. “... é no dia a dia, nas relações mais próximas, na micropolítica, que percebemos o quanto esse tema é necessário. [...] é urgente que nas escolas e nas famílias se conheça e se discuta pensamentos e ideias de pensadoras que há tempos vêm nos ampliando o olhar para as questões e os desafios do mundo contemporâneo. Elas nos emprestam lentes novas para ver o mundo”, chama atenção Gabriela Romeu, a outra autora do livro. Para ela, é fundamental que essa produção intelectual, ainda nova no mercado, seja levada para a escola. São livros, vídeos, reportagens, produzidos por mulheres, que trazem um olhar descongestionado e mais objetivo para servir de inspiração para um debate na escola.

“As pensadoras negras têm, historicamente, aberto uma imensidão de dimensões críticas a essa discussão, no Brasil e no mundo, mostrando nossos abismos históricos. Nomes como Lé-lia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento, Bell Hooks, Angela Davis, Carla Akotirene, Maria Clara Araújo, Winnie Bueno, Floutine Marie, Neon Cunha, Thiffany Odara estão entre algumas delas”, complementa a coautora Vanessa.

QUESTÃO MUTÁVEL E MUTANTE

A questão de gênero, como todas aquelas que envolvem o ser humano, transforma-se com o tempo. Compreender

essa mutabilidade e analisar como ela se manifesta no nosso cotidiano é um dos desafios que a escola enfrenta nos dias de hoje.

No final de 2020, o Liceu Franco Brasileiro, colégio localizado na zona sul do Rio de Janeiro, havia decidido adotar a neutralidade de gêneros em suas comunicações internas. Todavia, o uso do termo “queridos alunes” em documentos oficiais desencadeou uma polêmica com algumas famílias e alunos que questionaram o posicionamento. A resposta do colégio veio com um parecer nas redes sociais, comunicando que voltaria a utilizar a norma culta da língua. Entretanto, a instituição informou que não deixaria de abordar a questão de gênero dentro dos muros da escola. A circular divulgada pelo Liceu fala do “compromisso com a promoção do respeito à diversidade e da valorização das diferenças no ambiente escolar”. Ou seja, ao tentar incluir questões contemporâneas no cotidiano escolar, a direção encontrou resistências. Mas nem por isso se intimidou e, segundo eles, a proposta é que o Comitê da Diversidade e da Inclusão do colégio faça palestras sobre a questão para conscientizar a comunidade da necessidade de mudança de atitude na própria escola.

Mudança de mentalidades e atitudes leva tempo, e nesse caso, em primeiro lugar, é preciso esclarecer que o termo “ideologia de gênero” necessita de uma definição específica, pois, na maior parte das vezes, as definições que nos chegam não passam de um conjunto de suposições e ideias preconcebidas e não verificadas pela ciência.

Segundo os autores do canal do YouTube Meteoro Brasil, em seu livro *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota*, “... a teoria da conspiração de que existe uma ideologia de gênero disposta a agir sobre a sexualidade (em especial de crianças) parece apontar de maneira vaga, desregrada e até contraditória para um conjunto de políticas educacionais, ações de saúde pública ou ativismos destinados a promover a igualdade entre homens e mulheres ou a resguardar os direitos da comunida-

DO CAMPO DO DIREITO À ANTROPOLOGIA, DA BIOLOGIA À PSICOLOGIA, OS ESTUDOS DE GÊNERO BUSCAM ELUCIDAR COMO NOS COMPREENDEMOS E NOS RELACIONAMOS; POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS E SIGNIFICAMOS O QUE SIGNIFICAMOS. [...] ENVOLVE(M) A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO HUMANA, A EDUCAÇÃO REPRODUTIVA PARA A SAÚDE E A CONSCIENTIZAÇÃO PARA AS DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE NÓS. NENHUM DESSES ESTUDOS ENSINA COMO DEVEMOS SER: PELO CONTRÁRIO, QUESTIONAM AS FORMAS COMO APRENDEMOS A NOS IDENTIFICAR DE ACORDO COM AS NORMAS QUE NOS ESCAPAM.

de LGBTQIA+”. Ou seja, como frisam os autores, “... a ideologia de gênero é usada como uma caricatura grotesca e generalizadora dos estudos de gênero”.

MAS, AFINAL, O QUE SÃO OS ESTUDOS DE GÊNERO?

Os autores do Meteoro Brasil resumem assim o seu conceito e aplicabilidade: “Do campo do direito à antropologia, da biologia à psicologia, os estudos de gênero buscam elucidar como nos compreendemos e nos relacionamos; por que fazemos o que fazemos e significamos o que significamos. [...] envolve(m) a educação para a formação humana, a educação reprodutiva para a saúde e a conscientização para as diferenças e semelhanças entre nós. Nenhum desses estudos ensina como devemos ser: pelo contrário, questionam as formas como aprendemos a nos identificar de acordo com as normas que nos escapam”.

Segundo a cartilha Princípios de empoderamento das mulheres, produzida pela ONU/Mulheres, gênero refere-se ao “conjunto de características sociais e culturais atribuídas às pessoas, geralmente em função do seu sexo. Enquanto o sexo biológico é determinado por características genéticas e anatômicas, o gênero é uma identidade adquirida que é aprendida, muda ao longo do tempo e varia amplamente dentro e entre as culturas. Trata-se dos comportamentos, valores e atitudes que a sociedade define como sendo próprios de homens ou de mulheres. Enquanto as diferenças de sexo são biológicas, as de gênero são culturais e dinâmicas, podendo se transformar de acordo com o desenvolvimento específico de cada sociedade. Sua principal característica está na mutabilidade, isto é, na possibilidade de mudança na relação entre homens e mulheres através do tempo”.

IGUALDADE E EQUIDADE DE GÊNERO

Se antes os papéis femininos e masculinos estavam definidos e os outros gêneros eram silenciosamente negados e colocados para baixo do tapete, se as injustiças entre homens e mulheres,

entre negros e brancos, se a violência e o *bullying* para com os LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais) era ignorada, nos dias de hoje isso já não é mais possível, seja porque a mídia revela essas injustiças todos os dias, seja porque tais minorias estão ganhando espaço e fazendo valer as suas vozes. Portanto, abordar a questão da igualdade e equidade de gêneros deve ser um compromisso da escola, já que esse debate é uma das bases para a construção de uma sociedade democrática e igualitária, com menos preconceito e discriminação.

Ainda segundo a cartilha da ONU/Mulheres, igualdade de gênero significa que “os diferentes comportamentos, aspirações e necessidades das mulheres e dos homens são considerados, valorizados e favorecidos equitativamente”. Já a equidade de gênero implica que “as mulheres e os homens são tratados de forma justa de acordo com as respectivas necessidades e privilégios. O tratamento pode ser igual ou diferenciado, entretanto considerado equivalente em termos de direitos, benefícios, obrigações e oportunidades”. Nesse sentido, é preciso que ações e comportamentos que promovam a igualdade e a equidade de gêneros comecem já na escola.

No livro *Para falar de gênero*, as autoras dão exemplos de como algumas escolas no mundo já estão tentando trazer para o seu cotidiano práticas dessa ordem. “Numa escola de educação infantil (Nicolaigarden), em Estocolmo, na Suécia, os professores não usam pronomes como “ele” e “ela” ao falarem das crianças. Em vez disso, chamam meninas e meninos pelo termo *hen*: palavra sem gênero. A biblioteca dessa escola tem poucos livros de contos de fadas cheios de princesas indefesas, e as meninas não são estimuladas a só brincar de casinha, assim como os meninos também brincam com bonecas”, relatam no livro.

Sabemos que não há uma fórmula prática e objetiva para se abordar temas como esse em sala de aula. Porém, abrir o espaço para que crianças e jovens possam aprender, questionar e se informar sobre o assunto já é um começo impor-

ante. Portanto, o livro *Para falar de gênero* é um convite atual para que a escola “siga em diálogo com diversos canais e pessoas que se dedicam a esse debate *on* e *off-line*. Opiniões tão diferentes como todas essas que você leu ao longo deste livro reafirmam a importância de escutar muitas versões e não achar que existe apenas uma verdade. Dialogar e debater é muito importante para a gente aprender e formar nossa própria opinião”, frisam as autoras, dirigindo-se aos jovens leitores, no encerramento da obra. É preciso que essa geração (e as futuras) cresça acreditando que ser e existir como cada um é e quer é um direito inalienável de todo ser humano. ■

JANUÁRIA CRISTINA ALVES

é Mestre em Comunicação Social pela ECA/USP, jornalista, educadora, autora de mais de 50 livros infantojuvenis, duas vezes vencedora do Prêmio Jabuti de Literatura Brasileira. É coordenadora da Coleção Informação & Diálogo, consultora de projetos de Educação e Comunicação para empresas e instituições educacionais e realiza palestras e oficinas para educadores, crianças e jovens, sobre Educação Literária, Alfabetização Midiática e Informação e Storytelling. Acesse www.entrepalavras.com.br.

PARA SABER MAIS

- ADICHIE, C. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AUAD, D. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRASIL, M. *Tudo o que você aprendeu para virar um idiota*. São Paulo: Planeta, 2019.
- IACONELLI, V. Carta aos homens. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 3 nov. 2020. Caderno Cotidiano, p. 3.
- LINS, B.; MACHADO, B.; ESCOURA, M. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. São Paulo: Reviravolta, 2016.
- ONU. Princípios de empoderamento das mulheres. ONU Mulheres e Rede Brasil do Pacto Global. Disponível em: mod.ik/educ20_p. Acesso em: 8 fev. 2021
- PERES, P. As meninas estão mudando a escola. Disponível em: mod.ik/educ20p2. Acesso em: 8 fev. 2021.
- PRATA, A. Pauta de costumes. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 19 set. 2019. Caderno Cotidiano, p. 3.
- VARELLA, D. Ideologia de gênero. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 15 set. 2019. Caderno Ilustrada, p. 8.



PROJETO
ADOLESCER

· jovens preparados para o mundo ·

INFORMAÇÃO É PODER



A partir da coleção **Informação e Diálogo**, o **Projeto Adolescer** prevê a criação de redes de aprendizagem: uma prática em que os alunos, mediados pelos educadores, constroem conexões diversas a partir de um tema gerador.

Transforme alunos em cidadãos conscientes.



Confira a nossa sugestão de aplicação prática do **Projeto Adolescer**:
<http://mod.lk/infoedia>



Sintonia com as dez competências da BNCC



Lançamento 2021



MODERNA



www.moderna.com.br



@editoramoderna



/editoramoderna

COVID-19: DESINFORMAÇÃO E O ANALFABETISMO CIENTÍFICO BRASILEIRO

O que a Covid-19 e as notícias falsas nos mostram sobre a alfabetização científica do brasileiro e a relação entre o ambiente acadêmico, a escola e a população?

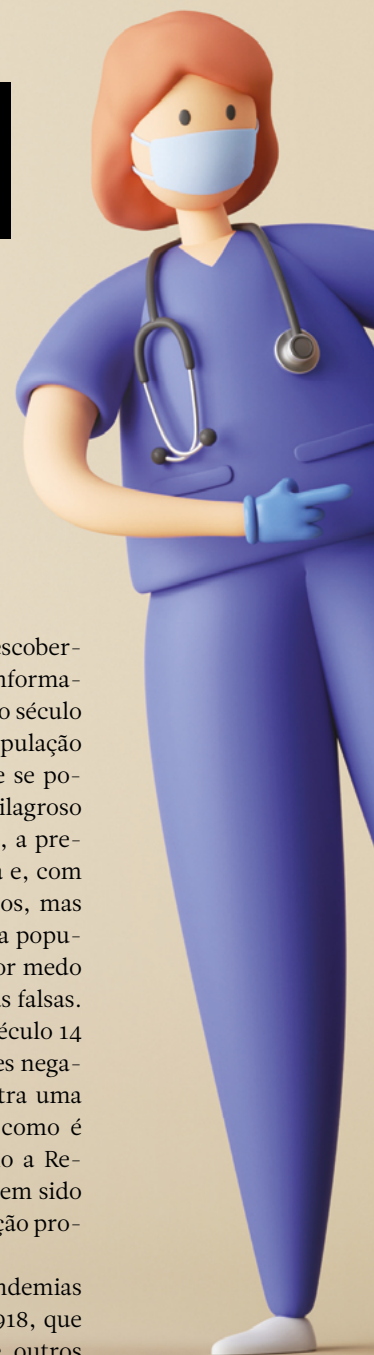
TEXTO *Laura Celotto Canto Leite*

A COVID-19 surgiu em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, e, em pouco tempo, começou a se espalhar por outros países, chegando oficialmente ao Brasil em fevereiro de 2020. Com a pandemia, vimos um aumento substancial na criação e na divulgação de diversas notícias falsas sobre a doença no país. Alguns estudos mostram que, entre março e abril de 2020, cerca de 90% das notícias falsas compartilhadas por redes sociais como WhatsApp, Facebook e Instagram se referiam ou a métodos caseiros não testados cientificamente para prevenir ou curar a Covid-19 ou à ideia fantasiosa de que o Sars-CoV-2 foi criado como estratégia política.

Em tempos nebulosos como estes, diante de uma pandemia de surgimento inevitável — mas de prevenção e gestão pública possíveis —, deparamo-nos com diversas informações falsas, sem nenhum embasamento científico, e com divulgação de pensamentos abstratos e infundados que levam a comportamentos antiquados, como o negacionismo diante de vacinas comprovadamente eficazes. Essa simples percepção da dinâmica social que estamos vivendo, não só no Brasil, mas em outros países, é um indicativo que prenuncia o tamanho da população que pode ser considerada analfabeta ou pouco alfabetizada cientificamente.

Em pleno século 21, em meio a tantas descobertas científicas e do poder de divulgação de informações da internet, parece que voltamos para o século 15, quando a peste bubônica assolava a população da Europa e de parte da Ásia e tudo o que se podia fazer era torcer por uma cura ou fim milagroso da doença. Pois bem, no caso da Covid-19, a prevenção foi trazida pela tão esperada vacina e, com ela, a possibilidade de diminuição dos casos, mas uma parcela bastante considerável da nossa população continua a preferir não se vacinar, por medo de tudo o que foi disseminado pelas notícias falsas. Imaginem o que a população europeia do século 14 pensaria ao descobrir que seus descendentes negariam a prevenção tão pedida por eles contra uma doença. Negacionistas sempre existiram, como é exemplificado por eventos históricos como a Revolta da Vacina (1904), mas o movimento tem sido potencializado pela facilidade de comunicação promovida pela internet.

Hoje, somos ainda mais suscetíveis a pandemias do que a população do século 14 ou a de 1918, que enfrentou a gripe espanhola, pois, entre outros motivos, estamos nos locomovendo de maneira bem mais rápida a regiões muito mais distantes. No início da pandemia, Yuval Noah Harari, professor ►





» de História da Universidade Hebraica de Jerusalém e famoso por suas obras de divulgação científica, como *Sapiens: uma breve história da humanidade*, escreveu o artigo “Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade”, publicado na revista *Time*, em que fala sobre a globalização permitir a dispersão muito mais rápida de um vírus, mas também ser a responsável pela distribuição mais rápida de uma possível cura ou prevenção.

Se, por um lado, estamos sob a ameaça das notícias falsas, por outro, a globalização nos trouxe a vantagem da rapidez no compartilhamento de informações reais e estudos avançados — o que pode ser o ponto de virada contra um novo patógeno e outras ameaças. Mesmo com tantas informações confiáveis, por que a população ainda não está bem informada? Porque a rapidez de um clique de compartilhamento em qualquer rede social também facilita a divulgação de informações falsas, principalmente vindas de pessoas (familiares ou amigos) que nos parecem relevantes ou bem-informadas. Compartilhamos o que recebemos sem acessar o nosso senso crítico e a apuração dos dados.

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, utilizou a frase “nós não estamos lutando apenas contra uma pandemia, nós estamos lutando contra uma infodemia” durante a Conferência de Segurança de Munique de 2020 para descrever este momento pandêmico. Não estamos enfrentando apenas a Covid-19 e problemas econômicos decorrentes dela: a situação é extremamente crítica quando falamos sobre desinformação e disseminação de notícias com conteúdos equivocados e, até mesmo, perigosos para a saúde de quem os segue. Temos chefes de Estado, médicos e outros profissionais ao redor de todo o planeta que continuam a incentivar, após um ano de pandemia, a ingestão de remédios sem eficácia comprovada contra a infecção pelo Sars-CoV-2.

Nesse contexto de imersão em inúmeras informações, o cidadão que não é alfabetizado cientificamente — aqui, não estamos falando em classe social — não consegue detectar erros conceituais básicos em notícias falsas, se sente perdido em meio ao excesso de informação e escolhe o que mais lhe convém, de acordo com opinião pessoal, política, religiosa ou, ainda, movido pela antipatia ao divulgador de notícias, jornal ou *site*. E, então, nos encontramos em uma sociedade em que a opinião pessoal, baseada em qualquer pensamento, que não o científico, acaba se sobrepondo, nas conversas e práticas cotidianas, a evidências, argumentos e estudos científicos.

A RELAÇÃO ENTRE A ACADEMIA E A SOCIEDADE

As universidades públicas e outros institutos e órgãos têm como função, de forma breve, a pesquisa científica e o desenvolvimento de tecnologia visando à melhora na qualidade ambiental e de vida dos integrantes da sociedade. Por esse motivo, esses ambientes deveriam estar conectados com a população constantemente, mas faltam políticas públicas, conhecimento da população e desenvolvimento de mais projetos que efetivem essa conexão. Diante do desconhecido, diversas notícias falsas sobre o ambiente acadêmico são compartilhadas todos os dias nas redes sociais.

O problema da divulgação dos estudos e descobertas das universidades públicas é um pouco maior do que a discussão sobre o ambiente acadêmico estar ou não disponível para acolher a população em geral: a maioria das pessoas não sabe como funciona a academia, nem que pode conhecer mais sobre o que é produzido para a própria população dentro desse ambiente.

Afinal, como os cientistas podem levar informação de qualidade e conhecimento para a população fora da academia? Divulgação científica! Uma pessoa que pouco lê, que pouco se informa, não irá, de repente, passar a se interessar por ler artigos científicos, muitas vezes em outras línguas e bastante complexos. Fazer divulgação científica, que seja chamativa, rápida, informativa e até mesmo divertida, é mais do que obrigação dos acadêmicos e cientistas, é uma necessidade social.

Desde o início da pandemia, muitos laboratórios de universidades ou grupos de cientistas criaram conteúdos diferenciados para as redes sociais. Muitas *lives* foram oferecidas por institutos, museus, laboratórios, e por cientistas em suas casas. Canais que já eram conhecidos cresceram, principalmente os que trazem informações confiáveis sobre o Sars-CoV-2 e a pandemia de Covid-19.

A FUNÇÃO DA ESCOLA NO COMBATE ÀS NOTÍCIAS FALSAS E NA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

A escola e seus educadores têm como função centralizadora promover a autonomia no estudo e no aprendizado dos estudantes, o que, se for feito, contribui para o protagonismo do aluno em seu desenvolvimento científico, escolar e de cidadão informado. Dentro dessa situação, é essencial que a escola promova atividades que estimulem a empatia e a formação de uma visão voltada para a sociedade e não para o individualismo. Quando essas



“
NÃO ESTAMOS LUTANDO
APENAS CONTRA UMA
PANDEMICIA, ESTAMOS
LUTANDO CONTRA
UMA INFODEMIA.”

TEDROS ADHANOM
GHEBREYESUS



qualidades são formadas, junto com uma visão positiva da Ciência, o sujeito passa a se posicionar de forma mais justa e ética.

Voltando um pouco ao início, você reparou o número de pessoas que se nega a tomar a vacina contra Covid-19, utilizando argumentos enviesados, errôneos e sem embasamento científico algum? Pessoas que se negam a entender que sua postura é extremamente egoísta em relação à sociedade. Sabemos que a vacina só funciona se for administrada em uma grande parcela da população, pois, se isso não ocorrer, o vírus, que apresenta altas taxas de mutação, passa a ter outras variedades e a causar, inclusive nas pessoas vacinadas, outra variedade da doença, provocando uma nova onda de infecções e uma consequente nova pandemia. Indivíduos pertencentes a grupos populacionais que, por falta de estudos científicos conclusivos, ainda não podem receber a vacina (como gestantes, menores de 18 anos e pessoas com reação anafilática contra algum

dos componentes da vacina) dependem de o resto da população ser imunizada para que possam se beneficiar da tão falada imunidade de rebanho.

Essa é uma conclusão a que jovens estudantes de Ciências da Natureza (Fundamental 2 e Médio) chegam ao estudar os princípios básicos de epidemias e pandemias, vacinas, prevenção, mutação de vírus — e consequente formação de novas variedades desses microrganismos e da doença causada por eles —, antigas epidemias e pandemias e a erradicação de doenças (como a varíola, primeira doença para a qual foi criada uma vacina). No entanto, curiosamente, muitos adultos que não atuam na área científica não conseguem perceber o mesmo que as gerações mais novas, não aceitam e, pior, perdem tempo contestando informações validadas cientificamente em vez de se informar em fontes confiáveis.

Com as mudanças na educação propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e outras tendências que surgiram na educação, espera-se que as escolas e os educadores abordem os temas relevantes para o desenvolvimento de cidadãos bem-informados, que consigam tomar decisões responsáveis para si e para a sociedade. É essencial que o ensino deixe de flertar constantemente com o tradicionalismo e passe a estimular o protagonismo dos estudantes, utilizando-se de técnicas de ensino como as metodologias ativas, que não deixam a curiosidade humana se esvaír. É necessário que, como estudantes, os futuros adultos aprendam a procurar e identificar informações confiáveis, assim como validá-las quando recebidas em qualquer tipo de formato (conversas, vídeos, textos), acompanhadas ou não de fontes, assim como saber pesquisar se a fonte citada é verdadeira ou se o nome de uma instituição de credibilidade ou de um especialista foi utilizado apenas como suporte a uma mentira.

Apenas com a permanência da curiosidade e do desenvolvimento adequado de senso crítico dos jovens, desenvolveremos uma sociedade mais saudável, cunhada em conhecimento científico, com cidadãos que escolham adequadamente seus representantes, contestem suas decisões e condenem a divulgação de notícias falsas. ■

LAURA CELLOTO CANTO LEITE

é bacharela e licenciada em Ciências Biológicas pela Unicamp, professora de Ciências da Natureza e de Biologia em escolas particulares de Campinas (SP) e autora de livros didáticos de Ciências da Natureza.

Livros

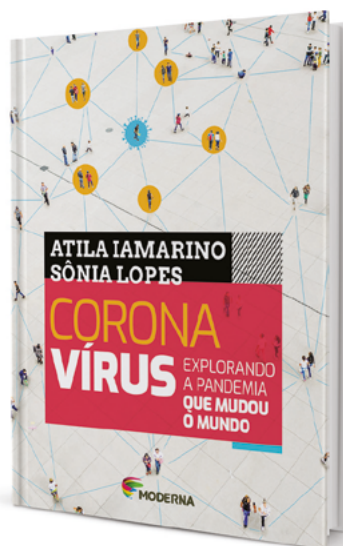


CRÔNICAS INDÍGENAS PARA RIR E REFLETIR NA ESCOLA

por Daniel Munduruku

Em pequenos textos divertidos, Daniel Munduruku rebate estereótipos, diverte o leitor e dá uma aula sobre a história dos povos indígenas brasileiros. Um mergulho reflexivo em temas recorrentes sobre a vida nas aldeias brasileiras para nos ajudar a “desentortar” pensamentos antiquados e dar a oportunidade de conhecer outras realidades a partir de crônicas cotidianas e anedotas para refletir.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil mod.lk/ed20_fv1.



CORONAVÍRUS: EXPLORANDO A PANDEMIA QUE MUDOU O MUNDO

por Atila Iamarino e Sônia Lopes

A pandemia da Covid-19 transformou o mundo e virou parte da história. Nessa obra, escrita por Atila Iamarino, uma das maiores referências no assunto no Brasil, em parceria com Sônia Lopes, grande autora de livros didáticos, você vai encontrar informações completas sobre o coronavírus SARS-CoV-2, adentrar o funcionamento do corpo humano e ainda conhecer mais sobre pandemias do passado. Voltado para estudantes e professores, o livro traz atividades de análise, interpretação e compreensão dos dados. Além de atender às exigências do Novo Ensino Médio, com o desenvolvimento das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a importância do tema envolve a todos da geração que vai contar essa história.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil mod.lk/ed20_fv2.



SERENIDADE: MINDFULNESS PARA CRIANÇAS

por Wynne Kinder

Inteligência emocional é a bola da vez. Em um mundo com tantas informações simultâneas, atividades e conteúdos a serem explorados, estamos esquecendo do primordial: respirar. Nessa obra, você vai encontrar atividades para ajudar as crianças a aprender a ter foco, a encontrar a serenidade e a se divertir. Uma série de propostas e exercícios simples para estimular a criatividade e a ludicidade. As práticas de *mindfulness* promovem a gentileza nas crianças, ajudando-as a lidar com as emoções. Pequenas mudanças na rotina podem fazer uma enorme diferença!

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.

Vídeos



PALAVRAS ÀS PROFESSORAS QUE ENSINAM A LER E A ESCREVER

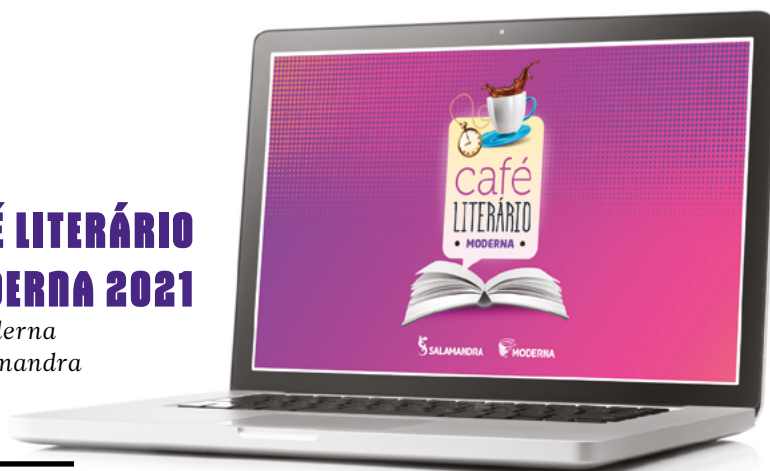
POR Ana Teberosky, Beatriz Cardoso e Angélica Sepúlveda

De forma clara e objetiva, o livro se propõe a adentrar a infraestrutura do processo de leitura e escrita, orientando decisões pedagógicas relativas ao ensino da alfabetização. O material pretende ser um ponto de partida para as escolas preparem seus planejamentos com os materiais oficiais e não oficiais que chegam a suas mãos com segurança e autonomia. A iniciativa é uma parceria entre Fundação Santillana, Moderna e Laboratório de Educação.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/ed20_fv4.

CAFÉ LITERÁRIO MODERNA 2021

POR Moderna e Salamandra



A 4ª temporada do Café Literário Moderna traz bate-papos mensais temáticos que geram reflexões e debates. Com a presença de grandes autores, convidados e escolas parceiras, você vai receber indicações de obras literárias, conhecer experiências literárias e se encantar com o poder da literatura para acolher e transformar temas difíceis em aprendizados. A transmissão é mensal, gratuita e ao vivo no Facebook e no canal do Youtube da Moderna.

SAIBA MAIS Acompanhe a programação completa em mod.lk/cl21_e20.

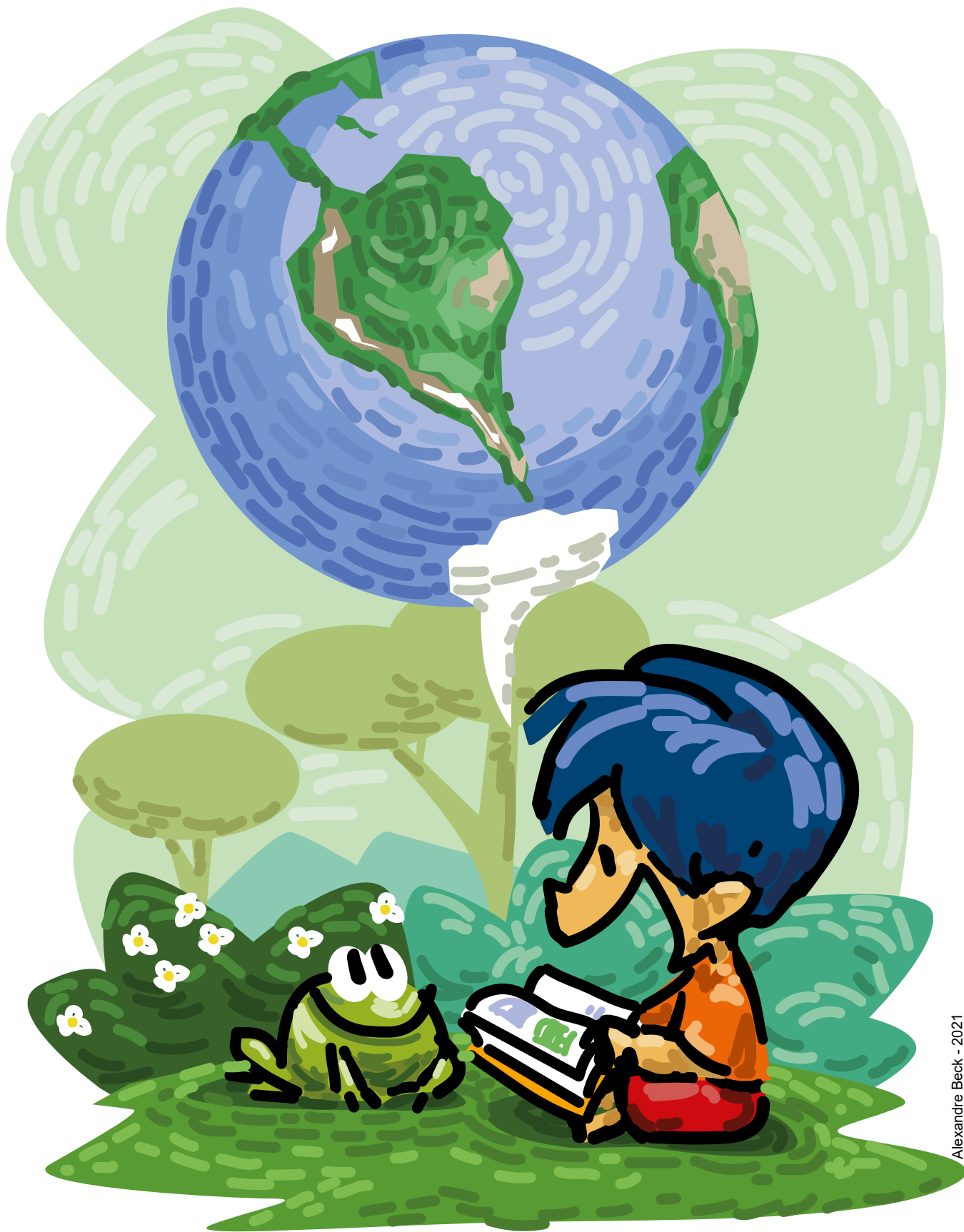
BNCC NA PRÁTICA 2021

POR Moderna



Em sua 4ª temporada, o ciclo de webinar BNCC na prática vai adentrar o universo do ensino híbrido. Convidamos grandes nomes da educação brasileira e especialistas no tema para compartilhar ferramentas e práticas que tornem o ensino híbrido mais significativo para as múltiplas realidades do Brasil, desde a aprendizagem colaborativa até a inclusão digital e a avaliação nesse modelo. Todas as formações são gratuitas e transmitidas ao vivo no Facebook e no canal do Youtube da Moderna.

SAIBA MAIS Acompanhe a programação completa em mod.lk/bncc21_e.



Você ama literatura.
**E eu posso te ajudar
nas melhores escolhas.**



Oi, eu sou a *GENIUM*,
a **inteligência artificial**
da Moderna.



Com **comandos de voz ou texto**,
faço propostas de títulos do nosso catálogo de
literatura de acordo com o que você precisa.

Sua busca pode ser por tema, autor, título...

Ah! Só não se esqueça que **eu aprendo** sempre
com você! Quanto mais você pesquisa, mais
relevantes se tornam as minhas respostas.

Baixe agora o app!



mod.lk/genium



mod.lk/i_genium



Fundação Santillana

A EDUCAÇÃO NOS UNE

- Divulgação de análises, indicadores e boas práticas de políticas públicas.
- Incentivo à formação continuada com soluções inovadoras e criativas.
- Webinários que convidam a refletir sobre novos paradigmas educacionais e a pensar o futuro pós-pandemia.

A primeira definição
um currículo adaptativo e trans

Há dois paradigmas clássicos para definir o sistema educacional: um é adaptativo, ou seja, o currículo é adaptado às necessidades da sociedade, do momento ou da cultura em questão. A educação é moldada. Quando os parâmetros do currículo

CONHEÇA NOSSAS AÇÕES E INICIATIVAS

fundaçãosantillana.org.br